

Projetar a Memória

Convento do Carmo de Tentúgal



Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura
apresentada ao Departamento de Arquitectura da FCTUC
sob a orientação do Professor Doutor João Mendes Ribeiro
Paula Maria Monteiro, Junho 2013

Projetar a Memória

Convento do Carmo de Tentúgal

Nota Prévia

A obra arquitetónica reveste-se hoje de um carácter de complexidade crescente que traduz o dinamismo da sociedade atual. A tentativa de agregar através da arquitectura todas as suas dimensões manifesta-se frequentemente em verdades relativas, inerentes da impossibilidade de considerar todas as vertentes. Quando se trata de reabilitação esta problemática torna-se ainda mais intensa, uma vez que associada a todas as especificidades da obra arquitetónica reúnem-se outras componentes de carácter histórico, cultural e de memória que se podem transformar em dimensões impossíveis de mensurar.

Ainda assim, a Arquitetura é sem dúvida a disciplina com maior capacidade de tratar esta dualidade entre história e vanguarda, memória e vontade de transformação, posicionando-se entre o passado e o futuro. Como estudante da área é nesta vertente que a Arquitetura me intriga e seduz, pois se por um lado compreende o campo da história, memória e identidade por outro lado não é estática, procurando sempre novas formas de transformação e movimentando forças de evolução permanente.

Desde cedo a vivência na área geográfica da Vila de Tentúgal, com o seu ambiente histórico e cultural, levar-me-iam a tomar consciência do estado de

letargia vivida e da necessidade de contrariar essa condição de forma qualitativa. As grandes histórias da sua notoriedade, da determinação das suas gentes e da riqueza das suas construções e tradições levam-me a crer que o atual estado não deverá ser o futuro da Vila e que a necessidade de reverter o processo de decadência na qual a mesma emergiu é urgente, sob perigo de se perder definitivamente os valores de outrora e os traços da própria identidade de um território e de um povo.

A perceção de que vivemos hoje um período de reformulação de paradigmas sociais e culturais revela cada vez mais a pertinência do processo de recuperação. Territórios de carácter rural, como é o caso de Tentúgal, apresentam novas potencialidades contrárias ao estado de decadência e esquecimento presente. As suas propriedades singulares, aliadas à sua história, património, tradição e cultura podem significar a capacidade de regenerar devolvendo estes espaços a uma linha vigorosa de evolução quando associados à reabilitação e ao desenvolvimento de programas culturais e turísticos.

Nesse sentido, constatei que apesar de existirem diversos autores que elegem a Vila de Tentúgal enquanto objeto de estudo, não existe uma análise no campo da Arquitetura, o que, atendendo ao significativo património construído se torna fundamental. Por outro lado, aquando o processo de recolha dos elementos documentais que pudessem descrever as propriedades deste território tomei consciência da escassez de informação relativa, uma vez que é possível encontrar nas várias fontes os mesmos elementos repetidos sem adição de nova informação, dificultando assim o cruzamento de dados.

A análise acerca do território em estudo e as suas potencialidades, traduziu-se assim numa oportunidade de conhecer uma nova perspetiva revelando novos aspetos evidenciados por uma pesquisa associada a elementos

visuais, dando "corpo" a informações escritas, e por outro lado, numa vertente inovadora, tendo em mente o desenvolvimento de uma proposta de reabilitação.

Uma vez apuradas as várias dimensões que compõem este território e definida a problemática existente tornou-se indispensável estudar a forma como seria possível criar um movimento de regeneração do mesmo. Atendendo às propriedades intrínsecas das intervenções de reabilitação e à sua transposição para a realidade, sob forma de projetos e obras construídas, seriam perceptíveis diversas formas de intervir no património e antever possíveis benefícios produzidos pelas mesmas.

A consciência de que este tipo de processos necessitam de um desenvolvimento sustentável e de que uma proposta imediatista de intervenção global não seria sustentável nem economicamente, nem pelo risco de descaracterização da Vila e da sua comunidade, revelar-se-ia evidente a seleção do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade, ou das Madres do Carmo, enquanto foco de uma primeira abordagem e intervenção. Este equipamento surge enquanto principal símbolo maior da Vila, sendo não só protagonista na origem da doçaria conventual regional, como é o caso do afamado Pastel de Tentúgal, mas também ocupando um lugar privilegiado na memória dos valores de outrora.

Desta forma, desenvolveu-se uma proposta de reabilitação deste edifício, procurando criar um novo pólo cultural que servisse de impulsionador para uma nova realidade. Neste processo tornou-se imprescindível o contributo pelos materiais produzidos aquando a investigação das propriedades históricas e atuais da Vila.

Em suma, o projeto do Mosteiro do Carmo comportaria assim o carácter demiúrgico essencial à Arquitetura, conciliando movimentos de charneira da história com a sociedade. Esta constituiria uma oportunidade de dar a

conhecer o património existente, de alertar para a necessidade de intervenção e demonstrar as suas potencialidades, podendo todo este processo estabelecer um meio de aproximação da comunidade de Tentúgal à sua própria identidade, e ainda de divulgação e atração de novas pessoas àquele território.

Sumário

Capítulo I - Tentúgal - Território e Património

- 5 Origens e identidade
- 15 O período medieval e as figuras régias
- 35 O período de desenvolvimento e a arquitetura nobre
- 51 O período de decadência - causas e efeitos

Capítulo II - Reabilitação e Revitalização

- 67 Reabilitação enquanto método regenerativo para o desenvolvimento
- 69 Conceitos e referências
- 85 O contexto português
- 95 Casos de estudo e metodologias

Desenvolvimento Rural

- 109 Conceito e Potencialidades
- 129 O Programa da Região do Alentejo e o caso de Tentúgal

Capítulo III - O Convento do Carmo e a Reabilitação de um património abandonado

- 143 O edifício e a Vila
- 147 Caracterização histórica do Convento do Carmo
- 165 Evolução construtiva do Convento
- 171 Definição tipológica dos espaços

Projetar a Memória - Proposta de Reabilitação

- 179 Conceito base
- 193 Metodologia adotada
- 203 O projeto e os novos programas
- 233 Da proposta teórica à sua aplicabilidade real

- 239 Conclusão
- 247 Bibliografia
- 273 Fontes das imagens
- 285 Anexos



1. Theatrum Orbis terrarum, opus nunc denuo ad ipso recognitum

e fragmento da gravura da área de estudo

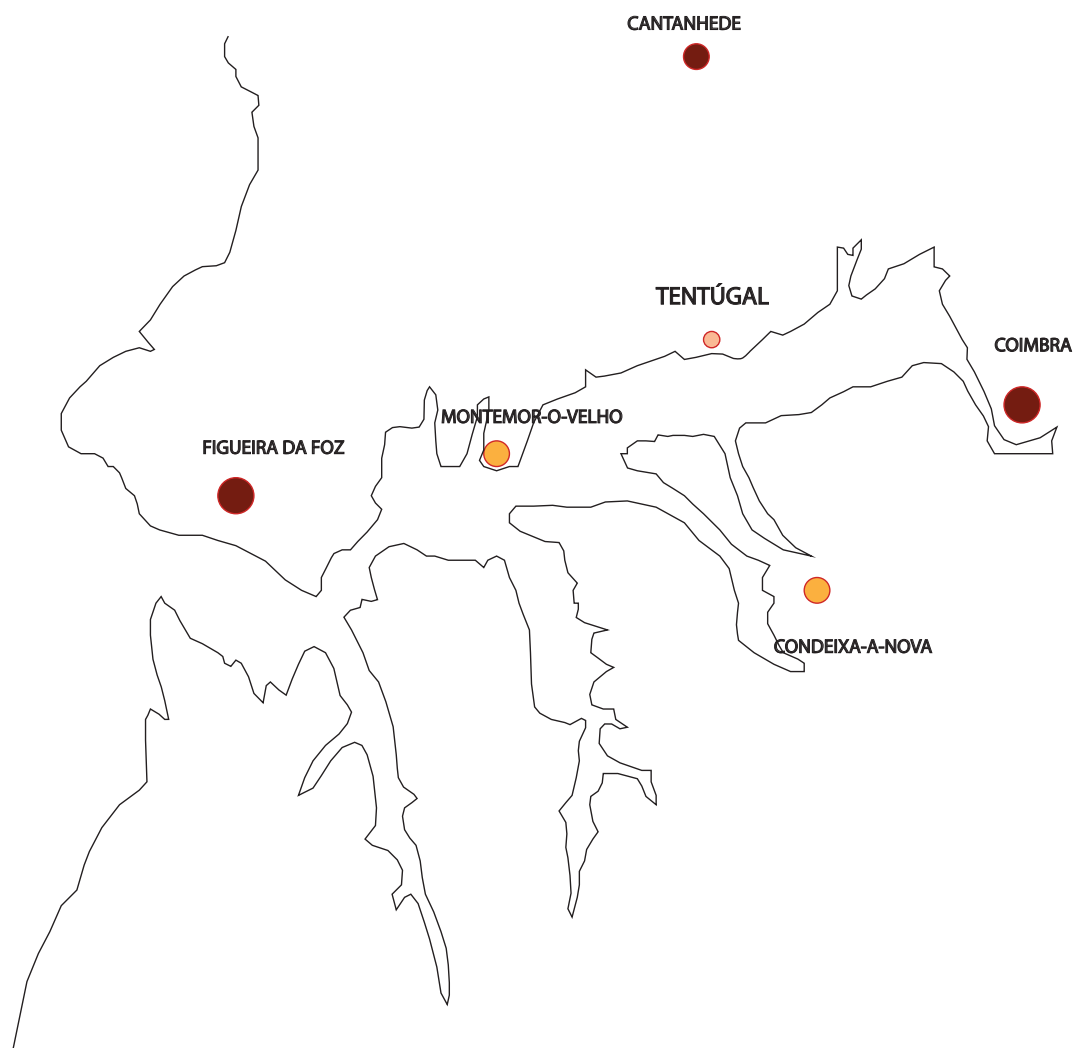
CAPITULO I - TENTÚGAL - TERRITÓRIO E PATRIMÓNIO

Origens e identidade

O espaço do Baixo Mondego constitui um território de características singulares que atribuíram grandes benesses à sua população, mas foi também palco de grandes contratempos, cujas transformações espelhar-se-iam nas suas terras e no seu próprio desenvolvimento. Deste modo, para o estudo das origens, história e evolução da Vila Tentúgal revelar-se-ia imprescindível analisar o território onde a mesma se encontra inserida.

Assim, o território do Baixo Mondego é definido como uma "área rural com uma individualidade geográfica muito própria, centrada sobre um rio que lhe marca a oposição entre as terras do campo e do monte, projetada para o mar pela sua fachada atlântica e para o interior pelo centro urbano de Coimbra, nó de cruzamento das comunicações no centro do país"¹.

É evidente esta relação intrínseca entre a história deste território e o Rio Mondego, constituindo este, desde muito cedo, um elemento polarizador da região. O seu leito foi sempre irregular e mal fixado, dando origem à constante alteração das margens, por ação do forte assoreamento, levando a sucessivas inundações que proporcionariam uma notável propensão agrícola pela fertilização dos solos.



2. Mapa da área de estudo - Período Paleolítico

Há cerca de três mil anos o Baixo Mondego seria caracterizado por um extenso mar interior rodeado de pequenos povoados, porém o período romano é aquele que apresenta vestígios mais significativos, sendo a zona de Tentúgal um dos locais do concelho onde é possível encontrar indícios que evidenciam a existência de uma *villae*, ou seja, uma unidade agrícola de razoável dimensão, comprovando assim as suas características mais favoráveis². Desta época é de salientar, entre outros achados, uma inscrição funerária que leva a crer que esta e uma outra encontrada perto (Senhora do Desterro) se "referem a cidadãos pertencentes aos mais altos estratos sociais de Itália, mesmo de Roma"³.

A presença do rio e a proximidade do mar seriam determinantes no desenvolvimento de atividades como a agricultura, a pesca, a exploração de sal e o comércio.

Assim, atividade comercial destacar-se-ia a partir da invasão muçulmana, havendo registo da existência em Montemor-o-Velho de um importante porto marítimo-fluvial, uma vez que a esta época o estuário do Mondego teria uma configuração diferente e as marés chegavam a esta área: "embocadura de Mondik, rio ao pé do qual existe um castelo muito forte chamado Munt Malur construído à beira mar", indicava o geógrafo árabe Edrisi e acrescentando que para ir de Coimbra a Santiago de Compostela "se quereis ir pelo mar parti do castelo Munt Malur"⁴.

No início da era cristã, segundo Adolfo Loureiro, "o nível das águas do rio em Coimbra (...) estava apenas a apenas dois ou três metros acima do nível do mar, tendo-se erguido a uma média de 80 cm por ano até ao século XVIII"⁵.

Estas alterações no rio influenciariam o desenvolvimento do território circundante e das suas povoações. O assoreamento chegaria a atingir os doze metros em Coimbra, ainda que na zona de Montemor não tenha ultrapassado os cinco metros, já que em Maiorca seria encontrada uma



3. Mapa da Vila de Tentúgal nos primeiros anos do povoado

embarcação romana, do século XII a.C., a quatro metros e meio de profundidade⁶.

Apesar do assoreamento progressivo o Mondego manter-se-ia navegável, ainda que através da adaptação das embarcações. Deste modo, durante os séculos XV e XVI chegariam até Coimbra pequenos navios comerciais, "existindo aqui um estaleiro de caravelas"⁷.

Conhecendo-se vários portos entre Montemor e Coimbra podemos concluir que Tentúgal, zona com localização intermédia, beneficiaria e muito desta posição estratégica e do movimento de entrada para o interior da península a partir do Oceano Atlântico. Comprova-o Maria Helena Coelho que afirmaria: "nesta área intermédia entre Coimbra e Montemor, Tentúgal tinha um papel de relevo e exercia influência na região circundante".⁸

A área do Baixo-Mondego seria ainda conhecida como uma importante zona de moçarabes, sendo que a primeira referência a Tentúgal data do período entre as conquistas de Afonso III e a invasão árabe de Almançôr, num livro de testamentos do Mosteiro de Lorvão, achando-se descrito: "os fâmulos de Deus Baharo e Tranquili doaram a este Mosteiro no ano de 980 uma herdade em Taveiro e duas igrejas, uma de S. pedro e S. Miguel em Tentúgal e outra em Santa Eulália na villa de Arquario"⁹.

A referida Ermida de S. Pedro e S. Miguel localizar-se-ia no adro da atual igreja matriz da Vila, pensando-se que terá sido deixada à ruína durante largos anos e reconstruída por volta de 1611. Esta ter-se-á arruinado durante o século XIX e desaparecido durante o século seguinte uma vez que só alguns "habitantes nos primeiros anos do século XX testemunharam a existência de "caboucos de um edifício que parecia uma ermida"¹⁰.



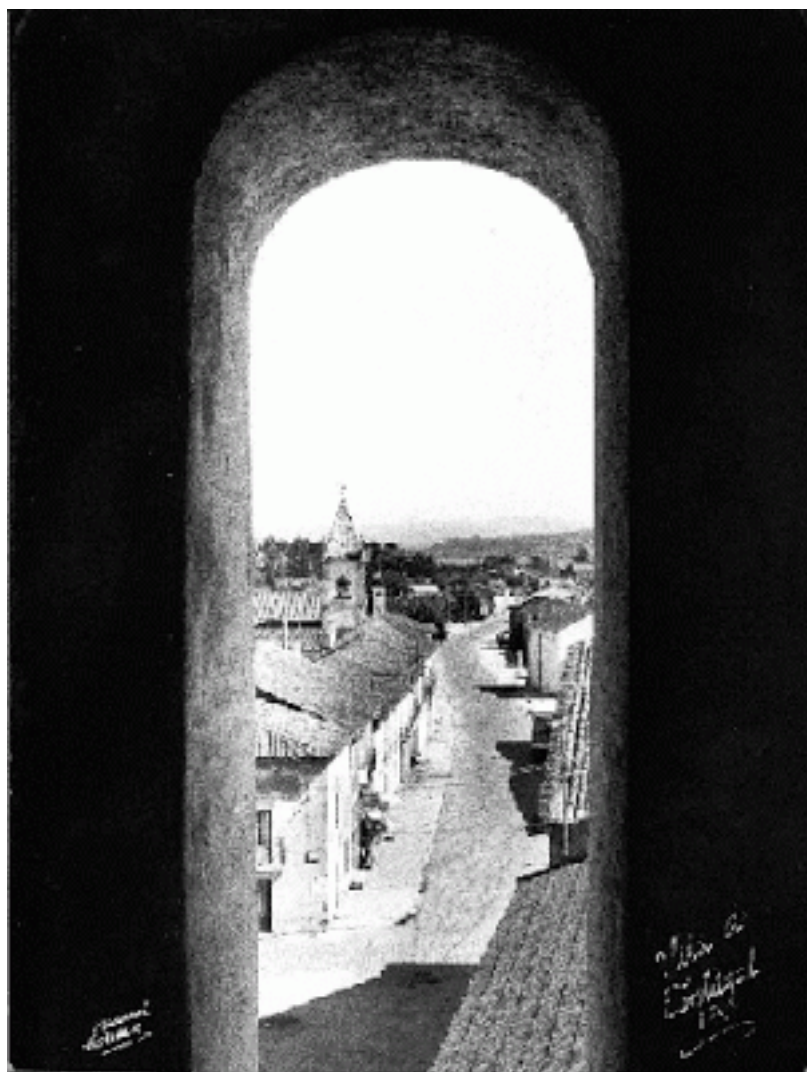
4. Mapa da Vila de Tentúgal durante os séculos XII a XV

Em 1020, tendo voltado esta região ao domínio cristão, era senhor da povoação de Tentúgal o moçárabe David, pai de D. Sesnando, nato em Tentúgal e futuro conde de Coimbra.

Ao longo de vários anos o poder foi oscilando entre árabes e cristãos e só em 1064 Fernando Magno, rei de Leão e Castela, estabeleceria definitivamente o domínio cristão nesta zona ao conquistar Coimbra, Montemor-o-Velho e Tentúgal. Ele formaria um novo condado com capital em Coimbra e tendo sido ajudado por D. Sesnando, recompensá-lo-ia com vastos poderes de administração, o que explica o papel determinante deste último na história de Tentúgal com a reconstrução da povoação e da igreja referida em 980¹¹.

No testamento de D. Sesnando é que "restaurou e edificou vários castelos, sendo os principais de Montemor-o-Velho, Soure, Arouce, Penela, Tentúgal e Cantanhede". Sobre Tentúgal encontra-se referência que "a mandou povoar, que a herdara de seus antepassados"¹² e que o castelo de Tentúgal seria "uma simples fortaleza destinada a reprimir a fúria dos bárbaros que infestavam o sul do Mondego"¹³. Desta estrutura não resta vestígios para além da atual torre do relógio que terá sido construída sobre as estruturas daquela antiga edificação¹⁴. Porém, a política de fortalecimento defensivo nas construções de Coimbra, Montemor-o-Velho e Tentúgal permitiriam em 1116 readquirir definitivamente a linha do Mondego, criando assim, entre os séculos XI e XIII, condições para a colonização e povoamento atraídos pela fertilidade dos campos.

Assim, na centúria de Duzentos consolidou-se a colonização do Baixo Mondego, constituiu-se a maioria dos povoados, dinamizou-se a fachada marítima, transpuseram-se os pântanos, povoou-se a margem sul do rio e, intensificou-se o cultivo dos cereais por força das necessidades alimentares¹⁵.



5. Foto antiga da Vila de Tentúgal vista da Torre do Relógio

Nesta época "o rio Mondego e os seus afluentes eram verdadeiras artérias abertas ao tráfego"¹⁶, havendo referência nesta zona, durante o século XII, de portos em Pereira, Lamarosa, Quimbres, São Silvestre e, entre outros topónimos, o Porto da Loba Farta em Tentúgal.

notas

- ¹ COELHO, Maria Helena da Cruz. (1983) – O Baixo Mondego nos finais da Idade Média, p.716
- ² PLURAL. (2006) - Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico, p. 123
- ³ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Período Romano, p.3
- ⁴ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Período Muçulmano e Reconquista, p. 1
- ⁵ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul, p. 14
- ⁶ CARDOSO, Cristóvão Gabriel Castanho de Oliveira.(2001) - Prova Final de Licenciatura "Baixo Mondego: identificação de um território", p. 32
- ⁷ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul, p. 14
- ⁸ COELHO, Maria Helena da Cruz. (1983)– O Baixo Mondego nos finais da Idade Média, p. 62
- ⁹ PAGAIMO, Filipe. (2004) – Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil – *Caracterização Morfológica e Mecânica de Alvenarias Antigas: Caso de estudo da Vila Histórica de Tentúgal*, p. 7
- ¹⁰ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: "Memórias históricas", p. 138
- ¹¹ Cf. PAGAIMO, Filipe. (2004) – Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil – *Caracterização Morfológica e Mecânica de Alvenarias Antigas: Caso de estudo da Vila Histórica de Tentúgal*, p. 7
- ¹² GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: "Memórias históricas", p. 11
- ¹³ Idem, p. 11
- ¹⁴ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Candidatura PRAUD - Nota histórica, p.2
- ¹⁵ COELHO, Maria Helena da Cruz. (1983) – *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, p. 566
- ¹⁶ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul, p.26



*6. Igreja de Nª Sª da Natividade
Tentúgal*

O período medieval e as figuras régias

A Vila de Tentúgal veria o primeiro foral ser-lhe atribuído em 1108 pelo conde D. Henrique, apesar de isto não significar que a Vila se encontrasse desabitada. Constituiu "um documento necessário à sua organização, que tem a particularidade de apresentar os mesmos foros dados a Coimbra"¹⁷, assim como a atribuição do foral nos primeiros tempos da nacionalidade prova a importância que detinha.

No Livro da Sé de Coimbra encontra-se o segundo foral de Tentúgal, concedido por D. Teresa, viúva de D. Henrique, no ano de 1124. Após este documento apenas se voltaria a encontrar referência a Tentúgal no reinado de D. Afonso III (1210 - 1279) e depois em 1288 quando D. Dinis doa o padroado da igreja matriz de Tentúgal ao Convento de Ceiça¹⁸, referindo-se à Igreja de Nossa Senhora da Natividade ou do Mourão, concluindo-se assim que a mesma teve fundação anterior.

O desenvolvimento de uma dinâmica económica estabeleceria espaços de troca e convívio, sendo que as feiras cumpriam essa função, sendo visível a sua influência na estrutura urbana de Tentúgal. A feira, inicialmente localizada intramuros (provavelmente no espaço do Rossio) mais tarde



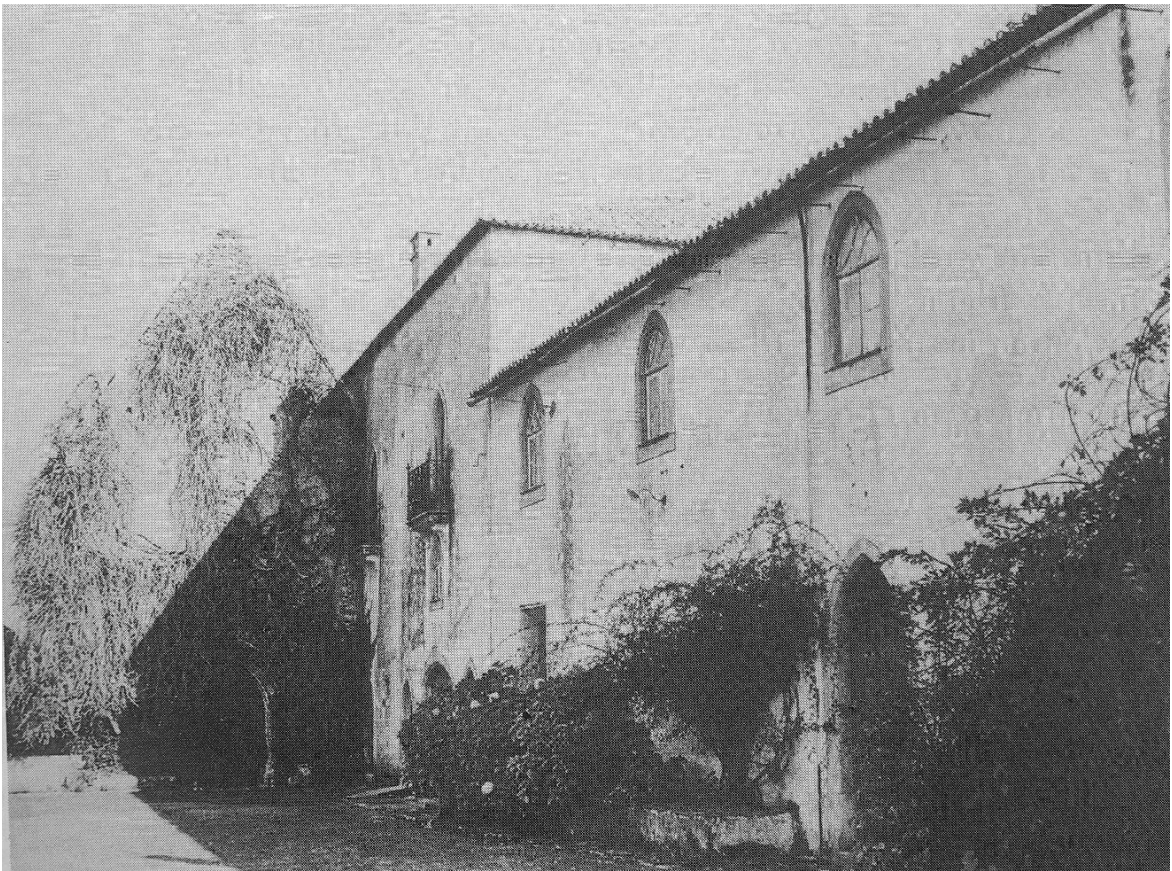
*7. Torre do Relógio
Tentúgal*

transferir-se-ia para o espaço extramuros junto à porta sul, definindo a atual configuração do Largo do Relveiro/Chieira¹⁹.

Ainda que a falta de documentação não permita precisar o seu início crê-se que tenha sido durante o reinado de D. Dinis, "século de ouro das feiras em Portugal" segundo Maria Helena da Cruz Coelho, uma vez que a Vila detinha uma importância razoável (com o primeiro foral de 1108) e pelas frequentes visitas de monarcas medievais.

O reinado de D. Fernando deixaria muitas informações sobre Tentúgal, uma vez que este foi o rei português que mais tempo ali viveu, tendo confirmado em 1367 os foros da vila e em 1376 concedido novos privilégios aos moradores, nos quais permitia, entre outras coisas, "que fossem escusados de todos os outros encargos do concelho da cidade de Coimbra"²⁰.

D. João I confirmaria as mesmas deliberações e em 1417 doou ao seu segundo filho, o Infante D. Pedro então duque de Coimbra, as vilas de Tentúgal, Pereira, Cernache e Condeixa. Esta doação viria a ser determinante no desenvolvimento da Vila uma vez que, naquele tempo o grande senhor eclesiástico presente no Baixo Mondego era Santa Cruz. O Infante D. Pedro constituiria a exceção, sendo Tentúgal um dos poucos territórios com senhorio não eclesiástico²¹. Graças ao Infante Tentúgal viria a obter uma maior notoriedade, tendo ele ordenado a construção do Paço localizado no exterior da Vila, o Convento de S. Francisco e a ermida, ambos da Póvoa de Santa Cristina, os primitivos Paços do Concelho em estilo gótico, dos quais só resta a Torre do Relógio, a reconstrução da Igreja Matriz e defende-se que haveria reconstruído o que antes havia sido o Paço de D. Sesnando, localizando aí as suas estrebarias. A esta teoria junta-se a referência a uma travessa (denominada Travessa da Botica), ligada ao Largo do Aio²², relacionando-se esta denominação com a existência das estrebarias



8. Paço e Capela do Infante D. Pedro (1992)
Tentúgal (1992)

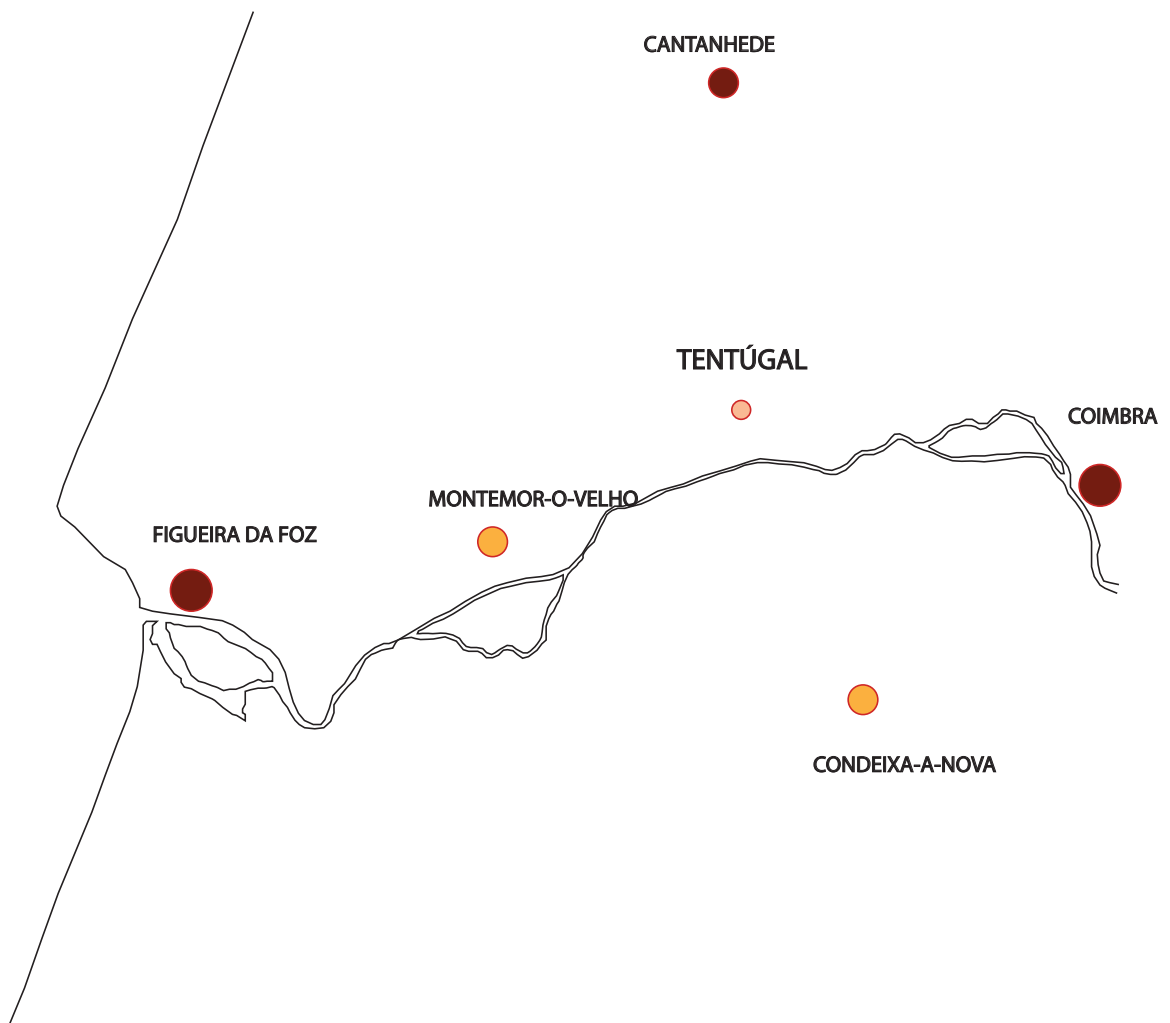
do Infante D. Pedro. Pensa-se que o Largo do Aio terá dado lugar mais tarde ao atual largo da Olaia, por ali ter sido plantada uma árvore dessa espécie.

A Igreja Matriz²³, referida no reinado de D. Dinis, apresenta ainda hoje o resultado da intervenção do Infante D. Pedro. A mesma será originária da fase final do gótico, contemporânea do Infante, destacando-se o retábulo de pedra decorado, do qual a parte inferior é obra de João de Ruão ou da sua oficina e o nicho central com escultura da Virgem com o Menino atribuída a Gil Eanes. Esta escultura com 1,76m de altura é considerada, juntamente com uma de S. Miguel conservada no Museu Nacional Machado de Castro em Coimbra, uma das que possui maior qualidade entre as obras beneficiadas pelo Infante D. Pedro²⁴. Segundo Humberto Baquero Moreno, Gil Eanes "era um dos principais senão o escultor principal que trabalhava no Mosteiro da Batalha"²⁵.

As relações entre o Infante e o Mosteiro da Batalha são frequentes, destacando-se a presença de Estevão Gomes, pedreiro e mestre de obras no mosteiro e a quem são atribuídas as obras da Igreja Matriz e do Paço em Tentúgal.

O Paço régio²⁶, que viria a denominar-se Paço dos Duques de Cadaval por se tornarem seus proprietários mais tarde, terá constituído morada régia, sendo isto comprovado pelas referências que entre os reinados de D. Pedro I e D. Afonso V Tentúgal acolhia os reis e as suas comitivas, ainda que não se possa assegurar que tenha sido este o local primitivo do Paço Real²⁷.

No entanto, a semelhança entre o póstico e a frontaria da igreja matriz e os da capela de S. Miguel do Paço de Cadaval denotam que terão sido obra do mesmo artista. Para além da capela é ainda possível identificar vários vestígios de estilo gótico dos finais do século XV, como são exemplo algumas portas, arcarias e janelas presentes no Paço.



9. Mapa da área de estudo - Período entre os séculos XII e XV

Através de um alvará de 13 de Maio de 1533 consegue-se determinar que D. Álvaro, duque de Bragança, tornar-se-ia proprietário do Paço, e seguidamente o seu filho D. Rodrigo de Melo viria a promover obras no Paço. No final do século XVI construir-se-ia o celeiro, símbolo maior da grandeza de Tentúgal, possuindo uma tipologia rara de 80 metros de comprimento por 25 de largura, com três naves separadas por duas séries de trezes arcos de volta perfeita²⁸.

Ainda contemporânea a estas duas obras, a Igreja e o Paço, destaca-se a Torre²⁹ pertencente aos antigos Paços do Concelho. Esta é uma construção do século XV, com características bastante semelhantes à torre da igreja matriz.

Graças à influência bastante presente do Infante D. Pedro, seriam ainda vários os benefícios para a atividade agrícola, sendo neste território do Baixo Mondego que seria introduzido o arroz e o milho de espiga da Guiné³⁰, ainda hoje muito relevantes na economia local.

No entanto a ligação ao duque de Coimbra mostrar-se-ia nefasta para Tentúgal quando o mesmo foi atraído para a morte na Batalha de Alfarrobeira uma vez que foram vários homens desta região que morreram juntamente com ele e aos que sobreviveram seriam-lhe confiscados os bens. Quanto ao sucedido Cruz Coelho refere: "para os homens de Coimbra e Montemor finara-se na batalha o seu senhor e com ele as esperanças"³¹ e na mesma linha, Pinheiro Marques escreveria: "E assim Coimbra e a região centro perderam qualquer peso e proximidade junto da Coroa"³².

Assim, Tentúgal apenas voltaria a ser referida durante o reinado de D. Manuel I, destacando-se a construção do Hospital de São Pedro e São Domingos, em 1496, cuja confraria administradora estaria na base da fundação do Convento do Carmo e da Misericórdia de Tentúgal. Esta



10. Hospital de São Pedro e São Domingos
Tentúgal

Confraria terá sido uma das primeiras em Portugal, com estatutos e regalias aprovados em 1457³³.

O edifício hospitalar localizava-se no topo nascente do Rossio da Vila, ocupando "medida pelo vão dezoito varas e meia e de largo seis varas"³⁴. As medidas descritas abrangiam a área do atual edifício do hospital e de todas as casas na mesma rua em frente à Igreja de Nossa Senhora do Carmo. Pouco se sabe acerca da arquitetura do antigo edifício do Hospital uma vez que se tem conhecimento deste ter sido "inteiramente reedificado em 1873"³⁵ e de época anterior só é possível encontrar na fachada lateral "um nicho, contendo uma escultura ... gótica, dos séculos XV-XVI" e "numa empena o brasão nacional do século XVII"³⁶.

Em 1504, o rei D. Manuel I elevaria a Vila a cabeça de condado e o título foi doado a D. Rodrigo de Melo, filho de D. Álvaro de Bragança, ex-donatário da Vila. O título de conde de Tentúgal seria o mais antigo da família que depois veio a possuir os títulos de marqueses de Ferreira e duques de Cadaval. Posteriormente, a 20 de Dezembro de 1515, Tentúgal recebeu o seu terceiro foral, concedido por D. Manuel I, como forma de confirmação dos anteriores pelos mesmos "não poderem ser entendidos, asey por muitos delles (foraes e cartas) estarem em latim e outros em linguagem antiga e desacostumada"³⁷.

A já antiga importância de Tentúgal era ainda evidenciada pelas relações estabelecidas com os territórios vizinhos. Desta forma, defende-se que talvez já desde a romanização existisse uma ligação terrestre que unia os dois principais polos da região, Coimbra e Montemor-o-Velho, seguindo o eixo do rio Mondego pela margem direita até sensivelmente onde hoje se localiza S. Martinho de Árvore. Apesar de escassearem algumas referências acredita-se que esta via passaria por Tentúgal³⁸.

Mais tarde, o traçado das principais estradas seriam ainda possíveis de demarcar através das albergarias existentes, destacando-se 6 em Coimbra, 1



11. Igreja da Misericórdia
Tentúgal

em Tentúgal, 3 em Montemor-o-Velho e 2 na Figueira da Foz³⁹. A assistência social prestada pelos estalajadeiros atribuiu-lhes vários privilégios, bem como as misericórdias que viriam a localizar-se em aglomerados populacionais com alguma importância e junto a vias de comunicação. Um desses casos foi Tentúgal que criaria uma Misericórdia no século XVI⁴⁰.

A comunicação terrestre seria ainda dinamizada pela atividade dos almocreves que criavam uma circulação interna, complementando o comércio fluvial e marítimo. Tentúgal, Montemor-o-Velho e Soure seriam pontos fundamentais nesta rede de comunicação, articulando com o polo urbano de Coimbra um conjunto de vias de transporte⁴¹.

Também na época dos Descobrimentos esta zona foi importante, tanto que segundo Pinheiro Marques os descobrimentos portugueses terão partido do Mondego e não do sul de Portugal. Tentúgal seria a esta época uma grande produtora de linho, produto esse que partia do porto de Buarcos para Guimarães, Lisboa e Norte da Europa⁴². Por outro lado, são alguns os nomes ligados a intervenientes nos Descobrimentos que seriam naturais desta região como é exemplo Diogo de Azambuja, de Montemor-o-Velho, Pedro Reinel, conhecido viajante e mais antigo cartógrafo português, de Tentúgal, e Frei de João da Póvoa, da Póvoa de Santa Cristina, que terá sido o franciscano da confiança do rei D. João II, devendo a esta amizade a elevação da sua vila a cabeça de concelho⁴³.

Para uma melhor perceção da realidade da Vila naquele tempo revela-se importante analisar o cadastro de 1527 onde verificamos que a população dentro da Vila seria de 315 habitantes, ao mesmo tempo que a população de Portugal, no mesmo cadastro, era de 1 120 000 habitantes. O número é ainda mais surpreendente se pensarmos que se a proporção se conservasse a população atual de Tentúgal seria de aproximadamente 2 800 habitantes.



*12. Mosteiro das Madres do Carmo
Tentúgal*

No mesmo Numeramento Coimbra aparece com 1329 habitantes e Montemor-o-Velho com 496⁴⁴.

A grandeza e importância da Vila nesta época proporcionou que se desse início à empreitada do Convento das Madres do Carmo⁴⁵ (1560-1565) a partir dos sobejos da Confraria de São Pedro e São Domingos. Este edifício, descrito pormenorizadamente mais à frente, constituiu talvez o maior empreendimento de toda a história da Vila, envolvendo plebeus e nobres, trazendo religiosas de todas as partes do país e desenvolvendo-se de tal forma que após a sua criação a sua história se confunde com a história da povoação. Esta afirmação é ainda hoje válida uma vez que após todo o período de esquecimento pelo qual a vila imergiu, o Convento continua a ser o maior símbolo deste território.

No reinado de D. Filipe I, em 1583, é fundada a Misericórdia através da incorporação da Confraria de S. Pedro e São Domingos, passando o hospital a ser administrado por esta nova instituição. Em 1586 inicia-se a construção da igreja⁴⁶ e casa do despacho da Misericórdia, em estilo da Renascença, constituindo um edifício com a disposição habitual nas Misericórdias do Baixo-Mondego⁴⁷ e tendo sido o autor da sua traça o mestre Thomé Velho, vindo posteriormente a trabalhar na obra do Mosteiro Carmelita na mesma vila. A Casa do Despacho mantém hoje a imagem original da fachada principal, com pórtico axial com as armas reais de Portugal, encimada com a Coroa real usada pela dinastia Filipina.

Foi durante este século, XVI, que iniciar-se-ia um período de desenvolvimento económico e social, explicado pelo longo período de paz e estabilidade que se atravessava e pelos benefícios provenientes dos Descobrimentos. Um exemplo destes contributos foi a introdução do milho americano no Baixo Mondego que viria a originar, segundo a expressão de Orlando Ribeiro uma verdadeira "revolução do milho"⁴⁸, permitindo o



13. Largo do Pelourinho - início do século XX
Tentugal

aumento rápido das populações e da melhoria das condições de vida das mesmas.

O século XVI foi ainda marcado pelo movimento da Contra-Reforma que produziu um largo investimento na construção de templos. Isto deveu-se ao facto de, se por um lado a Contra-Reforma originou um crescente aprofundamento da Fé, noutros casos o desejo de enobrecimento numa sociedade rigidamente estratificada, e/ou a necessidade de garantir alguma imunidade perante a atividade da Inquisição levaram a que cada vez um maior número de pessoas instituísse capelas públicas ou privadas no interior das igrejas paroquiais ou, nos casos das famílias mais abastadas, nas suas residências⁴⁹.

Deste modo é possível observar em Tentúgal, durante este período, o investimento em arquitetura religiosa para além da Igreja da Misericórdia e do Convento Carmelita, já referidos, obras como a Capela de N. Sra. dos Olivais, a Capela de Nossa Senhora das Dores, a Ermida de S. Jorge (inserida no Solar da família Gavicho) e as extintas Ermida de S. Brás, Ermida de S. Filipe e S. Tiago (ligada à Casa da família Soares Girão) e a Ermida de N. Sra. da Boa Morte (incorporada na Casa da família Cunha e Mello).

notas

- ¹⁷ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico do Distrito de Coimbra, p. 133
- ¹⁸ PAGAIMO, Filipe. (2004) – Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil – Caracterização Morfológica e Mecânica de Alvenarias Antigas: Caso de estudo da Vila Histórica de Tentúgal”, p. 15
- ¹⁹ LUCAS, Ana Cristina Rodrigues. (1998) – Prova final da licenciatura em arquitetura - O largo da feira : caracterização tipológica na Gândara, Bairrada e Baixo Mondego: estudo do caso de Tentúgal, p. 114
- ²⁰ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 15
- ²¹ COELHO, Maria Helena da Cruz. (1983) – O Baixo Mondego nos finais da Idade Média, Coimbra, p.563
- ²² Segundo a documentação existente a instalação das suas estrabarias em Tentúgal levou à criação de uma pequena corte composta por 374 homens in GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Período Medieval, p. 7
- ²³ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110006)
- ²⁴ DIAS, Pedro (1993) - O infante D. Pedro e os escultores e pintores, p. 501
- ²⁵ Idem, p. 500
- ²⁶ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110019)
- ²⁷ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 34
- ²⁸ PAGAIMO, Filipe. (2004) – Dissertação de Mestrado em Engenharia Civil – Caracterização Morfológica e Mecânica de Alvenarias Antigas: Caso de estudo da Vila Histórica de Tentúgal”, p. 21
- ²⁹ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110005)
- ³⁰ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Época Moderna, p.2
- ³¹ Maria Helena Cruz Coelho citada in GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Plano de Salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Tentúgal, p. 8
- ³² MARQUES, Alfredo Pinheiro Marques. (1994) - A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro e as Origens dos Descobrimientos Portugueses, p.305
- ³³ GÓIS, António Correia. (2003) – As Memórias do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal 1551-1898, p. 104

- ³⁴ *Idem*, p. 104
- ³⁵ GÓIS, António Correia. (1995) – O concelho de Montemor-o-Velho, p. 227
- ³⁶ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico do Distrito de Coimbra, p. 152
- ³⁷ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 16
- ³⁸ COELHO, Maria Helena da Cruz. (1983) – O Baixo Mondego nos finais da Idade Média, p. 409
- ³⁹ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul: Formas de transformação do território da margem esquerda do Mondego, p.40
- ⁴⁰ Construção com início em 1583 segundo os registos existentes no Arquivo da Misericórdia de Tentúgal.
- ⁴¹ MORENO, Humberto Baquero. (1979) - A acção dos almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos fins da Idade Média, p.56
- ⁴² MARQUES, Alfredo Pinheiro. (1996) – Vida e obra do Infante d. Pedro, p. 224
- ⁴³ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Período Medieval, p. 6
- ⁴⁴ GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne. (1986) - O numeramento de 1527-1532 – Tratamento cartográfico, p.22
- ⁴⁵ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110029)
- ⁴⁶ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110007)
- ⁴⁷ GONÇALVES, Carla Alexandra. (1992) - Thomé Velho, Escultor e Arquitecto do maneirismo Coimbrão, p. 114
- ⁴⁸ DIAS, Pedro (1996) - A oficina de Thomé Velho, construtor e escultor do maneirismo coimbrão, p.17
- ⁴⁹ *Idem*, p.18



14. Janela Manuelina - Quinta do Lapuz ou Solar Pereira Sampaio
Tentúgal

O período de desenvolvimento e a arquitetura nobre

O século XVI constituiu um período de atração para muitas famílias nobres que ali construíram as suas casas senhoriais. Assim, desta época encontramos a Quinta do Lapuz ou Solar dos Pereira Sampaio, o Solar dos Carvalhos, a Casa dos Couceiros, Casa Girão Henriques e o Solar dos Barretos. À exceção da primeira todas as outras não resistiriam até aos nossos dias.

A Quinta do Lapuz⁵⁰ situada na rua da Arieira, é uma edificação dos princípios do século XVI, apresentando vestígios de reforma no século XVII. Desta edificação destacam-se os dois pináculos ainda originais e a janela manuelina com a seguinte inscrição em letra gótica "Joha(o) alvarez me fez e seu Irmão Pedralvarez em 1507"⁵¹.

Não se sabe se este João Álvares poderá ter sido o mesmo que fez, em parceria com Gaspar Fernandes, a rotunda do cenóbio do convento cisterciense de Celas, contudo, segundo a opinião de Pedro Dias e Reynaldo dos Santos, é decididamente "o mesmo que esculpiu e assinou a cruz de Cristo das Maleitas"⁵² guardada no Museu Nacional Machado de Castro".

Esta janela manuelina presente no Solar de Tentúgal é considerada por Pedro Dias "um exemplar de excepcional importância, pois o seu estilo



*15. Solar da Família Gavicho
Tentúgal*

naturalista e a data que ostenta provam a penetração na bacia do Mondego da decoração Manuelina, em data anterior àquela que era tida por normal"⁵³.

Em 1619, através do processo Familiar do Santo Ofício de Jorge Lopes Gavicho, volta-se a constatar o crescimento da Vila, com aproximadamente 2000 habitantes e referência de que seria um local de "muita passagem e negócio"⁵⁴. Assim, este seria um século de especial desenvolvimento da Vila, construindo-se a Casa das Hortas ou dos Couto e Vasconcelos, o Solar dos Gavicho, o Solar dos Soares Girão, o Solar Faria de Amorim, o Solar dos Cunha e Mello, o Solar dos Tavares Sottomaior e a Casa dos Abreu Lima de Morais.

A Casa das Hortas ou dos Couto e Vasconcelos⁵⁵ constituiu propriedade de uma das famílias mais nobres da Vila de Tentúgal durante os séculos XVI e XVII, sendo Braz do Couto e Vasconcelos um dos fundadores da Misericórdia. Pouco se sabe acerca da arquitetura original do edifício uma vez que sofreu durante séculos várias modificações, como é exemplo a atual fachada principal, datada do século XIX. Do antigo Solar setecentista importa destacar uma chaminé do género das existentes no Paço de Sintra.

O Solar dos Gavicho⁵⁶ é uma construção clássica dos meados do século XVII, porém a casa terá sido construída em sucessivas etapas, sabendo-se que 1687 seria o ano da principal etapa de construção do edifício.

O Solar Soares Girão⁵⁷, localizado no largo da Chieira, é obra do século XVII e possuía um enorme celeiro lajeado, a Casa do arco, e a extinta ermida de S. Filipe e S. Tiago⁵⁸, ocupando todo o alçado Nascente do atual Largo da Chieira/Relveiro.

Já nos finais do século XIX o complexo foi desmembrado e vendido em várias frações, mantendo-se a Casa do Arco e uma casa com três janelas



16. Solar da Família Cunha e Melo
Tentúgal

juntas, referida no Inventário Artístico de Portugal como setecentista e por isso contemporânea ao Solar Soares Girão.

O setecentista Solar Cristóvão Faria de Amorim⁵⁹, cujo morgado foi instituído no início do século XVII por Christovam de Amorim, confina a sul com o antigo largo do pelourinho e a norte com o edifício dos antigos Paços do Concelho.

O solar dos Cunha e Mello⁶⁰ situa-se no Rossio e pertenceu à família, com o mesmo nome, a partir do século XVII por meio de um vínculo instituído em 1657 por Maria de Moroz Leite. Em meados do século XVIII ocorreu um grande incêndio, deixando apenas como elemento original a pedra da varanda da fachada sul. Ainda assim esta casa é referida no Inventário Artístico de António Nogueira Gonçalves, denotando-se a sua qualidade arquitetónica.

A ermida de N. Sra. Da Boa Morte foi edificada por volta do ano de 1758 e pensa-se que esta terá sido incorporada no Solar dos Cunha e Mello. Como refere Correia Góis " a esta ermida terá sucedido o mesmo que sucedeu com a de S. João de Deus junto à Casa das Hortas em que o proprietário da casa reivindicou a sua posse"⁶¹.

O antigo Solar dos Tavares Sottomaior⁶² localiza-se em frente ao Rossio da Vila e constitui uma reconstrução de 1820 do antigo solar construído no século XVII.

Por fim, adossado ao edifício da Casa do Despacho da Misericórdia encontra-se o antigo Solar dos Abreu Lima de Morais⁶³. Apresentando características da tipologia residencial setecentista, possui pedra de armas de época posterior.

O período de crescimento é-nos ainda comprovado pelos registos populacionais que dão conta, em 1710, de cerca de 2400 habitantes em



*17. Solar dos Coelhos Farias Amorins da Silva
Tentúgal*

Tentúgal, mais 400 no seu termo e 200 no lugar de Sandelgas, que ainda lhe pertencia. Da mesma forma, na Memória Paroquial de 1721⁶⁴ verifica-se o crescimento para o número de 624 fogos, o que se traduziria em quase 2500 habitantes.

Deste modo, durante o século XVIII seriam construídas mais algumas casas nobres, como são exemplo o Solar dos Viegas de Novais, o Solar dos Coelho Farias Amorins da Silva e a atualmente denominada Quinta do Mourão.

O antigo Solar dos Viegas de Novais⁶⁵, construído entre os finais do século XVII e inícios do século XVIII, é um edifício de características barrocas, ainda que o estilo D. João V tenha sido implantado posteriormente.

O Solar dos Coelho Farias Amorins da Silva⁶⁶ é possivelmente uma reconstrução sobre uma outra anterior mais antiga uma vez que a família que o detinha administrava vínculos em Tentúgal desde o século XVII.

A Quinta do Mourão⁶⁷ é exemplo das várias quintas que se ergueram no que outrora era a periferia da povoação. Esta localiza-se em frente à Igreja Matriz, junto à antiga estrada que viria a ligar Coimbra e Figueira da Foz já no século seguinte.

Existe ainda referência a outras edificações nobres, de valor arquitetónico relevante, e embora estejam extintas permitiriam, na presente análise, ter uma melhor perceção da caracterização da Vila naquela época. Alguns desses exemplos são o Solar Pessoa de Amorim, o Solar Pereira Machado, o Solar dos Faria da Silva, o Solar Barreto e as Casas dos Forjaz Sampaio.

Durante o século XVIII (1755) seria ainda construída a Capela de Nossa Senhora das Dores⁶⁸. Esta é uma construção barroca e situa-se no lado Norte do Largo da Chieira/Relveiro, próxima da localização da antiga porta Sul da muralha da Vila.



18. Mapa da Vila de Tentúgal - século XVIII

O período de progressão descrito marcaria Tentúgal até aos nossos dias, tornando-a "a povoação do concelho (Montemor-o-Velho) que conservou maior número de moradias entre o século XVI e o XVIII"⁶⁹.

Verifica-se ainda que o período descrito foi caracterizado por uma franca alteração na morfologia de Tentúgal, manifestando-se pela intensa construção que estaria na base na transposição dos antigos limites intramuros. Deste modo, exceto a Igreja Matriz, os edifícios construídos fora desse núcleo primitivo são posteriores ao século XVI, e até o Convento e as suas cercas teriam sido construídos imediatamente a seguir ao limite das antigas muralhas.

Pelas edificações mais antigas ainda existentes é possível concluir que os dois eixos principais que organizam a Vila já existiam no período medieval, revelando a provável existência de quatro portas, cada uma orientada segundo os pontos cardeais. Contudo, a partir dos séculos XVI - XVII (pelo grande número de habitações desta época), dá-se um alongamento da Vila nestas mesmas direções, sendo estabelecidos novos limites por estes novos edifícios nobres e as instalações agrícolas a eles associadas.

notas

⁵⁰ (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110014)

⁵¹ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra, p.153

⁵² DIAS, Pedro (1982) - A arquitectura de Coimbra na transição do gótico para a renascença 1490-1540, p.258

⁵³ Idem, p.257

⁵⁴ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 27

⁵⁵ Idem, pp. 188-191

⁵⁶ Da sua construção sabe-se que "a parte norte foi edificada no local onde existiram uns pardieiros comprados em 1553" e que em 1628 teriam sido já edificada uma casa nobre de dois sobrados com quinta por detrás". Em 1686, Manuel Lopes Gavicho terá comprado duas casas que confinavam a sul com o solar e mandou aumentá-lo, construindo-se a capela de S. Jorge, na qual já se rezava missa a 25 de Junho de 1687. Constituído por dois pisos, a sua fachada apresenta simetria na sua forma com o predomínio da horizontalidade, com dois corpos laterais e um central alongado. Cada um dos corpos laterais possui uma porta encimada por um óculo, sendo o do lado norte a antiga entrada principal e o do lado sul a capela de S. Jorge. O corpo central é composto por nove vãos em cada piso, encontrando-se no piso inferior uma porta ao centro e oito janelas, quatro de cada lado. O piso superior é composto por sete janelas de sacada com varanda, sendo este conjunto ladeado por uma janela, de cada lado, com as mesmas dimensões das do piso inferior. O seu interior e parte do lado do quintal foi inteiramente remodelado durante o século XIX.

⁵⁷ O Solar é obra do século XVII, ou "talvez anterior" segundo Correia Góis, uma vez que há referência que este terá sido vinculado a 30 de Julho de 1453 por Afonso Jorge. No início do século XVII a herdeira do vínculo casou com Manuel Girão Henriques, administrador de outro vínculo, reunindo-se os dois morgados. A casa de Girão Henriques localizava-se na atual Rua da Corga, contudo uma vez que o Solar era maior e melhor situado, essa foi a residência escolhida. A família Soares Girão administraria o segundo morgado de Tentúgal em relação à riqueza que possuía. (Inventário do Património Arquitectónico, monumento N.º 020610110047)

⁵⁸ Da ermida de S. Filipe e S. Tiago apenas se conhece algumas características por testemunho legado por pessoas que a conheceram nos primórdios do século XIX. Esta seria reconstruída durante o século XVII pela família dos Soares Girão, porém os relatos dão a saber que possuiria características góticas. Isto é explicado na Geografia Manuscrita do ano de 1755/58 onde o Padre Luíz Cardoso refere que a mesma era administrada por essa família, mas que em tempos pertencera ao povo.

⁵⁹ Fazendo esquina com duas das principais ruas da Vila e por isso localizando-se num local privilegiado, testemunha assim a sua pertença a uma das famílias mais importantes de Tentúgal. Do edifício original apenas se preserva uma gárgula representando um animal e as janelas de avental.

⁶⁰ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra, p.154

⁶¹ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 146

⁶² A sua reconstrução apresenta um edifício com fachada retangular ao baixo, de dois pisos e sete vãos. Assim podemos identificar uma composição simétrica de cinco vãos e uma pilastra que divide a fachada num segundo corpo com dois vãos, sendo composta por uma porta e uma janela no piso térreo e duas janelas no piso superior. No piso inferior do corpo simétrico encontramos uma composição de portas ao centro e nos extremos e janelas a intercalá-las. No piso superior temos, ao centro, uma janela de sacada com varanda e moldura com pequeno frontão, sendo ladeada por duas janelas de cada lado. No telhado existem duas janelas mansardas.

⁶³ Este edifício possui planta retangular de dois pisos, a sua fachada é retangular ao baixo e apresenta três tramos, sendo a empena situada ao centro, de composição simétrica e remate em cornija com beiral. Cada um dos pisos apresenta nove vãos, sendo os do piso superior janelas de sacada com varandas. No tramo central encontra-se um portal de entrada no piso térreo, uma janela de sacada no superior e brasão de armas no topo, já do século XVIII. Os cunhais são apilastrados em pedra e finalizados por pináculos piramidais. (Inventário do Património Arquitetónico, monumento N.º 020610110046)

⁶⁴ Manuscrito sobre as Informações Paroquiais de 1721 - Arquivo da Universidade de Coimbra

⁶⁵ O antigo Solar dos Viegas de Novais, construído entre os finais do século XVII e inícios do século XVIII, é um edifício de volumetria simples de dois pisos e com predomínio da horizontalidade. A sua fachada principal é delimitada por cunhais apilastrados e possui quatro vãos, sendo as molduras das janelas do andar nobre os principais elementos de animação. Estas apresentam aventais recortados do tipo joanino e vergas curvas com cimalthas. No interior desenvolve-se uma escadaria central com arco triunfal no cimo. O estilo D. João V surgiu quando o seu proprietário procurou atribuir-lhe uma maior grandiosidade, apesar de não o ter concluído, daí estar incompleta e parte ainda se encontrar pela traça primitiva. (Inventário do Património Arquitetónico, monumento N.º 0610110030)

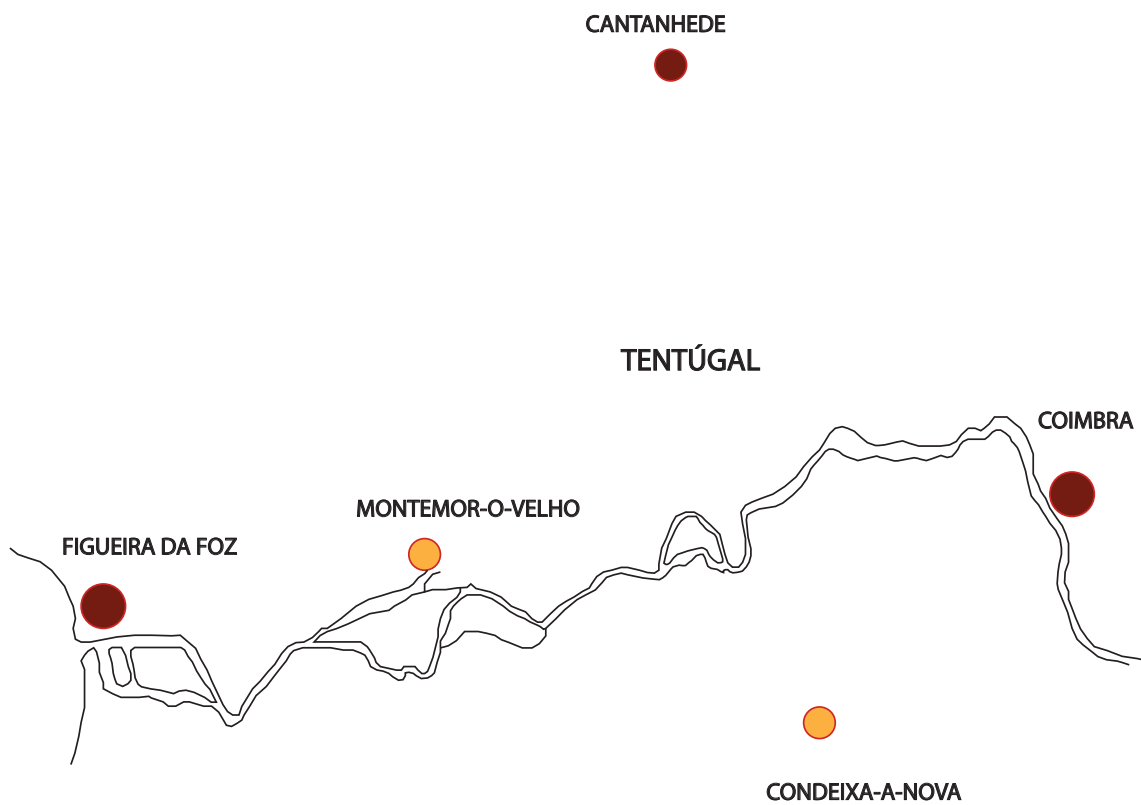
⁶⁶ Este Solar constitui uma construção do século XVIII, desenvolvida em planta retangular, de dois pisos, a sua fachada principal apresenta abertura regular de vãos, contando com oito, apesar de haver ainda vestígios, no atual muro, da existência de mais dois. No piso térreo encontramos apenas sete vãos, provavelmente por reformas posteriores, sendo seis deles portas e apenas o terceiro vão (contando da direita para a esquerda) uma janela. No piso

superior encontramos os oito vãos, contudo sem uma ordem articulada começando da direita para a esquerda com duas janelas, uma janela de sacada de verga reta com varanda, duas janelas, duas janelas de sacada de verga semicircular com varanda e uma última janela. (Inventário do Património Arquitetónico, monumento N.º 020610110045)

⁶⁷ Construída no final do século XVIII, a sua fachada principal caracteriza-se pela composição em dois corpos com portal ao centro. O corpo da esquerda possui dois pisos, cada um deles com quatro vãos. No piso inferior existem três janelas retangulares ao baixo e porta no segundo vão da esquerda para a direita. No piso superior encontram-se quatro janelas grandes com molduras. No corpo da direita encontramos uma escadaria colocada à direita do corpo, paralela ao mesmo, com uma janela e uma porta no piso inferior. Ao cimo da escadaria localiza-se uma porta e o restante do piso superior contém duas janelas com moldura. No nível do telhado existe uma janela mansarda e uma chaminé. Ambos os corpos contêm pilastras nos cunhais.

⁶⁸ A Capela de Nossa Senhora das Dores é uma construção dos meados do século XVIII (1755) desenvolvendo-se num edifício de planta retangular, nave única e o seu interior possui três retábulos de duas colunas. Na sua fachada principal é visível um pórtico estilo Joanino composto por porta retangular, ladeada por pilastras hermes, encimada por escudo da paixão entre os enrolamentos do frontão interrompido. No topo encontra-se um óculo quadrilobado e as portas laterais apresentam cimalha ondulada com espaço preenchido por uma concha e acima desta encontra-se uma janela de verga curva. (Inventário do Património Arquitetónico, monumento N.º 0610110025)

⁶⁹ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra, p.153



19. Mapa da área de estudo - 1703

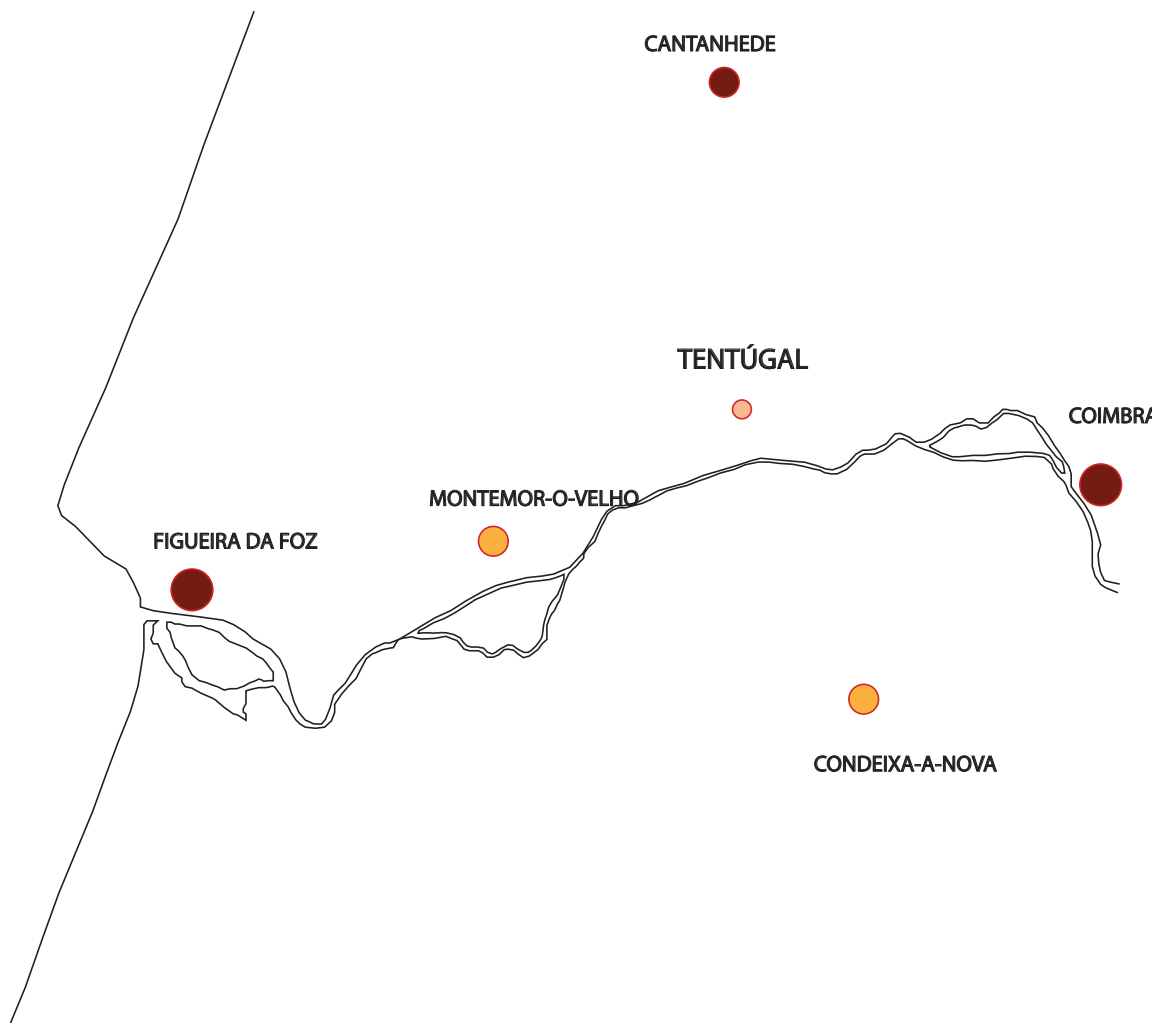
O período de decadência - Causas e Efeitos

Após este período benéfico, o processo de decadência avizinhava-se e assim, a partir da segunda metade do século XVIII começam a manifestar-se sinais relevantes. Um dado importante nesta constatação é o relatado entre os anos de 1755/58, período em que o Dicionário Geográfico do padre Luíz Cardoso já atribui apenas 362 fogos (cerca de 1450 habitantes) dentro da vila e 108 fogos (cerca de 430 habitantes) fora⁷⁰.

Os números revelados nos anos posteriores demonstram a continuidade do retrocesso demográfico, sendo que em 1813 se contabilizaria apenas 355 fogos (cerca de 1420 habitantes) ⁷¹. Em 1896 seria já contabilizada toda a freguesia, contando com 500 fogos (cerca de 2000 pessoas), e apenas sessenta e cinco anos depois (em 1866) existiriam somente 200 fogos e 600 pessoas⁷².

Este processo de retrocesso demográfico pode ter sido causado, em parte, pela introdução da cultura do arroz e do seu sistema de águas paradas que viria a propiciar o aparecimento de doenças como o paludismo⁷³.

Verifica-se ainda que após anos de grande riqueza agrícola em que se desflorestaram vastas áreas, Tentúgal começaria a ser abalada pelo assoreamento do rio, uma vez que devia grande parte da sua riqueza à



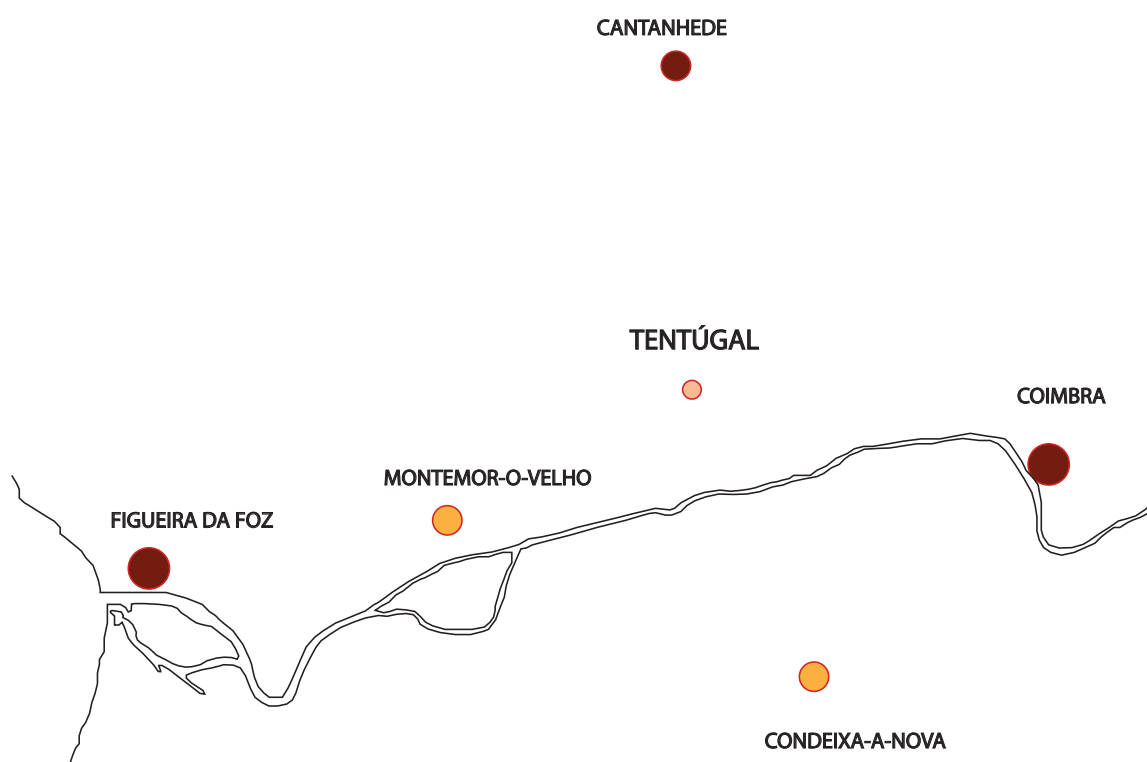
20. Mapa da área de estudo - 1808

fertilidade dos campos do Baixo-Mondego e à sua localização estratégica junto do rio. Este, ao mesmo tempo que inundava os férteis campos com areias pobres, ia perdendo a sua capacidade de via privilegiada de transporte e comunicação. Já desde o início do século XVIII as condições teriam começado a agravar-se com o Rio a atingir um nível de assoreamento de tal forma alto que deixaria de correr apenas no seu leito, passando a várias ramificações, inutilizando as culturas.

No final do mesmo século o Baixo Mondego era um espaço caótico, no qual "...os campos eram um vasto lençol de areias com cerca de 10 Km de comprimento por 1500 metros de largo; as terras, no verão, estavam acima das águas do rio pouco mais de 2 a 3 palmos; os prejuízos eram consideráveis; o Mondego, desdobrado em muitos braços corria ao acaso"⁷⁴. Assim, este fenómeno estaria na base dos intensos efeitos da crise agrícola nesta zona durante aquela época.

Deste modo, procurava-se urgentemente uma solução e, em 1790, o padre Estevão Cabral concluiria num relatório no qual se defendia que se deveriam criar condições que facilitassem o escoamento dos detritos para o mar. Pensava-se assim construir um troço reto de Coimbra até à foz do Rio Foja (junto a Montemor-o-Velho), obtendo-se a inclinação necessária para aumentar a velocidade das águas e assim a sua capacidade de transportar o excesso de sedimentos⁷⁵.

As escavações começariam na primavera do ano seguinte, durando nove anos e encurtando cerca de uma légua o percurso do Rio em relação ao antigo. Porém os resultados destas obras viriam a provocar um assoreamento crescente no vale e cheias ainda mais violentas. Sondagens recentes provaram que em pouco mais de um século a sedimentação neste novo leito atingira cerca de quatro metros, enquanto o leito antigo havia acumulado cerca de seis metros em séculos de existência. Desta forma,



21. Mapa da área de estudo - 1880

estima-se que há cerca de oito séculos a diferença de nível hidrográfico entre Coimbra e Figueira da Foz seria de seis metros, enquanto hoje se encontra nos dezassete metros.

Por outro lado, após anos de estabilidade política, no início do século XIX esta zona seria intensamente marcada pelas invasões francesas. Em 1811 as tropas de Massena após a entrada em Coimbra dirigiram-se a Tentúgal e provocaram uma grande devastação da zona, saqueando e destruindo tudo o que encontraram.

Logo de seguida, as revoluções liberais sentiram-se intensamente nesta zona, sendo mesmo o Paço ducal incendiado em 1834, pelos liberais de Coimbra, como forma de represália contra os duques que seriam fiéis a D. Miguel⁷⁶. Porém esta não seria a única consequência, já que a implementação da legislação liberal e a decorrente centralização administrativa viriam destituir a Vila de sede de concelho das freguesias de Tentúgal, Póvoa de Santa Cristina, São Martinho de Árvore, Lamasosa, S. Silvestre e Meãs do Campo, em 1853, incorporando-se as mesmas nos concelhos de Montemor-o-Velho e Coimbra⁷⁷.

Com a eliminação do regime senhorial e a procura de fazer um corte com o passado, o território reorganiza-se com a motivação de servir o núcleo principal - Coimbra. A reestruturação administrativa fiscal e judicial e a tentativa de criar um país moderno e industrializado provocariam na prática uma forte resiliência social, com a negação das transformações, sendo isto traduzido no progressivo abandono e esquecimento de certos territórios⁷⁸, como foi o caso de Tentúgal.

Já anteriormente em 1834, com os decretos que determinam a extinção dos Mosteiros e Conventos, Tentúgal perderia mais um dos seus pontos de referência, o Mosteiro do Carmo que ficaria condenado à usurpação de



22. Postal ilustrando o forte assoreamento do Rio Mondego

vários que posteriormente o deixariam abandonado à degradação e ao esquecimento.

A Revolução Industrial, chegada de Inglaterra, viria a partir da segunda metade do século XIX trazer várias alterações tais como a implantação da malha ferroviária pelo país e que seria determinante nesta zona uma vez que este meio de transporte, constituía uma alternativa melhorada em relação ao Rio⁷⁹, e afastaria o movimento de pessoas e mercadorias, dos quais Tentúgal havia usufruído nos séculos anteriores.

Ao mesmo tempo se o novo mundo industrial viria a traduzir-se numa maior comodidade e rapidez, permitindo uma maior produção e movimentação de pessoas, vilas como Tentúgal acabariam por entrar num processo de estagnação ainda maior e as pessoas com maiores possibilidades acabariam por procurar as ofertas dos centros citadinos, como foi o caso de várias das famílias nobres de Tentúgal que deixaram a Vila⁸⁰ na procura de locais mais dinâmicos, explicando assim o desaparecimento das casas senhoriais e de agricultores abastados.

Ainda nesta época, intensifica-se o fenómeno da emigração, pela atividade do colonialismo⁸¹, levando ainda a um maior afastamento populacional.

Os problemas derivados do assoreamento do Rio Mondego apenas viriam a ser solucionados com as grandes obras de engenharia hidráulica já no século XX⁸², permitindo pôr fim às sucessivas calamidades que durante o século anterior haviam continuado a debilitar a região.

Após anos de intensos estudos, as linhas gerais do Plano Geral de Aproveitamento Hidráulico da Bacia do Mondego, lançadas em 1962, produziram os seguintes pontos chave: a Barragem da Aguieira (1972-81), a Ponte-Açude, os sistemas de leitos regularizados e os diques a jusante de Coimbra⁸³. Estes últimos condenariam definitivamente a navegabilidade do



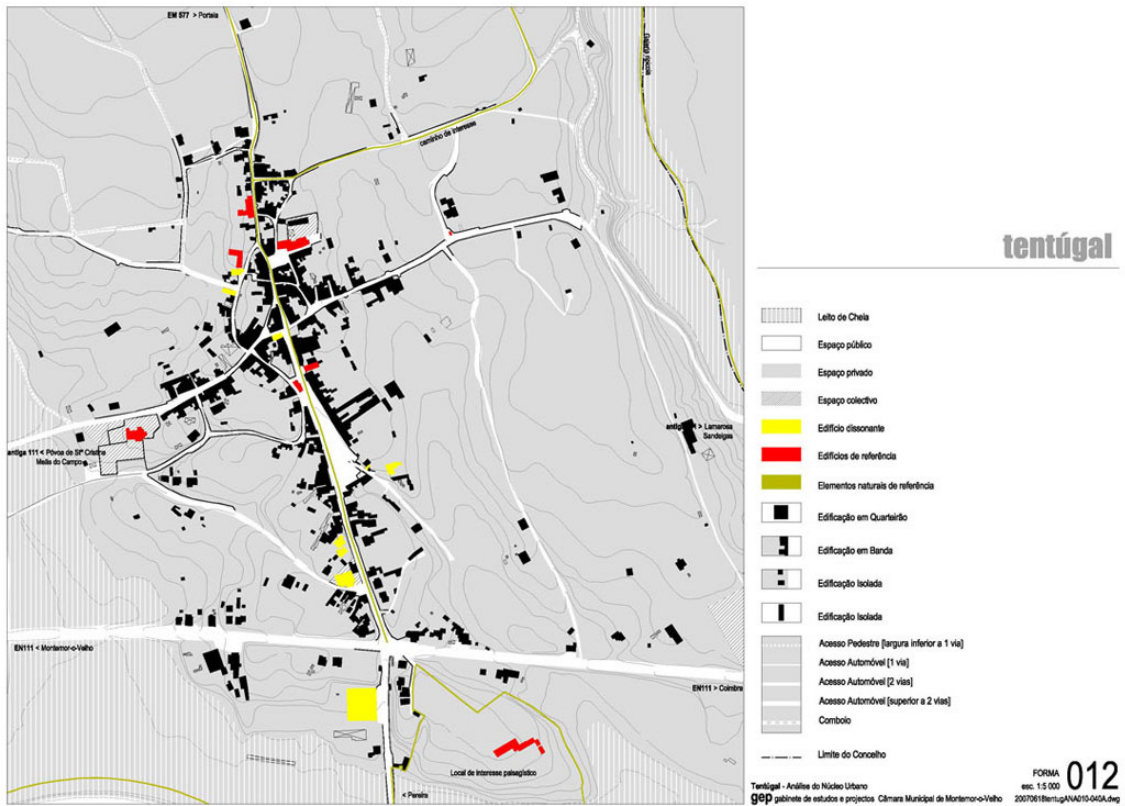
*23. Travessia do Rio Mondego em Montemor-o-Velho
antes das obras de engenharia hidráulica*

Rio, perdendo assim o seu caráter de eixo de comunicação. A partir daí as suas águas serviriam apenas para a produção hidroelétrica, o abastecimento e a rega dos campos.

Ainda associado a estas obras, o Emparcelamento constituiu um processo de tentativa de aumento da produção agrícola através da rentabilização dos terrenos. Este processo levaria a uma alteração sem precedentes da paisagem deste território, quer pela criação das estruturas necessárias à produção intensiva de arroz, quer pelo corte massivo de árvores e eliminação de sinais caracterizadores do território. Do mesmo modo, as restantes áreas (mais próximas dos aglomerados populacionais) seriam sucessivamente abandonadas ou introduzidas espécies exteriores como o eucalipto, acácias e mimosas⁸⁴.

Após o término deste período de instabilidade o processo de decadência e retrocesso demográfico continuou a marcar a história de Tentúgal, estando a população reduzida a 2005 habitantes no ano de 1970⁸⁵. Os grandes investimentos durante século XX, com a construção da estrada nacional 111 e as obras de regularização do Mondego, permitiriam alterar um pouco esta tendência, no entanto o processo de decadência estava instalado e o número viria a decrescer logo de seguida, verificando-se a continuidade deste retrocesso demográfico até aos nossos dias.

Apesar do valor histórico e arquitetónico do centro histórico da vila de Tentúgal, durante o século XX pouco foi sendo feito para a sua preservação e divulgação. Uma das principais áreas pelas quais a Vila foi marcando presença foi pela sua doçaria, mais concretamente graças ao Pastel de Tentúgal. Após o encerramento do Mosteiro do Carmo este foi trazido para fora do mesmo, dando-se incremento à sua produção e comercialização⁸⁶, tornando-se o principal agente de divulgação de Tentúgal.



24. Análise do núcleo urbano de Tentugal desenvolvido pelo GEP da Câmara de Montemor-o-Velho

Entre os finais do século XX e inícios do século XXI têm surgido alguns movimentos de preservação e divulgação do património da Vila, como é exemplo a Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal, porém verificamos que a história, tradições e antigas edificações continuam ainda envoltas no esquecimento e no desconhecimento.

notas

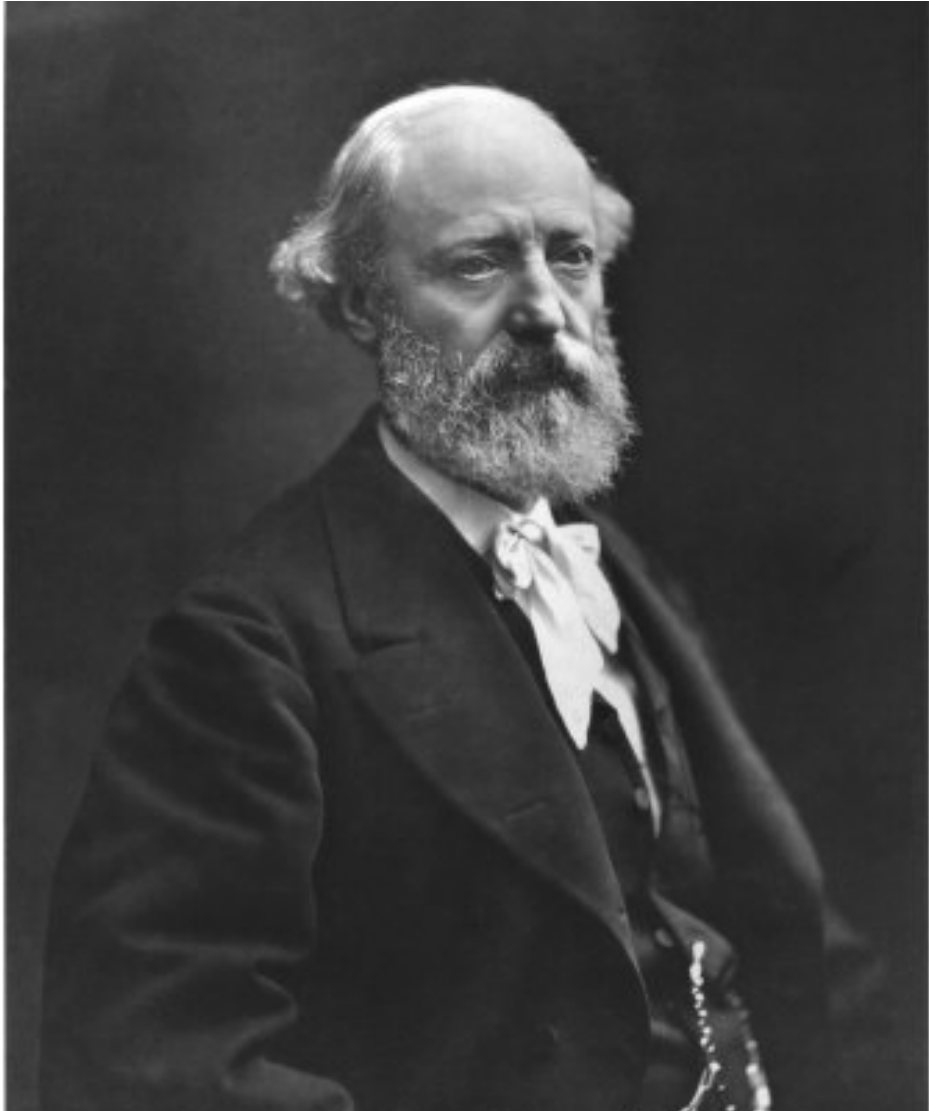
- ⁷⁰ CARDOSO, Luís. (1572) - Dicionário Geográfico, Lisboa
- ⁷¹ GÓIS, António Correia. (2001) – A vila de Tentúgal: “Memórias históricas”, p. 27
- ⁷² COSTA, Américo. (1929) - Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, p.655
- ⁷³ PLURAL. (2006) - Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico, p. 125
- ⁷⁴ Alfredo Fernandes Martins citado in CARDOSO, Cristóvão. (2001) - Baixo Mondego : identificação de um território, p. 41
- ⁷⁵ PROENÇA, Raúl e Dionísio, Sant'Anna, Guia de Portugal, Coimbra, 1993, vol.3 - Beira, p. 155
- ⁷⁶ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra, p.153
- ⁷⁷ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Época Contemporânea, p.1
- ⁷⁸ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul, p. 77
- ⁷⁹ CARDOSO, Cristóvão Gabriel Castanho de Oliveira.(2001) - Prova Final de Licenciatura "Baixo Mondego: identificação de um território", p. 51
- ⁸⁰ GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – Evolução histórica - Época Contemporânea, p.1
- ⁸¹ Em finais do século XIX a construção do império colonial africano e a necessidade da defesa da soberania colonial emergiu como um dos principais baluartes da política externa portuguesa, mobilizando grandes faixas da população.
- ⁸² PLURAL. (2006) - Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico, p. 126
- ⁸³ RIBEIRO, Ana Patrícia Claro. (2006) – Dissertação de Mestrado em Arquitectura, Território e Memória - A Norte do Sul, p. 69
- ⁸⁴ Idem, p. 77
- ⁸⁵ Dados do Instituto Nacional de Estatísticas (INE)
- ⁸⁶ "Foi, de facto, no seguimento da extinção do convento, deliberada em Maio de 1834, que, perante a lenta agonia a que a comunidade ficaria sujeita, o segredo da confecção dos pastéis transpôs os muros da clausura. Transmitida a uma serviçal doméstica, a receita acabaria por chegar às mãos de uma sua familiar, D. Maria da Conceição Faria, que,

dominando os segredos culinários, iniciaria, por volta do ano de 1890, a sua comercialização na hospedaria erguida à beira da estrada que ligava Coimbra à Figueira da Foz." citando Milton Pacheco (Historiador da Arte do Departamento dos Bens Culturais da Diocese de Coimbra) *in* PRATA, Margarida (2011) - As cozinhas do Convento de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal, p.5

CAPÍTULO II - REABILITAÇÃO E REVITALIZAÇÃO

Reabilitação enquanto método regenerativo para o desenvolvimento

"A subtil certeza que temos de que a Arquitetura é a concretização de alterações sucessivas, e por vezes sobrepostas, em tempos diferentes e descontínuos do território natural e artificial, resulta com maior evidência quando o projeto diz respeito a um edifício ou parte desse já existente; quando a memória daquilo que existiu constitui uma grande referência cultural coletiva (...) Aquela Arquitetura capaz de arrancar ao lugar a fórmula do seu próprio renascer, aquela arquitetura feita pelos homens para dar morada aos deuses; aquela arquitetura realizada em coerência com a própria época".⁸⁷



25. *Eugène Viollet-le-Duc*

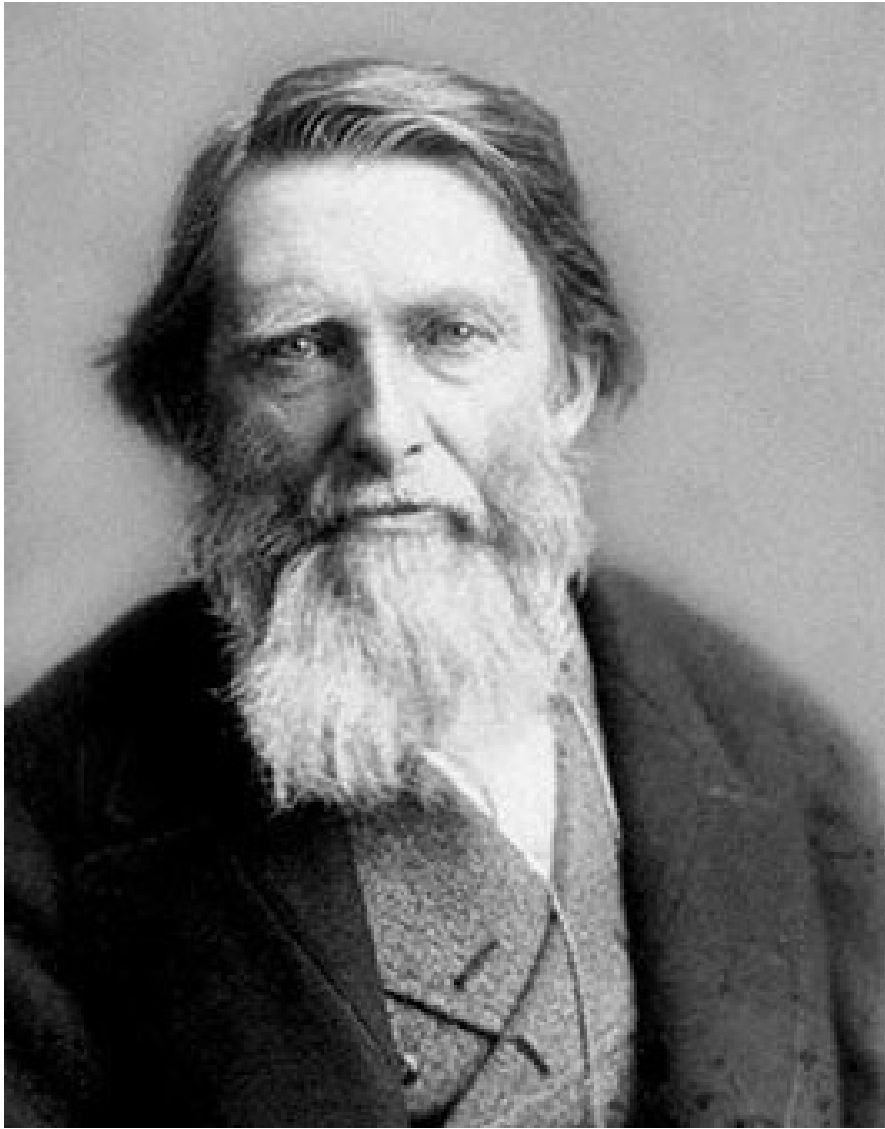
Conceitos e Referências

A reabilitação tem apresentado ao longo da história da Arquitetura diversas formas e métodos de conceção, contudo é cada vez mais evidente que a reabilitação urbana entrou finalmente na ordem do dia em Portugal.

A sua relação com a também atual questão da regeneração e revitalização de espaços, segundo a qual, uma estrutura herdada de uma civilização anterior pode ser encarada como um recurso e não como um impasse ao desenvolvimento urbano e cultural, atribui-lhe esta relevância.

Assim, considerando o excesso de construção das últimas décadas, cada vez mais os monumentos e os edifícios históricos acumulados entram no âmbito da atividade dos arquitetos, a quem cabe a tarefa de avaliar, interpretar e continuar essa memória edificada, interpretando a reabilitação enquanto "direito à arquitetura, [destinando-se] a melhorar a qualidade de vida dos cidadãos"⁸⁸.

A consciência para a importância do património histórico e arquitetónico, apesar de já existente durante o Renascimento, apenas se viria a consolidar durante o século XIX em consonância com o Romantismo⁸⁹, através da inventariação de imóveis suscetíveis de proteção e da criação dos primeiros organismos institucionais de salvaguarda de imóveis de valor reconhecido.



26. *John Ruskin*

Assim, podemos afirmar que o movimento de restauro surge no momento em que a cultura arquitetônica toma consciência da sua historicidade.

A ideia geral que preside a uma intervenção deste gênero consiste na preservação e salvaguarda de determinados valores e significados culturais que utilizam o objeto como suporte da memória e da identidade. Portanto, a motivação das operações efetuadas sobre um património é na generalidade baseada no desejo de conservação de determinadas características intrínsecas ao mesmo. Contudo uma vez que as motivações ideológicas não são sustentáveis por si só, a conservação e manutenção de um edifício histórico é sempre favorecida pela adequação a uma função útil à sociedade que poderá assegurar a continuidade da sua vida.

Após esta conclusão partimos então para outra questão que se prende com o “grau de intervenção” que podemos colocar a uma reabilitação. Assim, por um lado esta poderá limitar-se à manutenção e preservação do imóvel, restringindo-se à salvaguarda do seu significado histórico e à sua transmissão para o futuro. Outra possibilidade será adotar medidas mais interventivas, que impliquem não apenas a sua consolidação e o impedimento da degradação natural, mas também o desenvolvimento de estruturas novas, quer se trate de um mimetismo daquilo que existira no passado, quer constitua algo novo.

Cada uma destas possibilidades comporta em si diferentes implicações, tornando-se imprescindível estudar as principais posições que ao longo dos tempos foram adotadas. Assim, é possível encontrar oscilações entre atitudes extremas, ora de otimismo ora de pessimismo, na relação das diferentes expressões contemporâneas com a herança do passado.

Viollet-le-duc⁹⁰ (1814-1879) defendia que “restaurar um edifício não é mantê-lo, repará-lo ou refazê-lo, é restabelecê-lo a um estado completo que pode



27. *Camillo Boito*

não ter existido nunca em nenhum momento”⁹¹. Deste modo, sustenta uma teoria do restauro como disciplina autónoma da concepção arquitetónica. Os seus restauros baseavam-se em “estudos arqueológicos”, apoiados nos fragmentos originais do edifício e na sua própria indução arquitetónica, que em teoria não dava lugar a criatividade ou críticas pessoais. Acreditava que o espírito progressista aliado à técnica tornava possível refazer uma obra de arte incompleta ou “adulterada”, baseando-se na noção de coerência do conjunto⁹².

Por seu turno, John Ruskin⁹³ (1819-1900), entendia que a Arquitetura constitui uma pedra angular da história das civilizações que, na sua nobre missão documental, não deveria ser tocada sob perigo de ser corrompida. Assim, tanto a história como a situação atual deveriam ser respeitadas até às últimas consequências, limitando-se a intervenção à prevenção da destruição natural do monumento, como forma de evitar que se perdesse para sempre o contacto com o legado deixado pelos antepassados⁹⁴. Esta teoria, vinculada ao Romantismo, valoriza a sensibilidade sobre a razão, constituindo uma postura fatalista oposta ao positivismo de Viollet-le-duc.

Mais tarde, Camillo Boito⁹⁵ (1835-1914) viria a partilhar a consciência de antiguidade histórica de um monumento e o perigo da sua corrupção, porém destaca como preponderante o valor do monumento enquanto testemunho histórico. Nesse sentido critica e considera insustentáveis as teorias de segregação estilística, instituídas pela escola francesa, apontando esse tipo de reconstruções como verdadeiros atentados à autenticidade do monumento. Ainda assim rejeita a visão fatalista de Ruskin, contrariando a “morte dos monumentos”, invocando à necessidade da sua recuperação⁹⁶.

No seguimento das teorias de Camillo Boito, Gustavo Giovannoni⁹⁷ (1873-1947) estabeleceu alguns princípios que funcionaram como um primeiro



28. *Gustavo Giovannoni*

documento de restauro, estabelecendo uma obrigatoriedade de diferenciar o moderno do antigo, mas possibilitando sem choque, a coexistência entre os dois. Considera cinco modelos de intervenção segundo uma ordenação hierárquica: consolidação, recomposição, remoção de acrescentos ou desmontagem de partes não originais e o completamento. Em último caso admite então a possibilidade da inovação. Podemos ainda atribuir-lhe a ampliação do conceito de monumento ao ambiente em seu redor, deixando este de ser apreendido de forma isolada para passar a ser entendido no espaço em que se insere. Desta forma realça a importância da relação que os edifícios mantêm com o sítio onde estão implantados, com a arquitetura e com o próprio espaço urbano envolvente⁹⁸.

É ainda relevante a sua defesa de uma estratégia que consiga adaptar as intervenções de requalificação à componente higienista (defendida durante a sua época), sistematizando o conceito de restauro científico. Esta metodologia de conservação procurava garantir a sobrevivência da autenticidade do monumento enquanto valor documental, histórico e artístico, recusando a possibilidade de renovação de acordo com paradigmas arquitetónicos contemporâneos, por estes afetarem drasticamente a salvaguarda material e espiritual desses valores⁹⁹.

Na evolução do conceito de património, bem como as formas de o preservar, seria criado (em 1933) um documento determinante: a Carta de Atenas¹⁰⁰, constituindo a primeira referência de reflexão sobre a preservação do património construído.

Após a 2ª Guerra Mundial, com a urgência de recuperar as cidades destruídas, surge uma onda de contestação das teorias defendidas anteriormente, levando a uma reformulação do conceito de restauro. Alguns exemplos das críticas formuladas foram os princípios e metodologias propostos por Camillo Boito e Gustavo Giovannoni, que se haviam revelado



29. *Cesare Brandi*

serem demasiado lentos e complexos, sobrevalorizando a componente histórica.

Surge então Cesare Brandi¹⁰¹ (1906-1988) que na sua obra síntese "Teoria del Restauro" defende a importância da capacidade de reconhecer o objeto, a sua função histórica e o seu estatuto enquanto obra de arte. Destaca ainda a importância da materialidade enquanto meio específico da manifestação da imagem. Brandi afirma que o restauro deve inserir-se no processo histórico como mais um evento na complexa série de ações humanas que incidiram sobre o monumento, como uma forma de sedimentação do tempo na matéria. Assim, importava preservar as partes originais que representassem fielmente o estado do objeto antes da intervenção, sendo as partes acrescentadas claramente identificáveis¹⁰².

Em 1945, após a criação da ONU apareceria, entre outras agências especializadas, a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) que teve desde início como principal preocupação o património e a sua preservação. Reflexo disto foi a aprovação da Convenção de Haia em 1954, na qual o conceito de Propriedade Cultural abrange: monumentos de arquitetura, arte ou história; sítios arqueológicos; conjuntos de edifícios; obras de arte; manuscritos, livros e também museus, arquivos ou outros edifícios destinados à preservação dos referidos objetos¹⁰³.

Deste modo verifica-se que ao longo do tempo a noção de restauro viria a evoluir e a recriar-se, mas também o conceito de património observaria um considerável alargamento, relacionando-se, hoje, não só com o legado do objeto em termos históricos, artísticos e culturais, mas também com o próprio contexto social e ambiental em que se insere. Assim, em 1964 seria aprovada a Carta de Veneza que prevenia para a importância, para além das grandes obras, das obras modestas que haviam ganho com o tempo um significado cultural¹⁰⁴. Em 1972 é aprovada uma outra convenção que

alargaria o conceito de Património Cultural para monumentos, conjuntos (grupos de construções isoladas ou reunidas de valor excecional) e sítios (obras do homem ou de conjugação com a natureza, incluindo os sítios arqueológicos) ¹⁰⁵.

notas

⁸⁷ CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (1999) - Construir no tempo , p. 7

⁸⁸ RODEIA, João Belo - A Reabilitação Urbana parece ter entrado finalmente na ordem do dia em Portugal, 06.04.2011

⁸⁹ Movimento artístico, político e filosófico surgido nas últimas décadas do século XVIII na Europa que perdurou por grande parte do século XIX. Enquanto visão contrária ao racionalismo e ao iluminismo (baseados na ciência e razão) adotava uma dimensão historicista e revivalista plena de exotismo.

⁹⁰ Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc foi um arquiteto francês ligado à arquitetura revivalista do século XIX e um dos primeiros teóricos da preservação do património histórico.

⁹¹ Viollet-le-duc citado in VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 19

⁹² VIOLLET-LE-DUC, Eugène (1866) –Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI su XVI Siécle, vol.10, p.14

⁹³ Escritor e sociólogo inglês associado ao romantismo literário, tendo contribuído para a salvaguarda do património através das suas teorias conservadoras.

⁹⁴ Cf. RUSKIN, John. (1987) - Las siete lámparas de la arquitectura, p.183

⁹⁵ Camillo Boito nasceu em Roma e desde cedo ficou a par da cultura europeia e das teorias francesas e inglesas que se desenrolavam na época (destacando-se as teorias de Viollet-le-duc e Ruskin). "Boito defende a manutenção do edifício ao longo do tempo de modo a evitar-se o restauro, com acrescentos e renovações à semelhança de Ruskin, mas sem deixá-lo cair em ruínas passivamente. Quando é necessário intervir deverá ser bem diferenciada a obra antiga e a moderna, afirmando-se contra os restauros estilísticos que falsificavam os monumentos". in LUSO, Eduarda, Paulo B. Lourenço, Manuela Almeida - Breve história da teoria da conservação e do restauro, p.38

⁹⁶ Cf. VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 25

⁹⁷ Giovannoni teve uma formação multifacetada de arquitecto, restaurador, historiador de arte, engenheiro e urbanista. Conciliou o valor museológico e o valor de uso dos conjuntos urbanos antigos, integrando-os numa concepção geral de organização do território in MATELA, Raquel Sofia de Pinto Lobo e. (2009) - O Papel dos Conventos no Crescimento Urbano, p. 40

⁹⁸ Cf. VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, pp. 29-31

⁹⁹ Cf. Idem, p.31

¹⁰⁰ Ideias fundamentais:

(a) manutenção e conservação regular das obras de arte e monumentos como medida eficaz para assegurar a durabilidade dos objectos e evitar as restituições integrais. Quando seja

inevitável a intervenção, pela degradação do monumento, é aconselhável respeitar todas as obras históricas e artísticas do passado sem excluir estilos de qualquer época;

(b) é importante a reutilização do edifício, mantendo o seu uso original ou o uso funcionalmente mais

adequado, de modo a respeitar o carácter histórico e artístico, garantindo a sua continuidade futura;

(c) valorização do aspecto envolvente do edifício, recomendando a reflexão sobre novas construções nas proximidades do monumento, de modo a não degradar a paisagem e o ambiente. Além disso, devem ser suprimidos elementos como publicidade, postes e fios telefónicos, indústrias ruidosas e outros;

(d) é aceitável utilizar os recursos da técnica moderna, inclusive o betão armado, usando-os de forma dissimulada, para que não alterem a imagem e o carácter do monumento; (e) o monumento antes da intervenção deve ser alvo de estudo e análise de toda a documentação, de modo a realizar um diagnóstico correcto e trabalhos de restauro adequados. Para esta tarefa é fundamental o trabalho interdisciplinar entre arqueólogos e arquitectos restauradores, assim como a colaboração de representantes de ciências físicas, químicas e naturais, de modo a analisar futuras degradações provocadas pela passagem do tempo e por efeito dos agentes atmosféricos;

(f) preocupação especial na educação dos povos, desde as primeiras idades, no sentido de transmitir a importância da protecção de obras de arte e de limitar actos que possam degradar estes testemunhos de toda a civilização. *in* LUSO, Eduarda, Paulo B. Lourenço, Manuela Almeida - Breve história da teoria da conservação e do restauro, pp. 39-40

¹⁰¹ Cesare Brandi foi um dos principais críticos e historiadores de arte, fundador da Teoria do Restauro, esteticista, ensaísta, poeta e escritor.(tradução livre) disponível em http://www.cesarebrandi.org/brandi_chi.htm

¹⁰² *Será como ler as palavras num dicionário, as mesmas palavras que o poeta havia agrupado num verso e que, soltas do verso, retornam a grupos de sons semânticos e nada mais*”. BRANDI, Cesare - *Teoria do Restauro*, p.14

¹⁰³ LUSO, Eduarda, Paulo B. Lourenço, Manuela Almeida - Breve história da teoria da conservação e do restauro, p.42

¹⁰⁴ Aprovada no *II Congresso Internacional de Arquitectos e Técnicos de Monumentos Históricos*, em 1964, constitui uma atualização da Carta de Atenas. Demonstra uma especial atenção para com as características originais, a história e o significado cultural enquanto requisitos-base para avaliar a autenticidade de uma obra, e seguindo uma avaliação que se prende às várias fontes disponíveis para uma correta intervenção e estudo da obra.

¹⁰⁵ António Nobre citado in GONÇALVES, A. Nogueira (1952)– *Inventário Artístico do Distrito de Coimbra*, p. 187

O contexto português

No contexto português é durante o séc. XVIII, pela revalorização do estilo Gótico ditada por figuras do romantismo inglês, que se verificam as primeiras referências a algumas iniciativas de valorização do património considerado essencial à herança histórica nacional¹⁰⁶.

Destacam-se, no contexto do nosso objeto de estudo, os dois momentos anticlericais vividos em Portugal (um em 1834 e outro em 1910) que potenciarium uma transformação e reutilização dos bens patrimoniais nacionalizados. Nesta época, a desamortização dos bens a que o país assiste, conduz o Estado a usufruir de uma situação privilegiada de intervenção sobre estes monumentos expropriados, ocupando rapidamente o espaço cultural deixado vago pelo Clero. Os imóveis nacionalizados (quando não eram vendidos a particulares para saldar dividas estatais) sofriram às mãos de um liberalismo anticlerical que dava aos seus técnicos a total liberdade de atuar em edifícios sacros, segundo um espírito laico e historicista, desinteressado das componentes litúrgicas dos objetos religiosos¹⁰⁷.

Se por um lado a extinção das ordens teve um papel importante para a consolidação do novo regime em território nacional, por outro, como aponta Francisco Soares Franco (1810-1885), foi palco de uma evidente perda cultural¹⁰⁸. Isto porque o processo de proteção dos edifícios com valor histórico e artístico desamortizados à Igreja demonstrar-se-ia bastante lento, proporcionando cenários de negligência e destruição propositada dos monumentos.

Com a implantação da República, em 1910, originou-se um novo e ainda mais profundo ataque à Igreja, renovando-se a delapidação dos seus bens. Seriam então estabelecidas reutilizações, muitas vezes prejudiciais para a integridade cultural, histórica e artística destes imóveis. Deste modo os novos programas seriam tão variados quanto repartições públicas, unidades de saúde ou assistência social, escolas ou quartéis da Guarda Nacional Republicana, revelando-se funções demasiado desgastantes para edifícios desta natureza. A 20 de Abril de 1911 seria criada a Lei da Separação do Estado das Igrejas, mas apenas a 1 de Outubro a Igreja recupera os bens de que era proprietária, excetuando-se os bens das casas conventuais extintas em 1834 e aqueles que estavam já ocupados por serviços das instituições públicas.

Até ao início do século XX as metodologias de reabilitação utilizadas seriam baseadas em critérios de recriação arquitetónica, numa reação pessimista em relação ao progresso e à exponencial delapidação de território potenciada pela industrialização. Sobrevalorizava-se o peso histórico dos monumentos como veículos da memória e testemunhos de tempos passados atribuindo-lhes a especial capacidade de ilustrar fisicamente a história¹⁰⁹.

Assim, as teorias de unidade de estilo de Viollet-le-duc encontrariam durante o período Salazarista um campo favorável de propagação com a atividade da

então criada Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN), que tendo como objetivo construir e reparar os edifícios do Estado, procuraria restituir os edifícios nacionais à sua "traça primitiva". Nesta época a situação geral caracterizava-se pelo abandono e a ruína, excetuando-se apenas os grandes e emblemáticos monumentos do país, que já haviam sido alvo de interesse durante o século XIX. Contudo a intervenção da DGEMN demonstrar-se-ia claramente condicionada por mecanismos mentais e políticos que se sobrepunham às questões de natureza técnica e artística, numa procura por parte do Estado Novo de legitimar "o seu regime autoritário como se de uma refundação simbólica do país se tratasse"¹¹⁰.

A partir da década de 50, alguns arquitetos influenciados por movimentos como os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna (CIAM) ¹¹¹ procuraram demonstrar a possibilidade de integração de diversas soluções. Mas é a partir da revolução política de 1974, com o acesso aos fundos comunitários, a queda das fronteiras, a crescente industrialização e a consequente desafetação da agricultura que o país modificar-se-ia definitivamente e com ele todo o contexto patrimonial.

É durante o pós-modernismo que surge a ligação entre o património arquitetónico e a indústria cultural do turismo, tornando-se numa relação fortemente defendida por vários autores, como Urry que designa o processo como "culturalização das práticas turísticas". O ICOMOS (International Council on Monuments and Sites) ¹¹² sublinharia a importância desta associação, alertando que com a introdução de mecanismos corretos de reinvestimento as receitas geradas pela visita turística poderiam ser aplicadas na preservação e conservação dos monumentos¹¹³.

Verificou-se então um crescente desenvolvimento da indústria do turismo formando-se em 1977 uma equipa de trabalho para o Plano de Fomento Turístico-Cultural, no seio da qual são avaliados imóveis monumentais com

características favoráveis à adaptação a pousada. Contudo, a adoção de uma postura de atuação quase “anti-moderna”, conduziria a políticas de intervenção patrimoniais com tendências museológicas, pelo que o tipo de intervenção constituía, na maioria dos casos, uma espécie de arquitetura de interiores revivalista, procurando a criação de um “ambiente evocativo”¹¹⁴.

Apesar de tudo, a adaptação de vários imóveis a programas como o da pousada demonstraria uma forte solidez de conteúdos na integração e diálogo entre património e turista, assim como uma grande flexibilidade e capacidade de transformação destes monumentos. Isto conduziu ao longo de mais de meio século de experiências ao investimento no chamado “turismo lúdico e cultural”, que terá permitido desenvolver um método de intervenção baseado na evolução arquitetónica do edifício, na interpretação do local, na sua dimensão espaço-formal e no seu significado. Deste modo, estas etapas tornar-se-iam essenciais na procura do equilíbrio entre o conservadorismo e a arquitetura moderna, concebendo uma obra que gerada sobre a história é “contaminada por uma nova sensibilidade”¹¹⁵.

notas

¹⁰⁶ Cf. VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p.8

¹⁰⁷ Cf. VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p.44

¹⁰⁸ *"Há mosteiros famosos pela sua antiguidade, santidade e grandeza, que seria uma barbaridade destruírem-se ou entregarem-se a particulares, que não farão deles uso algum"*, Francisco Soares Franco citado in NETO, Maria João, *Memória propaganda e poder, o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*, p.65-66

¹⁰⁹ VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 54

¹¹⁰ Jorge Rodrigues [et al.] (1999) - Caminhos do património - DGEMN, p. 70

¹¹¹ Os Congressos Internacionais da Arquitetura Moderna constituíram uma organização e uma série de eventos organizados pelos principais nomes da arquitetura moderna internacional a fim de discutir os rumos a seguir nos vários domínios da arquitetura in http://pt.wikipedia.org/wiki/Congresso_Internacional_da_Arquitetura_Moderna - 20/04/2013

¹¹² "ICOMOS é uma organização internacional, organização não-governamental que trabalha para a conservação dos monumentos e sítios do mundo" in <http://www.icomos.org/en/> - 11/02/2013 (tradução livre)

¹¹³ SIMÕES, José Manuel, Revista Patrimónios Estudos 11, p. 129

¹¹⁴ VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p.67

¹¹⁵ CORREIA, Luís Miguel- Sobre a Intervenção no Património em Portugal: uma questão de identidade, p. 5



30. Pousada de Santa Marinha da Costa
Guimarães

Casos de estudo e metodologias

Dos vários projetos desenvolvidos destacam-se dois que mostram modos bastante distintos de interpretar o património e de intervir nele, sendo eles: a intervenção no Mosteiro de Santa Marinha da Costa, em Guimarães, por Fernando Távora e o projeto no Mosteiro de Santa Maria do Bouro por Eduardo Souto Moura.

O projeto de Fernando Távora procurou uma autonomia em relação às orientações que tradicionalmente caracterizavam os restauros da DGEMN, fazendo uma reflexão entre as qualidades patrimoniais reconhecidas no edifício e a necessidade de adaptação a um programa contemporâneo, considerando questões de comodidade e organização espacial¹¹⁶. Assim, seria realizada uma reflexão sobre os instrumentos de intervenção, a função da História e sobre os mecanismos de análise e de conhecimento. Procurar-se-ia dar continuidade à longa vida do Convento “confirmando e reafirmando os seus espaços mais significativos ou criando espaços resultantes de novos condicionamentos programáticos. Pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a ruptura”¹¹⁷.



*31. Pousada de Santa Maria do Bouro
Braga*

O projeto sintetiza duas vertentes complementares: o conhecimento científico da sua evolução e dos seus valores e uma conceção criativa no processo de alteração. No seguimento das ideias de Brandi, Távora pretendia uma reflexão crítica que fugia do mimetismo, contornava o peso da questão da autenticidade histórica e atingia a unidade visual através da dialética entre antigo e novo. Assim, em Santa Marinha da Costa Távora demonstra uma atitude positiva defendida por Viollet-le-duc, mas também uma certa sensibilidade, visível em Ruskin e um raciocínio científico reiterado por Boito. O edifício é encarado como um organismo vivo, com capacidade para absorver a continuidade e de transparecer a sua história.

Por outro lado, a intervenção de Eduardo Souto Moura no Mosteiro de Santa Maria do Bouro, em 1997, traduz-se numa rutura com a história do edifício pois, segundo Alves Costa, "a nova intervenção não prolonga a história do antigo edifício, põe um termo na narrativa e inicia uma outra"¹¹⁸.

A escolha da atualidade como referência cultural, que constitui para a generalidade do edifício, um tempo de ruína, traduz-se numa intervenção que é orientada para a memória do presente, em detrimento de uma memória do passado. Deste modo, o projeto expõe fisicamente a ruína, reforçando-a, não procurando uma operação de restauro (no sentido convencional) mas como se de uma nova construção se tratasse, sendo isto evidente quando Souto Moura afirma: "Não estou a restaurar um mosteiro. Estou a construir uma pousada com as pedras de um mosteiro"¹¹⁹.

Esta "ruína armadilhada"¹²⁰, de aparente analogia com a tese conservadora de Ruskin resulta, na verdade, de uma postura profundamente oposta, muito mais próxima do positivismo intervencionista de Viollet-le-duc, querendo demonstrar que a dicotomia entre passado e presente não tem necessariamente de existir, pois a atualidade também faz parte da história.



*32. Pousada de Santa Maria do Bouro
Guimarães*

Para Souto Moura, no projeto de Santa Maria do Bouro, a história é considerada, não como um dado adquirido a ser complementado, mas como um instrumento de trabalho a ser interpretado e manipulado criticamente de modo a servir de resposta a um problema atual¹²¹. Assim, as ruínas, tornam-se mais importantes do que a memória do edifício o que manifesta ainda assim uma nota contraditória, já que como refere Miguel Correia, "a escolha deste antigo mosteiro para um novo uso não derivou da alma individual de cada pedra, mas sim do seu conjunto, testemunho de uma história e de um valor artístico, enquanto forma e espaço"¹²².

Conclui-se então que se por um lado o projeto de Santa Maria do Bouro se apresenta como um projeto irreverente na sua forma de contato com o existente, por outro lado segundo Miguel Correia: "ao fazer uso indiscriminado das pedras como material meramente construtivo está-se, noutra perspectiva, a adulterar definitivamente a história do lugar, a sua identidade, ou seja, os motivos que presidiram à sua recuperação"¹²³.

Ganha então uma nova relevância a ponderação sobre o peso do funcionalismo na sociedade atual e os possíveis obstáculos quando avaliado o valor simbólico e memorial que o objeto comporta na atualidade. Como referiu Choay, um edifício constitui uma "memória física surgida diante dos nossos olhos onde se preserva o espírito de um outro tempo"¹²⁴. Assim, os monumentos surgem-nos como uma oportunidade de demonstrar a nossa sensibilidade e admiração face a criações do passado, enquanto portadores de uma identidade que nos interessa preservar e transmitir às gerações futuras, constituindo um risco, aquando a intervenção no mesmo, o de interferir com o legado deixado pelos nossos antepassados.

Desistir à priori do material cultural caracterizador do edifício parece constituir uma atitude de indiferença perante a sua própria identidade e as razões pelas quais foi preservado. "Prescindir da memória veiculada pelo objeto histórico, substituindo-a por outra, é prescindir da memória de uma sociedade inteira e do seu inestimável conteúdo humano"¹²⁵.

Uma vez que qualquer intervenção no património diz respeito à coletividade em que se insere, alguns autores consideram que antes de ser formalizada, seria legítimo proceder-se à exposição pública dos seus critérios de atuação e filosofias de restauro. Esta divulgação considera-se pertinente pois verifica-se que quanto mais informada e íntima a população se tornar do seu próprio Património, maior será a sua capacidade para o proteger, tornar valioso e operativo. Por outro lado, visto que o património constitui o que mais diretamente os nossos antepassados nos deixaram, torna-se coerente que o património possa continuar a resultar de "uma criação permanente e coletiva, [ainda que] o próprio ato de recuperação do património tenha de ser um ato de criação"¹²⁶.

Importa então reconhecer neste âmbito que não se inventa uma linguagem, mas que esta se transforma para se adaptar à realidade e para lhe dar forma, podendo afirmar-se que os instrumentos de reconhecimento do real são domínio da História enquanto a arte de construir e a sua transformação são domínio da Arquitetura.

A preservação estrita pode ser considerada a atitude mais pessimista tendo em consideração que o processo de decadência pode ser atrasado, mas não pode ser anulado. Desta forma, procurar a conservação de todo um passado seria como negar o próprio decurso da vida, mesmo porque a própria memória resulta apenas de uma seleção e organização mental. O homem deve ter a capacidade de selecionar e reorganizar o passado de modo a



Convite

O Presidente da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, o Presidente da Direção da Associação de Desenvolvimento Local da Bairrada e Mondego e a Grã-Mestre do Capítulo da Confraria da Doçaria Conventual de Tentúgal convidam V^ª Ex^ª a estar presente no evento "O Pastel de Tentúgal vai a Lisboa", a ter lugar no dia 5 de Julho de 2011, pelas 15 horas, na Loja Portugal Rural (N 38.716021º, W 9.16307º) com o seguinte programa:

- Apresentação e enquadramento histórico-cultural, social e económico do Pastel de Tentúgal;
- Presença de Pasteleiras: confeição dos Pastéis de Tentúgal;
- Cantares típicos da Confraria da Doçaria Conventual de Tentúgal;
- Degustação do Pastel de Tentúgal.

Esta acção realiza-se no âmbito da campanha "Vote nos Pastéis de Tentúgal" às 7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa.



33. Convite Pastel de Tentúgal
7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa

fazer parte ativa do presente. Isto torna-se tanto ou mais relevante quando tomamos consciência de que a memória coletiva de um povo, de uma cultura, de uma religião ou de um tempo é, afinal de contas, o registo e a força da sua identidade. Para a criação dessa identidade é essencial discernir o que deve ser efetivamente preservado pelo seu valor único e o que deve ser rejeitado pela mera representação de um passado nostálgico.

A reabilitação traduz-se, na maioria das vezes, em processos de melhoria, atualização e de refuncionalização, assegurando não só níveis de maior sustentabilidade financeira, mas também de incremento da atração turística e cultural das populações¹²⁷.

Verifica-se nos últimos anos que a operacionalização do recurso património e a renovação da identidade sociocultural tem constituído o cerne de alguns processos de renovação e transformação de regiões rurais europeias¹²⁸. Estes processos têm implícitas novas exigências, pois como aponta Isabel Guerra “o alargamento do conceito de património arquitetónico ao conjunto do edificado (monumentos, edifícios, marcos, ambientes humanos, etc.), tornou mais exigentes, frágeis e complexas as intervenções de requalificação urbana”¹²⁹.

Em suma, as intervenções revestem-se hoje de grande complexidade, pois a cultura arquitetónica atual favorece a diversidade de formas que o edifício pode assumir consoante a opção de atuação, reforçando a necessidade de conservar o valor histórico sem, no entanto, esquecer o valor arquitetónico e artístico. Há assim a necessidade de um verdadeiro diálogo entre passado e presente, entre a memória como valor a preservar e projeto como resposta atual à renovação.



34. Fotografia da Procissão dos Candeeiros
Tentúgal

Como afirma Joaquim de Moura Flores “a «herança» é hoje mais «pesada», na medida em que do conceito inicial, que se reduzia aos bens culturais de valor material efetivo, passámos para as heranças que identificam e caracterizam um povo, uma civilização ou até a humanidade. As tradições populares, os rituais, as crenças e todo um conjunto de atos sociais encontram-se também incluídos neste conceito”¹³⁰.

Assim, aliado ao conhecimento crítico e evolutivo do fenómeno do restauro torna-se pertinente que esteja presente a consciência crítica nas intervenções contemporâneas, tornando possível "viver no nosso tempo com tudo aquilo que é do passado, mas sem renunciar a nada daquilo que a atualidade é capaz de nos oferecer"¹³¹.

notas

- ¹¹⁶ Cf. VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p.9
- ¹¹⁷ Fernando Távora citado in CORREIA, Luís Miguel- Sobre a Intervenção no Património em Portugal: uma questão de identidade, p. 5
- ¹¹⁸ COSTA, Alexandre Alves (2002) - A arte de construir a transformação, pp. 137-138
- ¹¹⁹ AA.VV.(1952) - Eduardo Souto de Moura, Santa Maria do Bouro : construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro, p.46
- ¹²⁰ VAZ, Raquel Maria Filipe Álvares Guedes (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 121
- ¹²¹ Concordando com Fernando Távora que afirma: “a história vale na medida em que pode resolver os problemas do presente e na medida em que se torna um auxiliar e não uma obsessão” citado in VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 99
- ¹²² CORREIA, Luís Miguel - Sobre a Intervenção no Património em Portugal: uma questão de identidade, Coimbra, p.5
- ¹²³ Idem, p.5
- ¹²⁴ JACINTO, Rui (coord.) (2012) - Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas, p. 123
- ¹²⁵ VAZ, Raquel Maria Filipe Álvares Guedes (2009) - Património: intervir ou interferir?, p. 131
- ¹²⁶ Fernando Távora citado in TRIGUEIROS, Luiz (ed.) (1993) - Fernando Távora, p. 137
- ¹²⁷ Cf. Revista Estudos Regionais nº15, p.44
- ¹²⁸ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 50
- ¹²⁹ Isabel Guerra citada in idem, p.50
- ¹³⁰ Joaquim de Moura Flores citado in COUCEIRO, João (coord.) (1998), Urbanidade e património, p. 11
- ¹³¹ CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (1999) - Construir no tempo building upon time, p. 12

Tentúgal, terra milenária

Tentúgal, terra fidalga dos campos do Baixo Mondego, está prestes a completar mil anos de existência. Os seus cerca de 3500 habitantes não anseiam, no entanto, apenas pela festa, a música e os foguetes; pretendem, acima de tudo, que as comemorações atraíam a atenção do poder central (já ali estiveram, recentemente, o governador civil de Coimbra e o Presidente da República) para as suas necessidades, entre as quais avulta a degradação de um património histórico e arquitectural que foi dos mais ricos do mundo interior do País.

Soares Rebelo

Tentúgal não é só pastéis nem casas solariegas em ruínas, à beira da estrada, que liga as cidades de Coimbra e da Figueira da Foz — é uma terra milenária, com nobre e antigo passado histórico: foi vila acastelada de grande importância estratégica nos meandros da nacionalidade, recebeu foral em 1172, no tempo de D. Afonso III (confirmado por D. Manuel, em 1515) e viu muitas vezes residir dentro dos seus muros os reis D. Fernando, D. João I e o infante D. Pedro, regente do Reino.

Ali se realizou, em Abril de 1376, a notável conferência entre D. Fernando e os embaixadores do duque de Anjou, filho do rei de França, preliminar da Aliança de Paris, prevendo uma guerra conjunta contra o monarca de Aragão, que encolerizara o nosso soberano ao não respeitar o contrato de casamento, anteriormente estabelecido, entre a infanta portuguesa D. Beatriz e o bastardo real castelhano, D. Frederico. Ali esteve, a gozar do seu clima agradável e salutar, D. Pedro, duque de Coimbra, antes da Batalha de Alfarrobeira.

Cinco séculos passados sobre a fundação, Tentúgal era já vila progressiva, onde havia, segundo o censo de 1527, 318 vizinhos, dos quais quatro cavaleiros, 19 escudeiros e 12 clérigos. E por essa mesma altura já tinha sede uma ouvidoria com correio — estendendo-se às vilas de Buarcos, Póvoa de Santa Cristina, Penacova e Vila Nova de Anjos, da comarca de Coimbra; Rabagal, Alvalázere e Árega, da de Tomar; e Mortágua, da de Viseu.

No início do séc. XVI, aquela ouvidoria e a Câmara eram servidas por dois escrivães, dois meirinhos, um juiz de fora, três escrivães judiciais, um tabelião, um alcaide, um escrivão e recebedor de sisas, um alcaide, um porteiro, um almoxarife com escrivão, um procurador da Fazenda, e um escrivão de dívidas. E em 1721 (informação paroquial), a freguesia incluía, além das vilas de Tentúgal e da Póvoa, os lugares de Lanarosa, Ardambre, Vila Verde e Andorinha e os casais de Almalôra de Mouraça e Portela da Vera Cruz, os quais, a ter em conta as crónicas da época, se estivessem juntos faziam uma grande povoação.

Tentúgal, vila, cabeça de concelho e ouvidoria foi, realmente, terra importante, chegou a ser mesmo sede de um capitania-mor (os capitães saíram quase sempre da família Pereira de Sampaio), teve armas (um pinheiro manso afrutado, tendo encostado ao tronco um corvo bicando a terra, que ainda hoje se podem ver no brasão gravado por cima da Fonte da Barrosa, situada numa das extremidades da povoação) e bandeira.

Deu, igualmente, gente ilustre ao País, como D. Sismundo, conselheiro e governador dos territórios de Coimbra; João da Póvoa, confessor de D. João II; Cristóvão Mendes de Carvalho, chanceler-mor do Reino no tempo de D. João III; D. Brás Neto, desembargador da Casa da Suplicação e bispo de Cabo Verde; Diogo Coecheiro, que acompanhou o duque de Bragança, D. Jaime, na expedição para a conquista de Azamor, onde pelos seus feitos, foi armado cavaleiro; Nuno Faria da Mata, governador-geral das fortalezas de Elvas e Va-



Formenor da aldeia, visto da torre do refeitório

lência; José de Sousa Tavares, mestre-de-campo-general em Angola; Pedro de Viegas Ferraz, lente de Leis na Universidade, desembargador da Casa da Suplicação e familiar do Santo Ofício; Adrião Pereira de Sampaio, lente de Prima, deano e director da Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra.

Dois séculos de decadência

Os últimos dois séculos foram, porém, de correção: em 1834 ficou sem juiz de fora; fidalgas tradições.

Em 1825 foi-lhe suprimida a ouvidoria e a corregedoria; em 1834 ficou sem juiz-de-fora; um decreto de 31 de Dezembro de 1853 extinguiu o concelho de que era sede; o regime torrencial do Mondego (o projecto de regularização do padre Estêvão Cabral, concluído nos princípios do séc. XIX, pouco ou nada resolveria) foi lançando a população para a monocultura do arroz, que, em consequência das cheias, atirou muitos lavradores para a ruína; e a construção da nova estrada Coimbra-Figueira da Foz, por fora da povoação, detou Tentúgal ainda mais isolada, o que acentuou a degradação.

Muitos dos habitantes, sobretudo os mais ligados à indústria e comercialização dos magníficos pastéis de excelente recheio e óptimo folhado, lambarico delicioso que as freiras carmelitas criaram e as doceiras da terra continuaram a manter sem alteração, trataram de

facto, de aproximar as suas fabricquetas e postos de venda do novo eixo, abandonando o interior da aldeia e deixando, assim, de cuidar, com o esmero requerido, do precioso património que foram herdando ao longo dos tempos.

Os órgãos responsáveis do Estado, embora muitos dos monumentos de Tentúgal estejam classificados de nacionais, também pouco ou nada fizeram com vista à sua recuperação e conservação, alinhando com o desleixo generalizado.

Nunca ali se fez, realmente, até hoje, qualquer levantamento do tecido antigo da povoação, a fim do mesmo vir a ser preservado. Ninguém se preocupou em impedir a construção ou reconstrução de moradias, cujos projectos apontassem alterações profundas à traça existente.

Por isso é o que se vê — o crime de lesa-património avançou, imparável, um pouco por toda a parte, as ruínas ali estão a apontar, incoerentes, a inclina de quem não soube — ou não quis — defender a sua própria riqueza histórica e cultural.

Os autarcas locais, atentos, contudo, a este grave problema com que se debate a sua terra, iniciaram já as diligências necessárias com vista à sensibilização das entidades competentes, para que se lhe ponha cobro o mais rapidamente possível. O governador civil do distrito, dr. Carlos Encarnação, ali esteve, embora a título pessoal, a inteirar-se da situação e o mesmo aconteceu, aliás, há poucos dias, com o Presidente da República, que por lá se demorou cerca de uma hora, quando das

Suas visitas oficiais à Figueira da Coimbra.

Uma esperança renovada

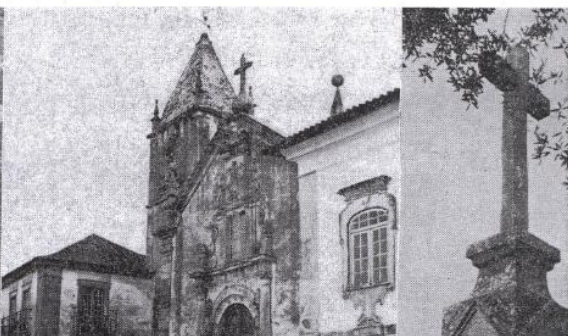
Depois das vicissitudes do abandono tiveram votadas, até ao 25 de Abril, reformas da monarquia e da ditadura. Muitas gentes tentucalenses começaram agora, de facto, uma esperança renascida de descentralização político-administrativa no regime saído da revolução, o com reforço da capacidade de intervenção dos órgãos eleitos do poder local diários, a garantia de que passaram à activa no que respeita à solução dos seus próprios problemas. O que as eras mobiliza, afinal mais caminho ar sentido do progresso e do desenvolvimento.

Nos últimos anos alguma coisa já já, na verdade, a diversos níveis, na aldeia, embora os benefícios públicos exiguidade das verbas de que a autarquia continua ainda muito aquém das cidades gerais. E assistiu-se, igualmente significativo relançamento económico, do no sector da agro-pecuária, onde feitos importantes investimentos, de t que a produção do leite, por exemplo, citrar-se este ano em mais de dois mil litros, o que representa um aumento de 20 por cento relativamente a 1978.

Tentúgal começa a atrair, por ou também algumas indústrias, ali se em do já instaladas fábricas de calçado, de carroçarias para camións e alumínio zados. Numa zona marcada por um tamente excedentário de mão-de-obra cultura, este facto, revela-se de trã importância, já que possibilitará, no l emprego de muita gente no sector se

Com a regularização do caudal do l (a barragem da Aguiçeira está prã conclusão e o agude-ponte de Coimbra tra-se em fase avançada de constr próxima conclusão do ambicioso pro enzug e rega dos campos margina se, por outro lado, perspectivas bem r ostantes as populações da área, na ceo coia. Ali irão surgir, certamente, out ras, que não só o arroz, em regime ducão intensiva e mecanizada. O que cará, não há dúvida, a presença de tal te na lavoura (ainda mais de 50 por a população activa da freguesia), para rã necessário encontrar, então, novas ções.

Tentúgal não é — não pode ser — teia nem casas solariegas em ruínas, l passado histórico, pelo seu património amor ao trabalho, marca renegado pe gentes, bem justificada um estatuto de l go no Portugal de Abril. Estatuto que vindo a ser sistematicamente recusado, mas que, acreditamos, não deixará de guir, num futuro mais ou menos próx comemorações do milénario surgem, all te contexto, como oportunidade excele a grande arrancada. Não deixem, por ser bem aproveitadas.



DESENVOLVIMENTO RURAL

Conceito e Potencialidades

O conceito da reabilitação aparece cada vez mais associado ao desenvolvimento rural e à sua capacidade de regeneração e revitalização deste tipo de territórios, bem como na dinamização dos seus valores.

As questões do desenvolvimento em espaço rural merecem hoje um amplo destaque, estando cada vez mais associado ao turismo. Este é hoje assumido como um dos setores com maior capacidade de rentabilizar os recursos locais, revitalizar atividades, dinamizando e diversificando o tecido económico rural, e assumindo o papel de atividade económica que mais contribui para a riqueza nacional¹³².

Durante as décadas de setenta e oitenta a maioria da oferta turística era baseada em experiências superficiais e pouco inovadoras, apoiada essencialmente em turismo de "sol e praia". Atualmente assistimos ao desenvolvimento de um perfil de turista que privilegia a qualidade do destino e anseia por experiências que cada vez mais se descolem da posição uniforme, superficial e massificada de outrora¹³³.

Verifica-se hoje uma apologia de uma "sociedade pós-moderna" onde a busca de novos ideais e valores começa a ser uma realidade, que procura



36. Cartaz de um dos eventos organizados pela
Confraria de Doçaria Conventual de Tentugal

um estilo de vida mais calmo, longe do rebuliço tipicamente citadino. Este processo de “retorno ao campo” reside na “força mobilizadora de representações urbanas do rural como lugar de conservação de modos de vida tradicionais, agora revalorizados pela regeneração que proporcionam contra uma artificialidade contida nos ritmos de vida citadina”¹³⁴.

É notório o desenvolvimento de uma ruralidade transformada, entendendo-a como quadro social, económico e cultural subjacente a um conjunto de alterações que têm vindo a ocorrer no mundo rural contemporâneo. Este conceito está, na maioria das vezes, associado ao conceito de património rural, constituindo este uma relação tripartida juntamente com a reabilitação urbana e desenvolvimento. Por seu turno, e numa segunda fase de outra relação, também tripartida, aparecem novamente o património rural e o desenvolvimento rural, mas ligados ao turismo¹³⁵.

Segundo Alexandre Alves Costa "poderia pensar-se que a tendencial uniformização dos padrões culturais imposta pelos media, teria potencialidades capazes de obviar as diferenças culturais de base regional. Não é, no entanto, o que parece estar a acontecer em alguns outros países onde surgem características próprias de certas cidades que lhes conferem um papel distintivo, correspondente aos antigos padrões de base rural"¹³⁶.

Assim, o turismo nos espaços rurais está hoje associado à procura de destinos mais individualizados, de serviços personalizados, de experiências enriquecedoras (learning while travelling)¹³⁷, autenticidade, tranquilidade e interesse pelas culturas locais.

A nível arquitetónico é de salientar o papel do turismo no crescimento do ordenamento do território e pela salvaguarda e recuperação do património cultural e natural. Pois, se por um lado o mesmo contribui para a manutenção



Pastéis de Tentúgal a caminho da certificação

Doce, com mais de 400 anos, ostentará selo que garanta qualidade e genuidade

O caderno de especificações destinado à qualificação do pastel de Tentúgal vai ser entregue, em breve, ao Ministério da Agricultura, para que possa ser sujeito a análise e posterior aprovação. Quando a qualificação como produto estiver aprovada, as embalagens com a guloseima, feita na vila do concelho de Montemor-o-Velho, passarão a ostentar um selo que garante a sua qualidade e genuidade. A guloseima originada numa receita conventual com mais de 400 anos tem na sua base a massa folhada, "que é única no Mundo". FOTO: MANUEL CORREIA



da identidade cultural e sobrevivência de tradições ancestrais, por outro lado a possibilidade de instalação de atividades de animação, organização de eventos, prestação de serviços e fomento comercial poderá ter reflexos na atratividade dos equipamentos, das infraestruturas e de outros recursos exteriores (como novos moradores, mais investimentos e eventos) ¹³⁸.

As possibilidades de utilização de recursos e produtos culturais, através do seu desenvolvimento e divulgação podem transformar os seus locais de origem em potenciais atrações turísticas. Contudo "o simples facto de haver recursos patrimoniais não implica a existência de recursos ou atrações turísticas, sendo necessária a implementação de um processo de estruturação e organização dos bens patrimoniais para o seu adequado aproveitamento"¹³⁹. Isto é evidente em casos como Tentúgal que apesar de possuir recursos patrimoniais, como os mesmos estão abandonados e não são alvo de uma estratégia de desenvolvimento, não têm constituído um benefício para a Vila.

Perante esta constatação, usar o património tem sido nos últimos anos uma prática de planeamento e intervenção, entendendo-o nas suas mais variadas dimensões: arquitetónica, ambiental e sociocultural. Este tem sido utilizado em contextos urbanos e rurais para ativar processos de requalificação de espaços e territórios, ao serviço do desenvolvimento local e regional.

Deste modo, são alguns os exemplos que nos mostram que a valorização de aglomerados de importância patrimonial e interesse histórico e cultural poderá ser uma forma de inverter ou estancar tendências negativas que, há várias décadas, se vêm a implementar nas regiões rurais como é o exemplo de Tentúgal. Estas regiões caracterizadas por um "esvaziamento" demográfico, envelhecimento da população residente, fragilidade da base económica local, bem como a dificuldade de, localmente, surgirem iniciativas



Louça do convento da época das carmelitas, a Igreja da Misericórdia e a cruz do adro da matriz



Património que importa preservar

Tentugal será talvez, das povoações do interior da Pais com mais novidades remontando aos séculos XVI, XVII e XVIII. O seu património, neste aspecto, é realmente riquíssimo, sobressaindo a casa que foi de Forjaz Sampalo, com a sua preciosa janela manuelina, dupla, painel central e arcos semicirculares ligados por um conopial e ornatos naturalistas. Mas ao longo da rua principal, da Misericórdia, muitas outras reminiscências daqueles tempos poderão ser observadas, sobretudo nas vergas curvas com cimbalhas, grandes sacadas, portas brasonadas e nichos ostentosos das residências solariegas que por lá se ainhavam, embora já sem a dignidade de outrora, dado o seu péssimo estado de conservação.

A aldeia, que foi vila das mais fidalgas do Baixo Mondego, conta, ainda, intramuros, com outros interessantes documentos históricos e arquitectónicos que importa preservar. É o caso, por exemplo, do Paço dos Duques do Cedaval, que a despeito de ter sido votado ao abandono em diversas épocas e apesar de inebriado pelos liberais em 1834, continua a ser digno de admiração. Numa das suas varandas conserva cinco colunas de mármore branco e capitéis de folhas, de importação andaluz, do princípio do século XVI; a capela, que foi dedicada a S. Miguel e agora está apenas re-

duzida às paredes, é uma construção excepcional, da segunda metade do nosso século; e o celeiro, destinado ao milho, é igualmente notável, compondo-se de três naves, divididas por duas séries de 13 arcos, sobre colunas dóricas, na mesma disposição das igrejas regionais da época.

O Convento de Nossa Senhora da Natividade, cuja construção se iniciou em 15 de Junho de 1560, à custa das rendas do hospital local, após ter sido autorizada por alvará de D. Sebastião, com aprovação pontifícia, fez e fez a igualmente que dele se cuida, para não tombar em ruínas. Fundado na sequência de in-existent instâncias do senhor da vila, D. Francisco de Melo, junto da corte, recebeu as primeiras religiosas em 15 de Maio de 1565, três das quais as fundadoras, idas do Convento da Esperança de Beja e ali nasceram algumas receitas que ficaram célebres, como a dos conhecidos e tão apreciados pastels de Tentugal, que afamaram a terra. O actual edifício, reformado no séc. XVII, encontra-se, de facto, bastante degradado, nomeadamente a ala dos dormitórios, praticamente destruídos.

A Igreja Paroquial, reconstruída, ao que se pensa, na segunda metade do séc. XV, de que datam a fachada, a torre e as paredes laterais, com o seu coro alto, remontando a 1600 e equipado com

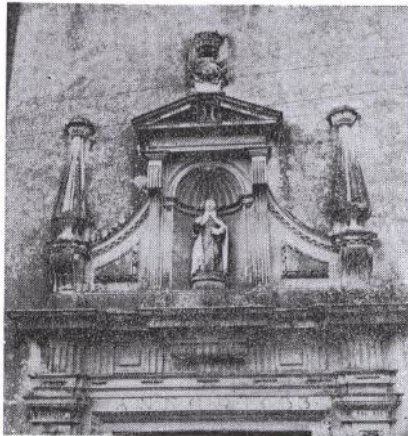
dois pequenos órgãos, um de 1805 e outro setecentista e a Igreja da Misericórdia, dos finais do séc. XVI, com a sua ampla nave disposta em cabecilha, habitual nas misericórdias do Baixo Mondego, uma sacristia apresentando magnífico rodapé de azulejos, restos de um padrão polícromo datando daqueles tempos

e uma torre com sino remontando, um, a 1840 e o outro, a 1897, são, igualmente, marcos significativos do património local.

Mas Tentugal poderia orgulhar-se ainda, não fora a incuria dos homens, das preciosas capelas de S. Brás, que foi santuário manuelino e cujas cantarias decoram hoje a

quinta do Paço Ducal, Nossa Senhora das Dores (século XVIII) e Nossa Senhora dos Olivais (segunda metade do séc. XVI). Simplesmente, tal como se verifica, afinal com todas as construções antigas da povoação, também não resistiram aos maieiros da idade, a falta de quem delas tivesse cuidado seriamente. O mesmo acontecendo, aliás, com o velho hospital, erguido no séc. XVII (numa das entenas pode ainda observar-se um brasão nacional da época), mas inteiramente modificado em 1873.

Numa altura em que tanto se fala, por aí, em defesa do património, Tentugal surge, assim, aos olhos de quem por lá passa, como um autêntico sacrilégio. Condição, na verdade, cobar para o estado em que se encontram todos estes preciosos marcos históricos e arquitectónicos, impondo-se, portanto, a sua urgente recuperação, em que a Junta de Freguesia, diga-se, está firmemente empenhada. Mas o poder local, por maior que seja a sua determinação em resolver o problema, não tem ao seu alcance nem os meios técnicos nem financeiros indispensáveis para o efeito. Urge, por isso, uma intervenção imediata do Estado, nomeadamente da Secretaria de Estado da Cultura e da Direcção-Geral dos Monumentos Nacionais, já que o País não pode, de facto, permitir que continue a deteriorar-se, nalguns casos irremediavelmente, património tão precioso.



Pórtico da igreja do convento

mobilizadoras, têm constituído os principais bloqueios ao desenvolvimento de largas faixas do território rural português¹⁴⁰.

A relação entre o lugar, a cultura e o turismo foi-se reconfigurando através da sujeição de todos os recursos possíveis - arte, património, história, tradições e modos de vida - a uma apropriação eminentemente cultural. Assim, o valor do património construído, a riqueza da respetiva envolvência cultural, decorrente do vasto passado histórico, aliados à diversidade de paisagens naturais, já demonstraram que podem constituir vetores determinantes para o relançamento das frágeis economias locais. Justifica-se nos últimos anos o crescente investimento em projetos de forte atratividade turística como feiras medievais, festivais culturais, desportivos e gastronómicos, bem como a instalação de equipamentos como museus e centros culturais em espaços de valor patrimonial e simbólico como é o caso dos centros históricos¹⁴¹.

Assim, é perante estas circunstâncias que se prevê que territórios como Tentúgal, com valores culturais, históricos, naturais e patrimoniais de relevo, tem potencial para ser criado um processo de regeneração a partir dos quais seriam dinamizados numa óptica de desenvolvimento turístico-cultural.

O programa museológico é um exemplo com várias possibilidades de adquirir importância neste âmbito já que ao contrário do conceito tradicional, cada vez mais, os novos museus têm para além das finalidades de conservação, as de estudo, restauro e difusão dos objetos originais. O seu objetivo principal é o de facilitar a acessibilidade pedagógica do público "permite-nos fazer leituras diversas de um mesmo conteúdo, de forma a obtermos um uso muito mais dinâmico do património"¹⁴².

Na recente Declaração de Viena de 2009 enfatiza-se que:

"o património cultural tem um contributo essencial a dar à Europa, não apenas pela sua importância no passado, mas pelo papel primordial que terá

PORTUGUESES ABREM FÁBRICA DE DOCES NO RIO PARA ABASTECER HOTÉIS



"Começámos a entender que no mercado da hotelaria havia espaço para um negócio deste tipo, muito ligado ao segmento da confeitaria. Havia uma tendência e quisemos criar um diferencial de produto", explica Rodrigo, ao telefone com o Dinheiro Vivo.

Os pastéis de Tentúgal e os pastéis de nata da Arte Conventual já chegaram aos hotéis Pestana, Caesar, Golden Tulip e Novo Mundo. Nos planos a médio prazo está a criação de uma loja da marca. Mas sem pressas, assegura Rodrigo. Afinal, "doçaria é um produto de que todo o mundo gosta".

*no futuro. Tudo leva a crer que, a longo prazo, o investimento em património constitui uma solução sustentável de sucesso garantido para fazer face à recessão económica. Sabe-se que o investimento no restauro, ou na recuperação de edifícios ou sítios históricos, gera postos de trabalho, relançando a economia; que o património se encontra no seio das comunidades, estimulando a coesão social, bem como o sentido de identidade e de pertença de um lugar. O património faz-nos sentir em casa*¹⁴³.

Nas últimas décadas é visível em Portugal um apreciável esforço de recuperação dos seus valores patrimoniais. Exemplo disso têm sido os vários programas desenvolvidos como são exemplo: o programa “Aldeias Históricas de Portugal”, promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro¹⁴⁴, o Programa Aldeias do Castelo e Património¹⁴⁵ e o Programa de Revitalização de Aldeias e Vilas Históricas da Região Alentejo¹⁴⁶.

O objetivo geral é o de contribuir para a revitalização económica de centros rurais, mediante a execução de um plano global de intervenção, projetando-se cenários de atração e fixação de populações, melhoria das condições de vida das mesmas e ainda a possibilidade de potenciar atividades tradicionais complementares à agricultura. Nesse sentido procede-se à reconstrução de edifícios, criação de infraestruturas, requalificação dos espaços e monumentos, melhoria das acessibilidades e dinamização cultural, viabilizando novas funções, designadamente turísticas, para sectores como o comércio, a restauração, a hotelaria e o artesanato¹⁴⁷.

O desenvolvimento desta nova preocupação pelo património rural, a sua preservação e as suas potencialidades é lembrado por Yves Champetier¹⁴⁸ que afirma: “quer seja natural ou cultural, paisagístico ou arquitetónico, histórico ou artístico, o rico património dos territórios rurais europeus representa, efetivamente, um recurso a valorizar e a colocar ao serviço de



*40. Procissão dos Candeeiros
Tentúgal*

um novo desenvolvimento”. Acentuando ainda que “para certos territórios o património constitui mesmo por vezes «o» recurso em torno do qual poderão articular-se a estratégia de redesevolvimento e a vontade de forjar uma nova identidade local”¹⁴⁹.

Surgem desta forma novos paradigmas que defendem a valorização da dimensão não agrícola do mundo rural, socialmente construída a partir da ideia de património, o movimento de renaturalização, centrado na conservação e proteção da natureza, ao lado da procura de autenticidade e proteção dos patrimónios históricos e culturais como “vias privilegiadas para valorizar memórias e identidades capazes de enfrentar as tendências uniformizadoras desencadeadas pelos processos de mundialização”, e por fim, a “mercantilização das paisagens enquanto resposta à “rápida expansão de novas práticas de consumo decorrentes do aumento dos tempos livres, da melhoria do nível de vida de importantes segmentos da população e, como consequência, da valorização das atividades de turismo e lazer”¹⁵⁰.

Dentro deste contexto, nos últimos anos vários autores têm defendido a necessidade de intervir de forma integrada na reabilitação do património, apontando para o conceito de "Integrated Territorial and Urban Conservation" contemplado na Declaração de Amesterdão sobre o Património Arquitetónico Europeu de 1975. Este defende a proteção do património em ambiências quotidianas numa perspetiva global, sendo ainda evidenciado o vínculo entre o património e o sentimento de identidade, podendo reduzir o êxodo da população, ao mesmo tempo que a conservação de edifícios promove ainda uma maior economia de recursos¹⁵¹. Assim, a recuperação e a preservação dos recursos numa perspetiva de valorização turística deverá ser, no entanto, complementada com iniciativas ligadas à satisfação de necessidades básicas das populações residentes.



O Menino nos Foi Dado
E Um Filho nos Nasceu
Glória a Deus e Paz na Terra
Cantam Os Anjos No Céu



CONFRARIA
«DOÇARIA
CONVENTUAL»
TENTUGAL

*41. Cartaz de evento organizado pela
Confraria de Doçaria Conventual de Tentugal*

Reforça-se então a tese, de que a revalorização dos meios rurais deve ser feita a par com a revalorização das respetivas comunidades, não se restringindo apenas por uma componente da memória social e cultural dessas mesmas comunidades. Como defende João Ferrão, deve procurar-se uma “cultura cívica favorável ao mundo rural, não apenas de forma platónica e nostálgica, mas de um modo pragmaticamente capaz de servir as necessidades de quem aí vive e trabalha”¹⁵².

À perspetiva estritamente museológica é contraposta a visão de conservação ativa, de requalificação urbana enquanto método de intervenção essencial à própria sobrevivência das sociedades e dos seus territórios. Desta forma Manuela Reis afirmaria que “as políticas culturais de conservação do património tendem hoje cada vez mais a ser, ao mesmo tempo, também políticas de ordenamento do território e de desenvolvimento”¹⁵³.

É então visível que “o turismo pode, e deve, desempenhar um papel relevante na transformação qualitativa da realidade urbanística, económica e social”¹⁵⁴. Ainda assim, o turismo cultural, deve ser conduzido com precaução para que, quando inserido em estratégias de desenvolvimento local, estas prevejam uma duração sustentável, podendo revalorizar os recursos culturais locais, incluindo os patrimoniais, sobretudo aqueles que se encontram em risco de deterioração ou desaparecimento da memória social das comunidades e dos lugares.

A política de salvaguarda e valorização do património não pode ser desenvolvida por se tratar apenas de um recurso turístico, nem o desenvolvimento de atitudes nostálgicas de evocação do passado. O turismo rural deve constituir um potencial veículo da sua revalorização e promoção, tendo por objetivo o bem-estar das gerações atuais e futuras, para que o



*42. Portal de entrada do Convento do Carmo
Tentúgal*

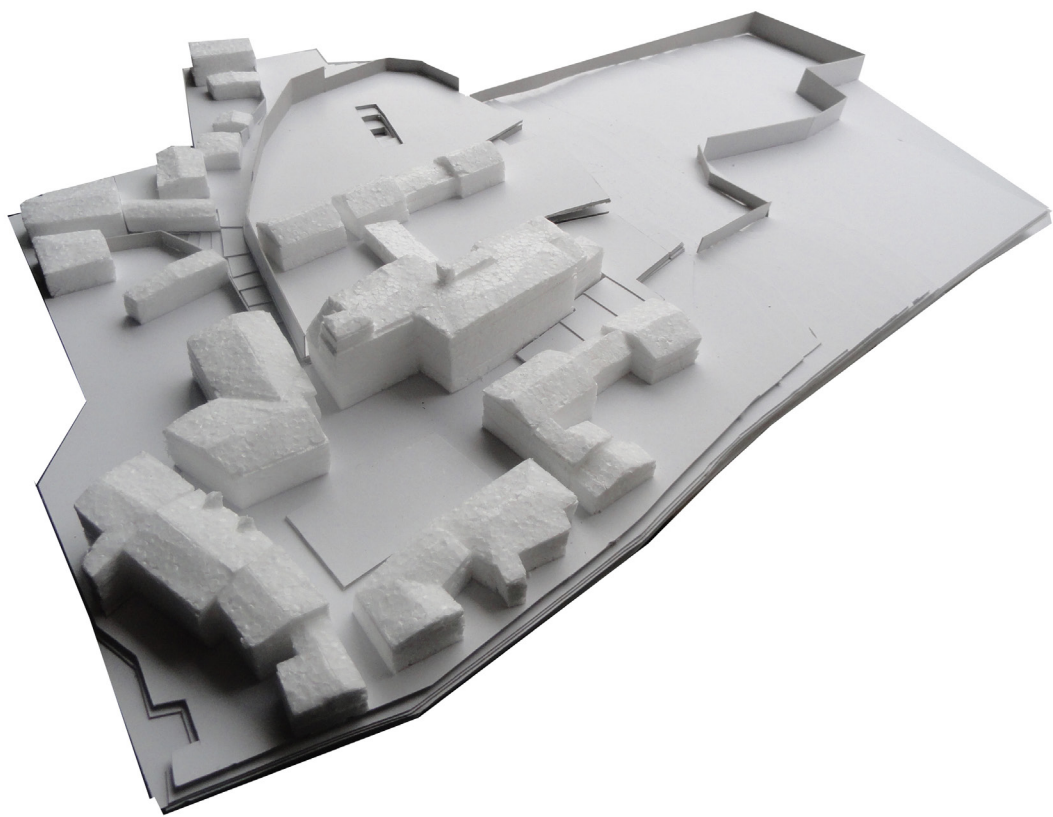
património se afigure hoje como “um símbolo do passado com o qual o presente pretende estabelecer uma continuidade perdida” ¹⁵⁵.

Em suma, a perspetiva de dinamização e desenvolvimento da Vila de Tentúgal, prende-se principalmente na possibilidade de criar condições que possibilitem e até incentivem a reabilitação e preservação do seu património construído, a revitalização das suas tradições e características e produtos locais, bem como uma maior divulgação dos mesmos, podendo assim atrair pessoas e investimentos, mas também garantir que toda a sua história e património não se perde e poderá ser conhecido pelas próximas gerações.

notas

- ¹³² Revista Estudos Regionais nº15, p.43
- ¹³³ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 9
- ¹³⁴ CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima (1999) - Construir no tempo, p. 12
- ¹³⁵ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 14
- ¹³⁶ ALÇADA, Margarida e GRILO, Maria Inácia Teles (coord.) (1999) - Caminhos do património, p. 55
- ¹³⁷ Revista Estudos Regionais nº15, p. 45
- ¹³⁸ Segundo Albino (2000), a oferta turística assenta em três elementos fundamentais: os recursos, os produtos e os equipamentos e serviços turísticos. Cf. Revista Estudos Regionais nº15, p. 50
- ¹³⁹ ALÇADA, Margarida e GRILO, Maria Inácia Teles (coord.) (1999) - Caminhos do património, p. 444
- ¹⁴⁰ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 19
- ¹⁴¹ Revista Estudos Regionais nº15, p. 45
- ¹⁴² ALÇADA, Margarida e GRILO, Maria Inácia Teles (coord.) (1999) - Caminhos do património, p. 453
- ¹⁴³ JACINTO, Rui (coord.) (2012) - Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas, p. 125
- ¹⁴⁴ O programa “Aldeias Históricas de Portugal”, promovido pela Comissão de Coordenação da Região Centro teve início na segunda metade da década de 90 e englobava as seguintes localidades: Almeida, Castelo Mendo, Castelo Novo, Castelo Rodrigo, Idanha-a-Velha, Linhares, Marialva, Monsanto, Piódão e Sortelha.
- ¹⁴⁵ Iniciativa conjunta entre a CCRA e o IPPAR-Évora, constituindo um programa de desenvolvimento regional, englobando numa primeira fase dez povoações associadas a estruturas fortificadas: Amieira do Tejo, Belver, Castelo de Vide, Evoramonte, Flor da Rosa, Mértola, Moura, Mourão, Terena e Viana do Alentejo.
- ¹⁴⁶ Promovido pela Comissão de Coordenação da Região Alentejo (CCRA), na atualidade encontra-se em fase de reestruturação e denominação, abrangendo as seguintes aldeias: Alcáçovas, Alegrete, Alter Pedroso, Alvito, Amieira do Tejo, Avis, Barrancos, Belver, Cabeço de Vide, Evoramonte, Flor da Rosa, Juromenha, Marvão, Mértola, Monsaraz, Noudar, Ouguela, Stº Aleixo da Restauração, Terena.

- ¹⁴⁷ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 9
- ¹⁴⁸ Diretor do Observatório Europeu LEADER citado in ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 48
- ¹⁴⁹ LEADER Magazine, nº17, p.3
- ¹⁵⁰ JACINTO, Rui (coord.) (2012) - Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas, p. 43
- ¹⁵¹ SIMÕES, José Manuel, Revista Patrimónios Estudos 11, p. 126
- ¹⁵² FERRÃO, João. (2000) - Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano, p. 9
- ¹⁵³ Manuela Reis citada in ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p.47
- ¹⁵⁴ Flávio Lopes citado in Idem, p.67
- ¹⁵⁵ Joaquim de Moura Flores citado in COUCEIRO, João. (1998) - Urbanidade e património, p.17

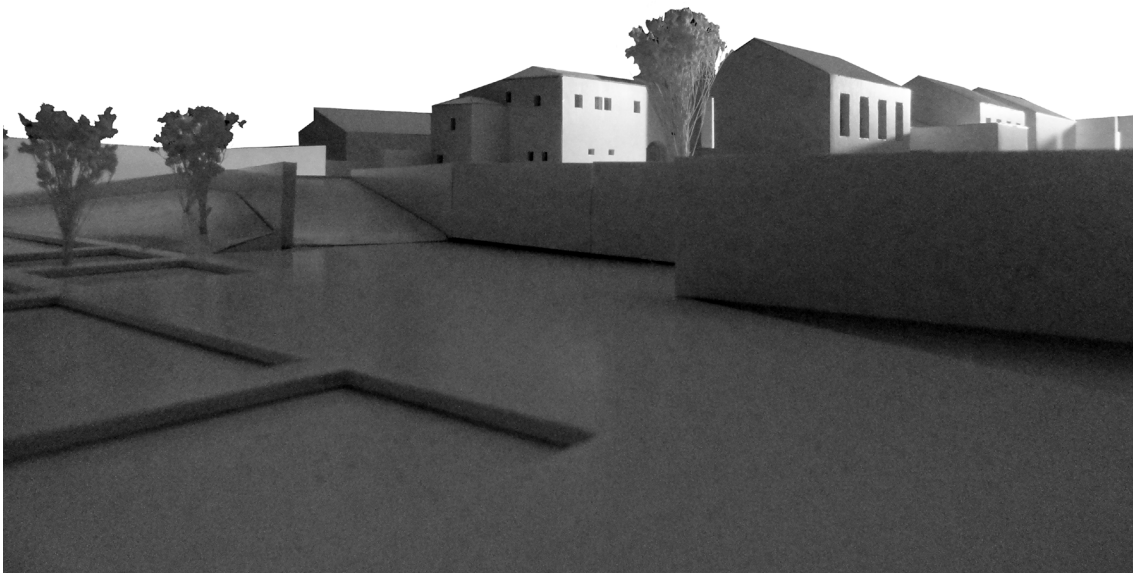


43. Maquete de estudo - 14 de Novembro 2012

O Programa da Região do Alentejo e o Caso de Tentúgal

A temática do património arquitetónico, a sua reabilitação e o desenvolvimento tem vindo a ser operacionalizado em diversos contextos, em diferentes épocas. Um exemplo foi o Programa de Revitalização de Aldeias e Vilas Históricas da Região Alentejo. Este teve origem na perceção da existência de um património histórico-cultural na região e que o mesmo poderia constituir um instrumento de reanimação e suporte ao desenvolvimento local, bem como ao incentivo para o aparecimento e aumento de atividades económicas complementares às tradicionais ligadas essencialmente à agricultura. O Programa do Alentejo utilizaria como referência a experiência levada a cabo na região Centro, com o projeto das Dez Aldeias Históricas, pretendendo constituir um *upgrade* do mesmo.

Perante o facto dos planos referidos darem destaque aos elementos patrimoniais podemos concluir que o desenvolvimento das pequenas comunidades rurais poderá passar inevitavelmente por essa dimensão. Estes são entendidos enquanto recursos possuidores de potencialidades estratégicas de intervenção. Desta forma, o que parece ser necessário e constituir prioridade são os valores locais, no sentido de lhes conferir novas oportunidades de criação de riqueza, de investimento e de associação ao



*44. Maquete final - vista da cerca
Convento do Carmo*

turismo. "A sua valorização e a sua função irão provocar esse tal desenvolvimento local" (...) e esse património é, ao fim e ao cabo, um elemento dinâmico"¹⁵⁶.

No programa do Alentejo foi efetuada uma proposta global de intervenção assente em quatro dimensões de intervenção: arquitetónica/urbanística, turismo, socioeconómica/sociológica e sensibilização pedagógica sobre património e cultura. Promovia-se a necessidade de uma significativa diversidade de iniciativas, desde exposições, a criação de espaços museológicos, a edição de monografias e outras publicações, até à realização de ações de formação e sensibilização temáticas junto de públicos específicos. O seu objetivo era promover as bases para um futuro desenvolvimento (turístico) sustentável, com mais-valias económicas e sociais para a população local e potenciais visitantes, numa lógica de intervenção integrada em vários domínios de intervenção¹⁵⁷.

Assim, no campo da Arquitetura são expressas preocupações relacionadas por exemplo com a malha urbana e a respetiva recuperação/reabilitação, a melhoria das condições de habitabilidade dos fogos, a ocupação dos devolutos e a intervenção nas redes de infraestruturas existentes. Importa então destacar que a maioria das intervenções são dirigidas à criação de condições de maior conforto e comodidade para a população residente.

A sensibilização pedagógica sobre património, cultura e turismo é outra das áreas de maior enfoque. Esta é uma dimensão que ligada a meios de desenvolvimento da investigação histórica sobre a identidade local seria capaz de promover a participação e a cidadania, garantir a preservação da identidade sociocultural e simbólica da vila, criando incentivos à fixação da população originária¹⁵⁸.



*45. Ponte junto aos Campos do Baixo-Mondego
Tentúgal*

Tal como no caso das aldeias em estudo no Programa do Alentejo, em Tentúgal é evidente a existência de um património arquitetónico, cultural e tradicional, que se em parte não foi totalmente esquecido, não tem recebido a merecida atenção. Tendo em consideração as características próprias da Vila, mas ainda do território onde a mesma se insere, são várias as potencialidades que surgem no quadro de uma visão estratégica.

O Baixo-Mondego, uma sub-região do Pólo de Marca Turística de Coimbra e um dos quatro Pólos de Marca Turística do Centro de Portugal, é reconhecido enquanto possuidor de recursos territoriais capazes de potenciar o desenvolvimento local e a reafirmação deste território e dos seus lugares como destinos turísticos integrados e competitivos no contexto da afirmação do Centro de Portugal¹⁵⁹.

Neste contexto o facto de Tentúgal se localizar próximo de Montemor-o-Velho, mas ainda numa posição central entre as cidades de Coimbra, Figueira da Foz e Cantanhede, poderá conferir-lhe uma colocação privilegiada para na potencialização de sinergias com cada um destes locais. Deste modo, cada um destes espaços poderá integrar uma parcela de uma rede alargada que permitiria a toda esta região desenvolver-se de forma integrada e equilibrada.

Torna-se ainda importante salientar a riqueza gastronómica da Vila de Tentúgal, na qual a doçaria ocupa um lugar privilegiado, sendo reconhecida em território nacional e internacional¹⁶⁰. A estreita relação que existe entre a Vila e a sua doçaria conventual é ainda confirmada pela literatura, sendo procurados por poetas e estudantes, vindos de Coimbra. Na sua *Carta a Manuel*, António Nobre escreve:



46. Vila de Tentúgal

"Tentugal toda a rir de cazas brancas!/ A linda aldeia! Venho cá todos os meses/ E contrariado vou de todas essas vezes./ Venho ao convento vizitar a linda freira/ Nunca lhe fallo: talvez, hoje, a vez primeira.../ Vou lá comprar um pastellino, que eu bem sei/ Que ele trará dentro um bilhete, isto sonhei:/ Assim o pastellino, ó ventura sonhada!/ Tem de recheio o coração da minha amada./ Abro o envelope ideal. Vamos a ver... Traz? Não!/ Regresso a Coimbra só com o meu coração"¹⁶¹.

Tentúgal caracteriza-se por uma área predominantemente rural, constituindo um aglomerado tradicional, definindo-se por um conjunto que se desenvolve, em torno de igrejas, de praças ou de ruas principais, num aglomerado concentrado, onde os edifícios se justapõem em quarteirões densos. As tipologias que compõem a sua malha urbana distinguem-se essencialmente em três modalidades: a casa tradicional, apresentando casas térreas, de fachada simples, com frisos, guarnições, cornijas e cunhais. As paredes de adobe cru ocupam as fachadas secundárias e as que dão para um pátio normalmente situado nas traseiras.

A segunda tipologia traduz-se na moradia unifamiliar, correspondendo a construções relativamente recentes, localizadas nas zonas envolventes ao núcleo antigo ou, quando localizadas no centro, resultantes de um processo de renovação urbana ou de preenchimento. Esta tipologia está associada ao crescimento dos aglomerados e é caracterizada por edifícios de alvenaria de tijolo, apresentando uma estrutura interna onde é possível encontrar estruturas em betão armado.

Por último, a terceira tipologia associa-se às diversas casas senhoriais, solarengas e brasonadas, que surgem espalhadas por toda a Vila, algumas



47. Capela de Nª Srª das Dores
Tentúgal

integradas na estrutura urbana, outras mais dispersas pelo espaço rural. Estas são características de uma arquitetura tradicional mais erudita, e correspondem a moradias de antigas famílias nobres ou importantes. Estas distinguem-se pela sua dimensão, materiais e acabamentos e pela forma como estes são trabalhados, como são exemplo os trabalhos de pedra nas cantarias, nos cunhais, nos embasamentos e nas cornijas¹⁶².

Atualmente parte destes imóveis encontra-se abandonada, sem qualquer tipo de uso ou em situação precária em virtude de utilizações pouco dignas ou de intervenções descaracterizadoras. É então nesta tipologia onde se torna mais pertinente a intervenção, quer se trate de uma atribuição de novos tipos de uso (nomeadamente institucionais), quer da exploração com um carácter turístico, podendo assim constituir formas de promover a sua salvaguarda e a sua rentabilização para um desenvolvimento sustentável.

O núcleo histórico de Tentúgal apresenta vários testemunhos da sua antiguidade, destacando-se a Capela de Nossa Senhora das Dores, a Igreja da Misericórdia, a Santa Casa da Misericórdia, a Igreja Matriz, a Torre do Relógio, o Convento de Nossa Senhora do Carmo, o Hospital de São Pedro e São Domingos, o Paço dos Condes de Tentúgal, entre outros. Assinala-se, enquanto espaços públicos mais importantes o Rossio e mais a Sul, o largo da Chieira/Relveiro onde se realiza a feira quinzenal.

Importa ainda salientar a existência de um conjunto significativo de casas nobres, facto que vem confirmar a Vila de Tentúgal como detentora do maior número de moradias do século XVI e XVIII do concelho, constituindo, portanto, um centro histórico de valor relevante. Prevê-se então, no Plano Diretor Municipal, que este tipo de espaços tenha uso habitacional, podendo considerar-se a integração de outras funções, como atividades terciárias, hoteleira e similar.



48. Vila de Tentúgal

Tentúgal, pode oferecer importantes produtos turísticos ligados ao património histórico tal como apresenta ainda condições vantajosas para a organização e promoção de atividades ligadas ao desporto, turismo rural, cultural, gastronómico, entre outros. O poder concelhio demonstra alguma tomada de consciência das potencialidades de desenvolvimento da Vila, já que no Plano Diretor Municipal é revelada a pretensão de "dinamização/ requalificação dos centros históricos de Montemor-o-Velho, Tentúgal, Verride, Santo Varão e Pereira, prevendo uma vertente de turismo sénior" e o "desenvolvimento de projetos turístico-imobiliários, em Tentúgal e Montemor-o-Velho"¹⁶³.

Dentro deste enquadramento, segundo o Plano Diretor Municipal pretende-se, então, "desenvolver um ciclo de sinergias, indutoras do crescimento económico e do desenvolvimento do concelho, para o qual uma intervenção dinâmica e um investimento centrados nestes domínios, permitiriam melhores condições de atratividade e fixação de população pelo potencial conjunto existentes nesta área", devendo "desenvolver-se uma estratégia de intervenção para o concelho, que permita um desenvolvimento equilibrado, sustentado e harmonioso dos aglomerados, promovendo a requalificação da imagem urbana e a salvaguarda do património"¹⁶⁴.

notas

¹⁵⁶ Entrevista ao Gestor do Programa Revitalização de Aldeias e Vilas Históricas da Região Alentejo *in* ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 208

¹⁵⁷ ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 137

¹⁵⁸ Linhas orientadoras para a estruturação do modelo do Programa de Revitalização de Aldeias Históricas da região do Alentejo *in* ALVES, João Emílio. (2002) - Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais, p. 151

¹⁵⁹ JACINTO, Rui, (coord.) (2012), Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas, p. 419

¹⁶⁰ "Reconhecido como um doce de destaque, quer pela sua importância económica, quer enquanto pilar da cultura local, o pastel de Tentúgal é procurado por todos os que descobrem neste doce um tesouro da doçaria conventual portuguesa e de deixam seduzir, quer pelo seu sabor, quer pela sua história"¹ *in* relatório de Janeiro de 2012 para a candidatura a classificação de Indicação Geográfica Protegida

¹⁶¹ António Nobre citado *in* GONÇALVES, A. Nogueira (1952)– Inventário Artístico do Distrito de Coimbra, p. 132

¹⁶² Análise da Evolução Urbanística dos Aglomerados e Tipologias Arquitectónicas do Concelho de Montemor-o-Velho *in* PLURAL. (2006) - Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico, p.196-198

¹⁶³ PLURAL. (2006) - Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico, p. 230

¹⁶⁴ *Idem*, pp. 166-167



49. Convento do Carmo
Tentúgal

CAPÍTULO III - O CONVENTO DO CARMO E A REVITALIZAÇÃO DE UM PATRIMÓNIO ABANDONADO

O edifício e a Vila

A Vila de Tentúgal, apresenta uma crescente preocupação na preservação, revitalização e rentabilização do património. Nesse sentido, para a presente proposta de intervenção demonstrar-se-ia incontornável a seleção do Convento do Carmo enquanto objeto de estudo. A sua importância para a própria Vila, tanto em questão de património construído como património imaterial, destacando-se a simbologia do mesmo na doçaria pela qual Tentúgal é reconhecida, faz dele um possível motor de desenvolvimento de toda a Vila.

Ao longo dos dois últimos séculos este edifício foi alvo de inúmeros atentados descaracterizadores, contudo a crescente perceção da importância do Convento e a consequente preocupação em preservar o remanescente permitiu a sua classificação enquanto património de interesse público com a portaria n.º 581/2011 a 14 de Junho de 2011. Do mesmo modo a ação direta da Confraria da Doçaria Conventual de Tentúgal nesta Vila traduz-se também numa atenção especial do seu valor e no desejo de requalificação enquanto forma de transformação deste edifício de valor patrimonial num equipamento benéfico à comunidade, mas ainda potenciador de uma maior divulgação dos valores da Vila e da sua consequente dinamização.



*50. Maquete final - vista do Rossio
Convento do Carmo*

Desta forma o projeto de requalificação partiria deste desejo de reaproveitamento deste património e da necessidade de um equipamento que de alguma forma permitia potenciar o processo de regeneração daquele território.



51. Postal antigo - Convento do Carmo
Tentúgal

Caracterização histórica do Convento do Carmo

O Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal, também designado por Convento de Nossa Senhora da Natividade ou das Madres do Carmo, foi fundado na segunda metade do século XVI (em 1560) a partir de rendimentos excedentes da Confraria de S. Pedro e S. Domingos com autorização, do mesmo ano, por alvará de D. Sebastião e aprovação pontifícia¹⁶⁵.

A decisão da Confraria empregar os seus sobejos na edificação do Mosteiro terá sido tomada em 1551, contudo a mesma não produziria efeitos imediatos, sendo o projeto retomado a 16 de Julho de 1560 graças ao 2º conde de Tentúgal, D. Francisco de Mello, tendo-se tornado um dos principais donatários do Convento e assim seu padroeiro. A ele também se juntaram outros nobres como o licenciado e ouvidor da Vila Afonso de Leão, João Rodrigues de Menezes, Diogo de Pereira de S. Payo, Gaspar Barreto Faria e o seu irmão, fidalgo da Casa de Sua Majestade, Henrique de Barreto¹⁶⁶.

O local escolhido para a fundação foi a antiga Ermida de São Pedro e São Domingos, pertencente à Confraria com o mesmo nome, tendo-se rezado a



52. Largo do Rossio
Tentúgal

primeira missa a 15 de Maio de 1565, na qualidade de igreja do novo Mosteiro. Contudo em 1613 ainda é referida a Ermida de S. Pedro e S. Domingos e apenas em 1626 se menciona este espaço enquanto Igreja de Nossa Senhora do Carmo¹⁶⁷.

A primeira pedra foi transportada por "quatro fidalgos numa xarola ricamente ornada"¹⁶⁸ a 8 de Setembro de 1565, enquanto a escritura de 25 de Março de 1567 confirma o início da obra e a implantação na "Ermida de S. Pedro e S. Domingos, que está dentro da villa, por ser lugar honesto e conveniente"¹⁶⁹.

Esta escolha da localização junto da vila prende-se com o facto de a ermida pertencer à Confraria fundadora, mas também está de acordo com o movimento de reforma dos conventos e mosteiros que Roma instituiu entre o final do século XV e primeira metade do século XVI. A esta reforma monástica serviram recomendações de Alberti¹⁷⁰ sobre a clausura, entre elas, a deslocação dos mosteiros para perto ou mesmo para dentro das povoações. Este seria ainda um local privilegiado pois a norte confrontava com o Rossio da vila e por isso um local acessível às comunicações, principalmente com Coimbra e Montemor-o-Velho já que a estrada régia passava junto ao local de implantação¹⁷¹.

A igreja do Convento seria construída assim a Nascente, concordando com a tendência de construir a igreja de dentro a poente (neste caso cumpria essa função o coro de baixo já existente como antiga ermida).

Apesar do livro referente à edificação do Convento de Tentúgal ter desaparecido e por isso também informações determinantes para o conhecimento arquitetónico do mesmo, sabe-se que o responsável pelo risco terá sido o Fr. Jerónimo Francisco e o mestre Thomé Velho pela nota inserida no livro que começa a 7 de Janeiro de 1585: "... pagámos a geronimo F^{co}. mestre das obras mil e quinhentos rs por vir fazer a traça da



53. Igreja da Misericórdia de Tentúgal
atribuível a Thomé Velho

obra..." e "...A Thome velho mestre das obras por vir m^{tas} vizitar hos oficiais que fazem a obra mill e quinhentos rs."¹⁷².

Jerónimo Francisco vivia na Rua do Corpo de Deus em Coimbra, foi o mestre que em 1592 reparou o chafariz de Sansão, em 1594 recebeu 6000 reais da Universidade de Coimbra pelas obras que dirigiu em algumas casas situadas no Largo da Feira e pouco tempo depois era mestre de obras titular da Sé. Pensa-se que terá falecido por volta de 1600, vítima de doença¹⁷³.

Thomé Velho vivia na Lamarosa, lugar que então pertencia à freguesia de Tentúgal e terá sido aprendiz do mestre João de Ruão. Sabe-se que foi contratado em 1576 para o acabamento das obras da Igreja de S. Salvador de Bouças em Matosinhos, até então a cargo de João Ruão, vindo mesmo a ser referido como "o empreiteiro principal de Coimbra na transição dos séculos"¹⁷⁴.

Segundo o professor Reynaldo dos Santos, baseado no cronista D. José de Cristo, em 1582 Thomé Velho terá trabalhado em parceria com Jacques Bruxel, "colaborador de João de Ruão" na Capela de S. Teotónio na Igreja de Santa Cruz em Coimbra. O cronista crúzio D. Nicolau de Santa Maria, escreveria que a capela "a fez com todo o primor que a Arte pedia Thomé Velho, famoso Architecto daquelles tempos"¹⁷⁵. Um ano mais tarde seria contratado pelo Mestre escola Duarte de Melo para lhe fazer uma capela na Sé Velha de Coimbra, sendo isto confirmado por Prudêncio Quintino Garcia¹⁷⁶.

Uma das suas obras melhor documentada é a Igreja da Misericórdia de Tentúgal, iniciada em 1583¹⁷⁷. No ano seguinte viria então a registar-se a sua presença também nas obras no Convento de Nossa Senhora do Carmo.

No ano de 1571 viriam do convento de Esperança de Beja aquelas que se tornariam as irmãs fundadoras, acolhendo-se em casa de Gaspar Barreto até



*54. Torre dos sinos
Convento do Carmo de Tentúgal*

8 de Setembro de 1572, data em que entraram no Convento, juntamente com três filhas de Gaspar Barreto e uma filha de Henrique Barreto¹⁷⁸. A esta data as condições eram precárias pois apenas existiam a antiga Ermida e um corpo de dormitórios.

O Convento de Tentúgal viria a ser o terceiro dos quatro Conventos carmelitas femininos existentes em Portugal, posterior a Beja (1541) e Lagos (1558) e anterior ao de Guimarães (1697)¹⁷⁹.

Apesar da entrada das primeiras religiosas no Convento as obras mantiveram-se a um ritmo inconstante, sendo muitas vezes interrompidas. Em 1584 levantaram-se os muros da cerca que englobavam alguns quintais privados e um largo (do Faria). Foi ainda construído um poço em frente às capelas da S^a da Ermida e Santo António e começariam nesse mesmo ano as obras do forno e dos casebres do lado sul¹⁸⁰.

Esta progressão lenta na construção fez-se sentir pelo menos até 1605, constando que “pella inquerição das religiosas a mor parte do most.^o e suas officinas estão per fazer”, sendo devida, em parte, a problemas com o financiamento por parte do padroado, o que seria resolvido quando em 1 de Março de 1605, o conde D. Francisco de Mello (neto do padroeiro inicial) comprometeu-se a despender a quantia de 200 mil réis anuais “de sua fazenda e rendas e sem ajuda alguma nem contribuição do dito musteiro”¹⁸¹ para concluir “as obras e officinas dele de maneira que seia e fique de todo perfeito e acabado e esto pella trasa que se começou por ordem do marques seu avô e antecessor do dito conde e se não ouver e for achada a dita trasa elle Conde ordenava outra trasa conforme a necessidade das ditas religiosas e parecer do padre provincial e architecto [Jerónimo Francisco] e officiais entendidos [Tomé Velho] conformado se com as obras que estão feitas em o dito musteiro”.



*55. Portal da Igreja
Convento do Carmo de Tentúgal*

Apesar de não se poder precisar o início da construção da igreja, sabe-se que terá sido antes de 1606, uma vez que o padre-mestre Henrique Sílvio Henriques, Geral Comissário e Visitador Apostólico, ao visitar o convento ordenou que "... se fechasse a grade de ferro que até aqui servia o Comungatório ao fundo da Igreja e se abrir ao lado uma janela tão pequena que baste para se dar o Santíssimo Sacramento..."¹⁸². A grade de ferro em questão seria a do Coro-baixo e a nova janela é a que se situa na parede lateral da capela-mor. Deste modo conclui-se ainda que em 1606 a capela-mor não estaria concluída, porém em 1616, pelo registo de Frei Estêvão de Santa-Maria, em que é ordenada a construção de um armário na capela-mor para guardar "os santos óleos"¹⁸³, infere-se que a mesma já estaria finalizada.

As obras na Igreja seriam finalmente concluídas em 1633, comprovando-o a inscrição no portal da mesma. Ainda assim não seria esta a data de conclusão das obras no Mosteiro Carmelita, uma vez que se denominava ao corpo contíguo à igreja (a Norte) de "dormitório novo"¹⁸⁴, deduzindo-se que esta obra seria posterior à da fundação da igreja. Deste modo, a vasta área das dependências domésticas só viria a ficar concluída em 1693.

As sucessivas ampliações que se seguiriam no complexo conventual traduziram-se num processo de construção contínua, sendo isto em grande parte provocado pela grande popularidade da qual o Convento de Tentúgal viria a usufruir, havendo referência que: "... vinham freiras de muitas partes para tomar aqui o hábito, pela fama da muita virtude ..."¹⁸⁵.

Assim, se inicialmente fora construído para albergar trinta religiosas¹⁸⁶, em 1711 há o registo de sessenta e quatro¹⁸⁷. Para além das freiras, habitavam ainda no Convento inúmeras seculares e empregadas, que faziam aumentar a necessidade de espaços e condições de habitabilidade. Exemplo disso é a ordem de 2 de Fevereiro de 1671 que expressa a necessidade de construir



*56. Portaria do Convento do Carmo
Tentúgal*

um novo dormitório "sobre a cozinha no qual se possa acomodar as religiosas"¹⁸⁸ pois naquele tempo, por falta de capacidade as religiosas dormiam em lugares que eram utilizados para outros fins, havendo registo em 1737 de obras no dormitório.

O resultado de uma construção morosa e parcelada foi a de um conjunto edificado do Convento que tinha o aspeto de adição de diversos corpos, sem apresentar a tradicional organização em volta de claustros¹⁸⁹.

Após anos de rendimentos prósperos, o processo de decadência da Vila de Tentúgal, entre os fatores desfavoráveis, como foram os períodos de forte instabilidade que se seguiram, viriam iniciar o processo de degradação do complexo conventual. Um exemplo disso terá sido o período das invasões francesas, em 1810, que levariam à fuga das religiosas perante o avanço das tropas francesas. Estas terão arrombado e pilhado tudo o que encontraram e quando as religiosas voltaram, tanto se viram sem as suas riquezas como encontraram o espaço conventual bastante degradado: "encontraram arrombadas as portas da portaria e da sacristia e tudo quebrado e roubado"¹⁹⁰.

O declínio do Convento teria o auge em 1833 quando se proíbe o noviciado e posteriormente, em 1834, o decreto de Joaquim António de Aguiar extingue todos os mosteiros, conventos, colégios e quaisquer casas de todas as ordens regulares. Os bens seriam assim transferidos para a Fazenda Nacional, e apesar do Mosteiro de Tentúgal ter subsistido a este último decreto¹⁹¹, o primeiro viria a ditar a sua extinção assim que falecesse a última freira, o que aconteceu em 1898.

A partir de 1843 um acordo entre o Governo e a Santa Sé permitiu a alguns conventos extintos destinarem os seus edifícios a obras pias e educação. Assim, em 1885, a título de experiência, começou a funcionar no Convento de Tentúgal uma escola apostólica, o que viria a criar a necessidade de



*57. Escola Primária
Convento do Carmo de Tentúgal*

adaptação dos espaços a esta nova função. Existe pelo menos um registo de uma dessas adaptações quando em 1898, após a extinção, se faz o inventário dos espaços e se descreve a antiga capela de N^a S^a das Dores "com as demais celas juntas convertida em um vasto salão que serve de dormitório às meninas do colégio da Missão"¹⁹².

Quando em 1898 falece a última freira, a Fazenda Nacional tomou finalmente posse do Convento do Carmo, inventariando todos os bens para posterior entrega, doação e venda dos mesmos. Nesta fase era já notório o processo decadência sobre a qual o edifício havia caído uma vez que, quando se faz a descrição do mesmo, se descreve já algumas partes como degradadas: "... edifício de convento comporta as casas d'habitação d'altos e baixos achando-se parte em mau estado, com pateo, sisterna, cazas em ruína a norte..."¹⁹³. A Fazenda Nacional deu início à demolição de várias partes do edifício, procedendo-se à criação de uma pedreira para venda enquanto material de construção para obras particulares¹⁹⁴.

Em 1911 seriam construídos no lado norte do Convento dois corpos iguais de escolas, dispostos simetricamente. Estes mantiveram-se até aos dias de hoje, apenas se tendo acrescentado um corpo a meio que une os mais antigos e, mais recentemente um edifício de refeitório, em posição ortogonal em relação aos mesmos.

O seu património documental passou para a guarda da Repartição de Finanças do Distrito de Coimbra que em 1937 transfere a documentação do fundo do Convento de N^a S^a Carmo de Tentúgal para o Arquivo da Universidade, estando hoje distribuídos os documentos entre este espaço e a Torre de Tombo em Lisboa¹⁹⁵.

notas

- ¹⁶⁵ Arquivo da Universidade de Coimbra - Nª Sª CARMO - 11, p.11
- ¹⁶⁶ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
- ¹⁶⁷ NEVES, Orquídea Eugénia Pereira das. (1963) – Subsídios para a história do Convento de Tentúgal, p.97
- ¹⁶⁸ Códice 1114 disponível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
- ¹⁶⁹ Arquivo da Universidade de Coimbra - Nª Sª CARMO - 22, p. 322
- ¹⁷⁰ Léon Batista Alberti citado por Paulo Varela Gomes in GOMES, Paulo Varela (2007) - 14,5 Ensaios de História da Arquitectura, p.237
- ¹⁷¹ GÓIS, António Correia. (2003) – As Memórias do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal 1551-1898, p.119
- ¹⁷² DIAS, Pedro (1996) - A oficina de Thomé Velho, construtor e escultor do maneirismo coimbrão, Coimbra, p. 34
- ¹⁷³ Idem, p. 35
- ¹⁷⁴ GONÇALVES, Carla Alexandra (1992) - Thomé Velho, Escultor e Arquitecto do maneirismo Coimbrão, p.107
- ¹⁷⁵ Idem, p.108
- ¹⁷⁶ GARCIA, Prudêncio Quintino - Artistas de Coimbra, p. 164
- ¹⁷⁷ CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos. (1944) – Terras de Montemor-o-Velho, p. 326
- ¹⁷⁸ Arquivo da Universidade de Coimbra - Nª Sª CARMO - 11
- ¹⁷⁹ WERMERS, Manuel Maria. (1963) - A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal, p.187
- ¹⁸⁰ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra
- ¹⁸¹ Cf. PRATA, Margarida (2011) - As cozinhas do Convento de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal, p.2
- ¹⁸² Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁸³ GÓIS, António Correia. (2003) – As Memórias do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal 1551-1898, p.125

¹⁸⁴ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁸⁵ Arquivo da Universidade de Coimbra - Nª Sª CARMO - 11, p. 313

¹⁸⁶ "(...) no dito Convento haverá 30 de véu preto e noviças, em memória e relembança dos trinta dinheiros porque Cristo nosso Redentor foi vendido. (...)" in Arquivo da Universidade de Coimbra - Nª Sª CARMO - 22, p. 322

¹⁸⁷ CAPELO, Ludovina Cartaxo (2007) – Inventário do Convento de Nª Sr.ª do Carmo de Tentúgal, Arquivo da Universidade de Coimbra, p.23

¹⁸⁸ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁸⁹ GONÇALVES, A. Nogueira. (1952) – Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra, p.151

¹⁹⁰ NEVES, Orquídea .(1963) – Subsídios para a história do Convento de Tentúgal, p.195

¹⁹¹ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito nº 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁹² NEVES, Orquídea .(1963) – Subsídios para a história do Convento de Tentúgal, p. 99

¹⁹³ Arquivo da Universidade de Coimbra, Inventários de 1858 e de 1898, Nª Sª CARMO - 6

¹⁹⁴ Segundo relato de alguns moradores a demolição do edifício conventual seria executada sem critério, utilizando-se o material daí resultante como matéria-prima para obras particulares, indo desde a construção de casas até elementos secundários como muros. À época o Mosteiro do Cramo havia-se assim transformado numa autêntica pedreira.

¹⁹⁵ CAPELO, Ludovina Cartaxo (2007) – Inventário do Convento de Nª Sr.ª do Carmo de Tentúgal, Arquivo da Universidade de Coimbra, p.5



58. *Vista Norte do Convento do Carmo
Tentúgal*

Evolução construtiva do Convento

O início da construção do Convento das Madres do Carmo é difícil de precisar uma vez que são várias as datas que aparecem como possíveis, porém considera-se a data mais provável a de 25 de Março de 1567¹⁹⁶. Neste período o Convento era fundado tendo como base a antiga Ermida de S. Pedro e S. Domingos que se localizaria sensivelmente onde hoje existe o coro-baixo. Esta Ermida pertencia à Confraria e possuía um alpendre e uma porta na fachada a poente que posteriormente seriam retirados para a adaptação a Convento¹⁹⁷.

Apesar da entrada das primeiras religiosas em 1572 e sabe-se que nessa data só existia ainda a antiga ermida, que era utilizada enquanto igreja conventual, e um corpo de dormitórios mandado construir por D. Francisco de Mello. Contudo não se sabe se seria este corpo o desenhado na planta do levantamento de 1899 a Norte da Igreja ou um outro provisório.

Para a construção do Convento foi necessário adquirir várias casas e quintais que confinavam com ele, existindo várias escrituras que o comprovam¹⁹⁸, sendo úteis na compreensão da evolução construtiva do complexo. A partir desses documentos é possível verificar que só a partir de 1614 se começou a



Século XIX - imagem final antes das demolições



Século XVII - a partir de 1614 constrói-se o corpo a sul, termina-se a Igreja em 1633 e amplia-se o dormitório em 1737



Século XVI - início da construção na Ermida de S. Pedro e S. Domingos

construir todo o corpo que faz frente com o Rossio em direção à travessa da Boa Morte (a poente do Convento). Esta parte viria a integrar o mirante ainda hoje existente.

A partir desta data não se conhece detalhadamente a ordem construtiva do edificado, porém a igreja a partir de 1626 deixa de ser denominada com o antigo nome da Ermida que lhe deu origem, e pode-se ler na cimalha do teto a data de 1632 (que será a data de fecho da abóbada) e sobre a porta a data de 1633 que terá sido o ano de conclusão da mesma. Contudo as obras do Convento prolongar-se-iam até 1693, data em que se concluem as dependências domésticas.

Apesar da área construída se manter sensivelmente a mesma, foram várias as intervenções, quer de melhoramento das condições da habitabilidade do edifício (como é exemplo da ampliação do corpo do dormitório em 1737), quer por proteção da clausura. Um exemplo disto é quando em 1739 se manda tapar uma porta que ia da casa dos padres para a igreja e as várias advertências que elucidam a existência de aberturas que deveriam voltar a ser fechadas¹⁹⁹.

Condicionado por sucessivas restrições económicas e contrariedades administrativas, o edifício conventual evidencia a vigência dos modelos estéticos do Maneirismo. Este revela ainda hoje as diferentes etapas construtivas de que foi alvo, sendo isto comprovado por várias inscrições datadas e pelos corpos arquitetónicos de volumes distintos.

A planta do levantamento efetuado em 1899, sendo a única existente antes da demolição massiva do Convento é ainda assim bastante incompleta, apresentando apenas o piso térreo e parte de um piso superior, ficando em total desconhecimento os restantes pisos que existiriam. Para além disso a mesma evidencia vários erros e incoerências que dificultam a compreensão do que seria o edifício naquela época.



60. Coro-Alto e Portaria
Convento do Carmo de Tentúgal

Deste modo, o Convento do Carmo de Tentúgal chega-nos aos dias de hoje apenas com um terço da área construída que em tempos anteriores ocupou, preservando a Igreja, coro-baixo, coro-alto, torre, corpo a sul em frente ao Rossio com torre do desafogo e portaria. Toda a área de dormitórios, cozinhas, e antigas capelas terá sido demolida, enquanto as áreas restantes foram alvo de obras apenas de manutenção, mas muitas vezes descaracterizadoras da sua traça, como é exemplo grande parte do corpo da portaria.

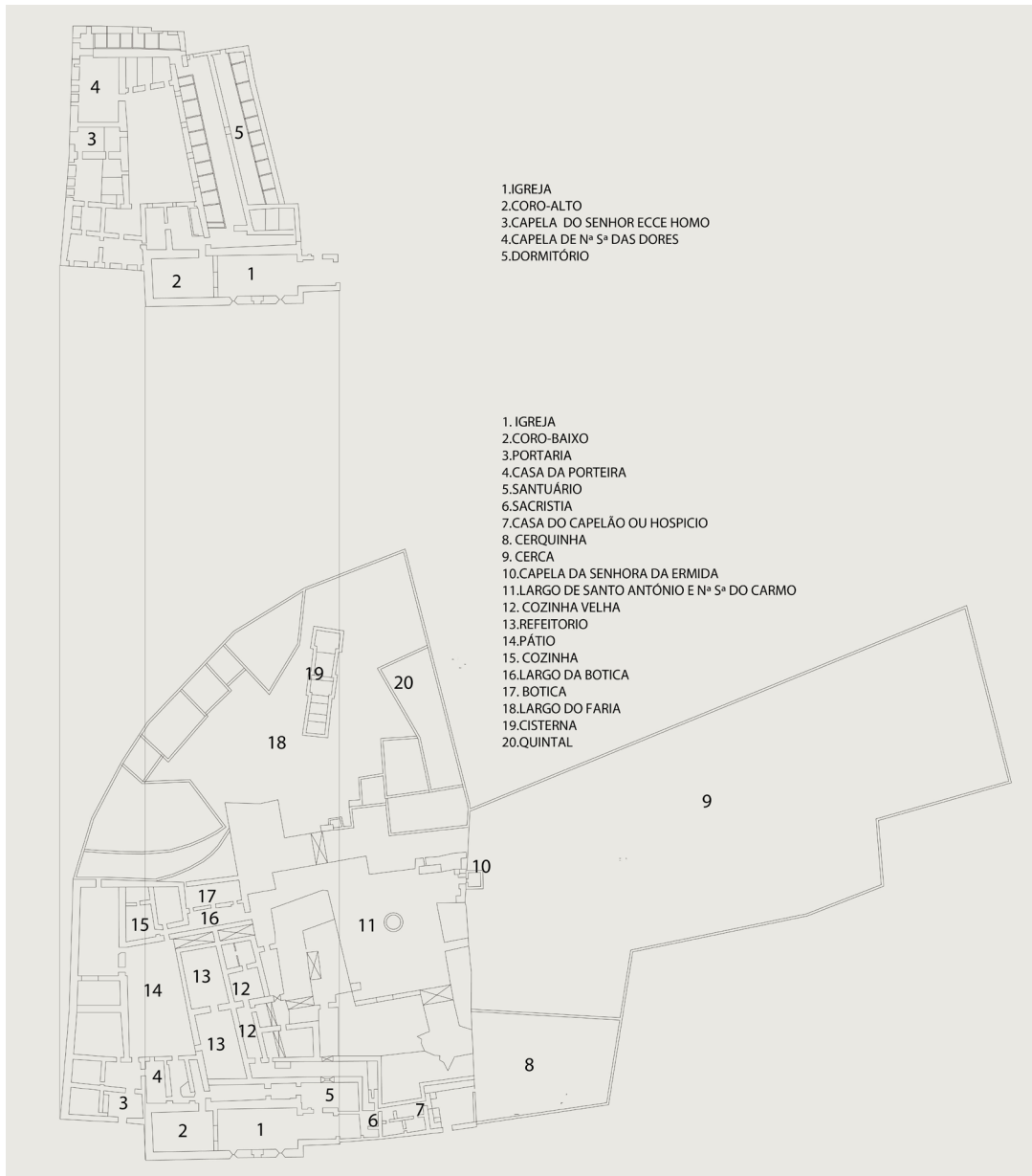


61. Planta do Levantamento de 1899
Convento do Carmo de Tentugal

Definição tipológica dos espaços

Como já foi referido, o prolongamento das obras conventuais durante vários anos, as sucessivas ampliações e alterações efetuadas, bem como a posterior perda dos livros referentes às obras da igreja e do convento não nos permite ter um conhecimento concreto do aspeto original do edifício e das características dos seus espaços, porém o levantamento e inventários produzidos em 1898 e 1899 permitem ter uma imagem de como seria o edifício antes das demolições.

Partindo da análise entre os espaços referidos no inventário e os que existem hoje supõe-se que alguns espaços se mantiveram quase inalterados, como é o caso da Igreja, coro-alto, coro-baixo, loja térrea, casa da roda e do parlatório. Em relação a outros espaços em que é possível identificar a sua localização mas mostram hoje algumas diferenças relevantes em relação ao descrito no final do século XIX: o corpo da casa do noviciado, onde existiam três salas menores, uma sala ordinária e duas grades com quatro salas ordinárias (duas de dentro e duas de fora, destinadas às visitas das religiosas), um corredor da galeria com cinco janelas sobre o rossio e a torre de desafogo. Este setor terá sido alterado já no século XX na reconversão

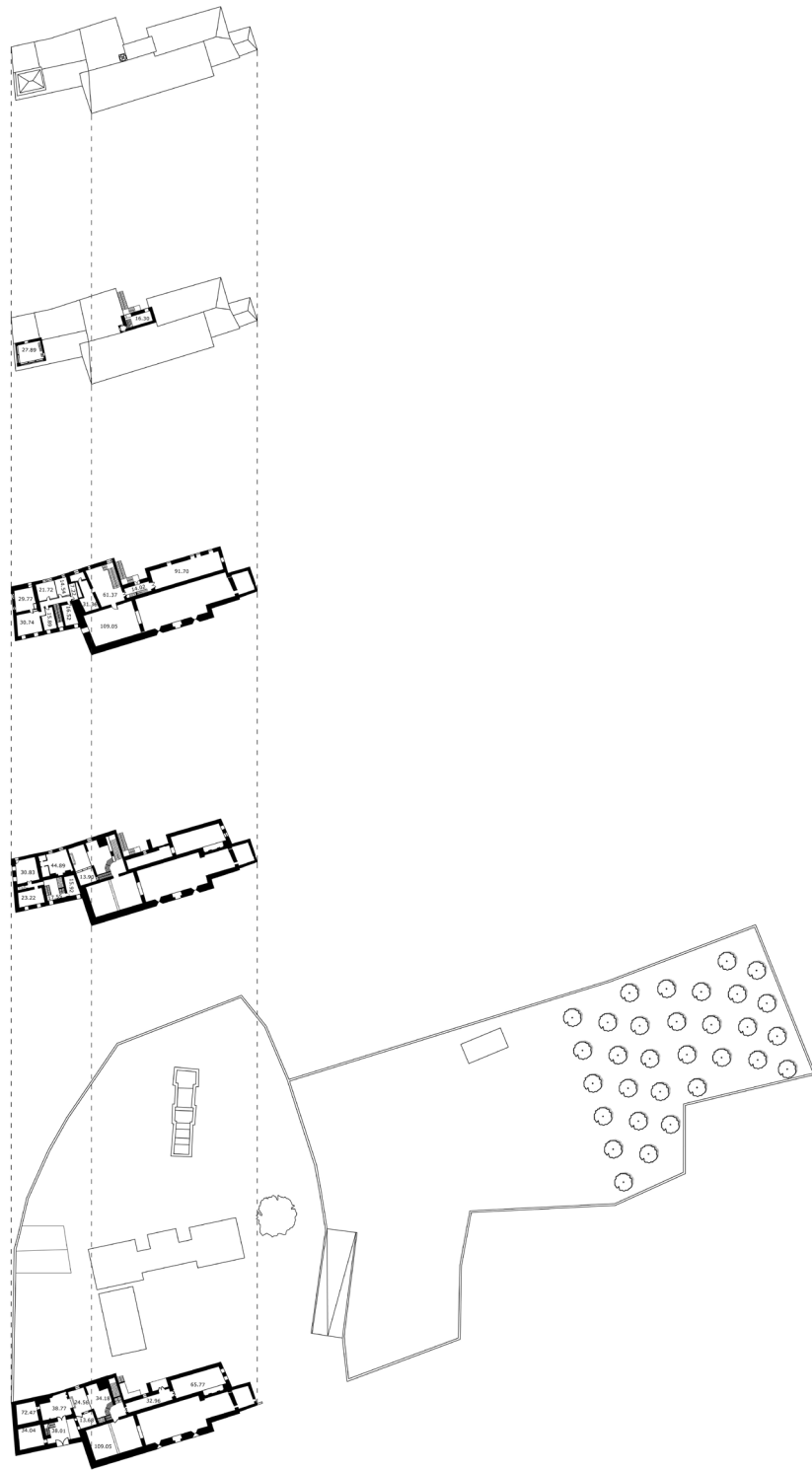


62. Plantas com descrição dos espaços existentes em 1899

destes espaços para residência paroquial, sendo que atualmente esta parte do edifício é constituída no piso inferior por uma sala pequena, instalação sanitária, sala de estar, cozinha, uma ampla divisão onde estavam as duas grades para visitas (ainda existentes) e um pequeno escritório. No piso superior existem quatro quartos (dois virados para sul - rossio, e dois para norte), uma instalação sanitária e dois espaços de arrumos, localizando-se num deles a escada que dá acesso à torre de desafogo, também existente.

Das áreas desaparecidas pode-se referir: o setor do refeitório (que contaria com duas salas contíguas), o espaço denominado como cozinha velha, o qual se supõe localizado "no corpo erguido entre os dois refeitórios, virados para o pátio do Poço (identificado no levantamento como largo de S.to António e S.a do Carmo)" e a cozinha que se localizaria na "proximidade com as áreas dos despejos, localizados atrás da casa da botica"²⁰⁰.

Para além destes é de realçar o grande vazio deixado pelo vasto corpo de dormitórios. Também as cinco capelas: do Senhor Ecce Homo, de Santo António, da Senhora da Ermida, do Senhor da Portaria e da Senhora das Dores, viriam a desaparecer. Porém não existem dados suficientes para determinar a localização de algumas delas, como é exemplo as capelas do Senhor Ecce Homo e do Senhor da Portaria, ainda que esta última ficasse certamente no espaço da portaria. Por outro lado, localizadas uma sobre a outra as Capelas de Santo António (em cima) e da Senhora da Ermida (em baixo) ficavam junto ao portão de acesso à cerca. Já a Capela de Nossa Senhora das Dores ficava junto ao muro a poente e ao lado do dormitório que ficava sobre a cozinha. Esta teria sido, em época anterior à inventariação dos espaços convertida num vasto salão juntamente com as celas do dormitório contíguas, de forma a criar um dormitório para as meninas do Colégio da Missão.



63. Plantas dos vários pisos - Levantamento atual
Mosteiro do Carmo - Tentugal

Outros espaços inerentes às tarefas quotidianas do Convento desapareceriam, como é o caso da Botica, com a sua casa do fogão, a casa da fábrica da cera, casa do forno e os celeiros de milho, trigo e azeite.

Em parte do espaço livre criado seria construída em 1911 dois edifícios de escolas e mais tarde seria acrescentado um corpo a unir os anteriores. Já no século XXI seria acrescentado um pequeno edifício de refeitório, mantendo-se todo este conjunto até aos dias de hoje. O restante espaço (localizado junto ao muro da cerca a poente) seria utilizado como horta particular.

Os espaços exteriores do Largo do Faria, a Cerca e a Cerquinha seriam progressivamente abandonados, mantendo-se alguns elementos importantes como a antiga cisterna, ainda que bastante degradada.

notas

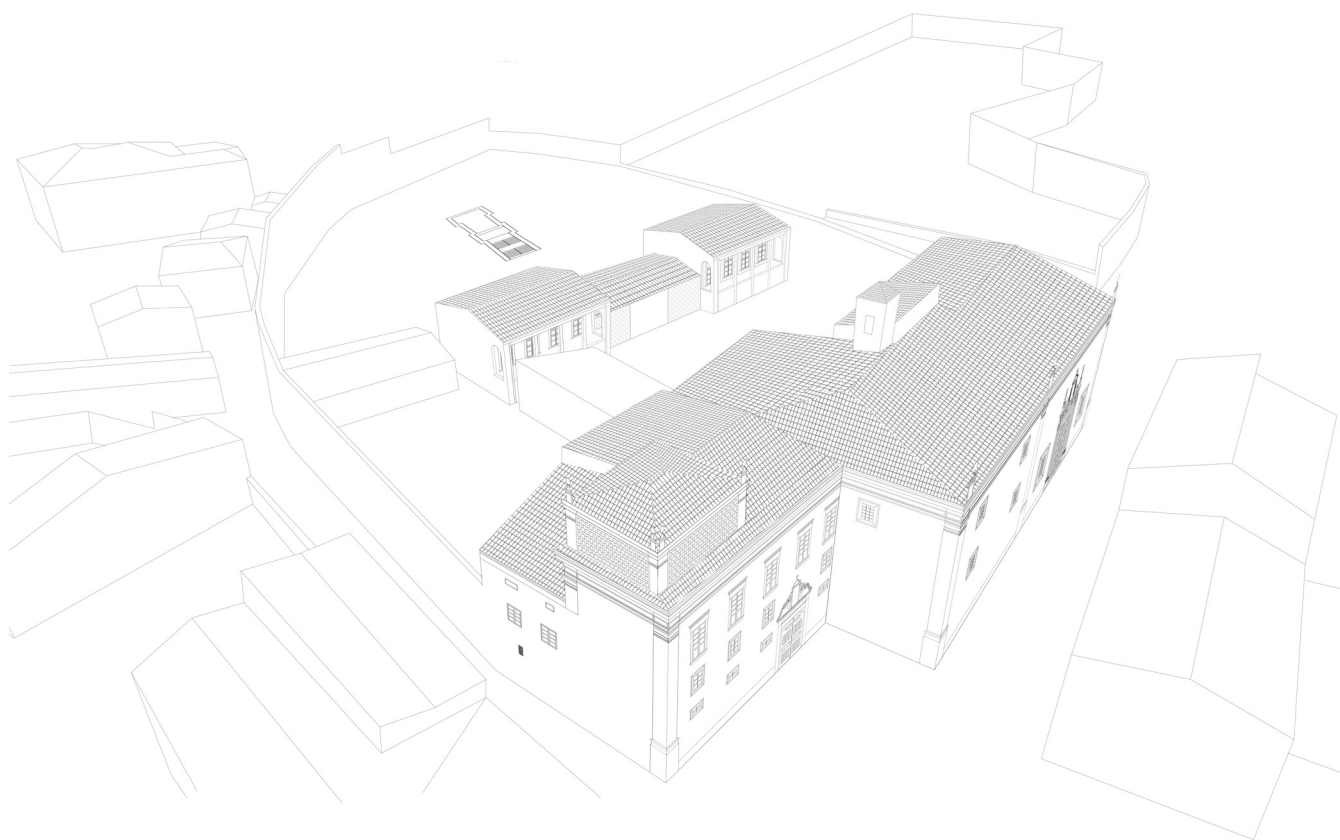
¹⁹⁶ “Saibam quantos este público instrumento de Instituição e Fundação virem como em o ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil e quinhentos e sessenta e sete anos, aos vinte e cinco dias do mês de Março (...). Ordenou o dito Senhor que o Convento fosse edificado na ermida de S. Pedro e S. Domingos que está dentro da vila, por ser lugar honesto e conveniente (...)” in Arquivo da Universidade de Coimbra - N^o S^a CARMO-22, p. 322

¹⁹⁷ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito n^o 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹⁹⁸ Arquivo da Universidade de Coimbra - N^o S^a CARMO - 11, Tomo 3

¹⁹⁹ GÓIS, António Correia. (2003) – As Memórias do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal 1551-1898, p.151

²⁰⁰ PRATA, Margarida (2011) - As cozinhas do Convento de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal, p.3



64. Axonometria do edificado atual
Mosteiro do Carmo - Tentugal

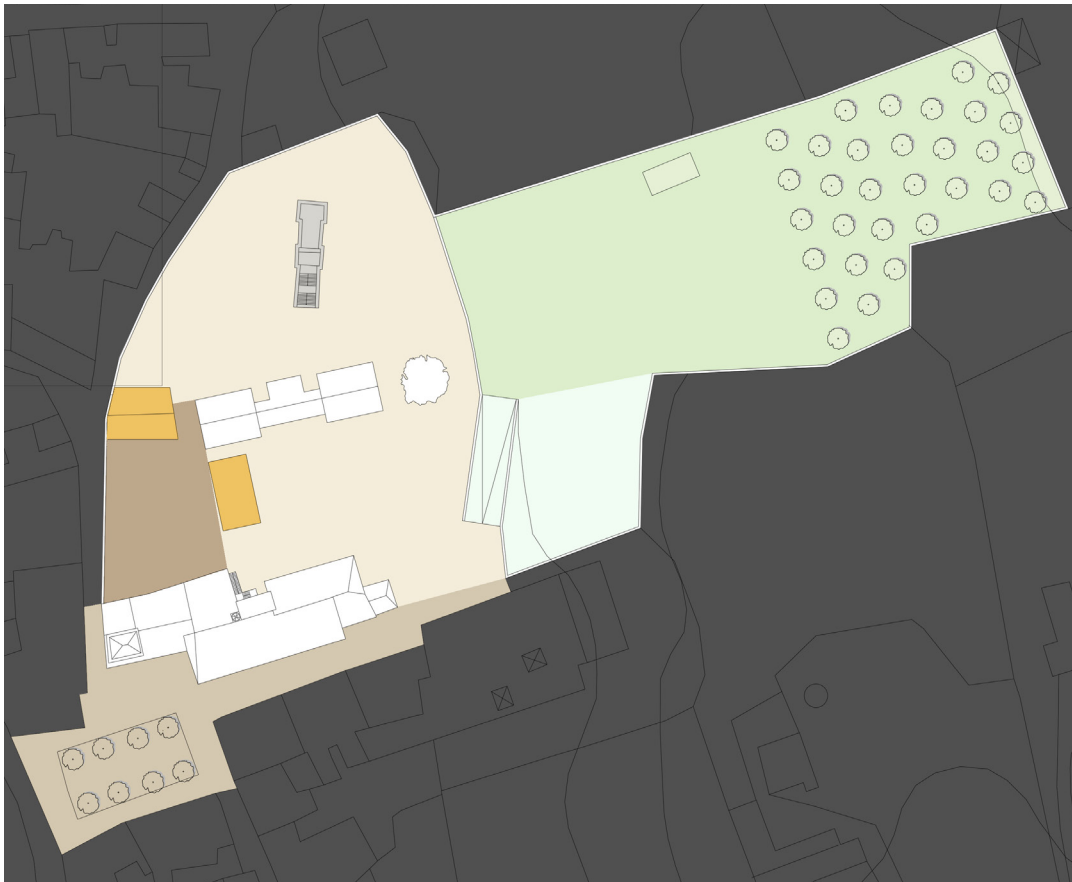
PROJETAR A MEMÓRIA - A PROPOSTA DE REABILITAÇÃO

Conceito base

O desejo de recuperação de um património desprezado tem vindo a traduzir-se numa permanente procura de revitalizar edifícios de grande porte que poderão dar um forte contributo à modificação do tecido urbano e sociocultural da zona onde estão inseridos.

Atendendo à crescente importância dada à reabilitação e à maior consciencialização das suas potencialidades tornar-se-ia numa temática relevante a tratar. A mesma comporta nos nossos dias variadas vertentes, possibilitando a regeneração de patrimónios, promovendo a sua revitalização e devolução às suas comunidades, gerando movimentos de transformação inovadoras dos territórios, mas permitindo-lhes ainda um regresso simbólico ao seu passado, dando a conhecer as suas origens e aproximando a população da identidade do seu povo e das suas obras.

Assim, para além da sua própria regeneração procura-se que a mesma constitua uma modificação impulsionadora de outras construções, renovando redes físicas de uma nova vivência em volta de um equipamento reanimado. Esta visão global faz com que haja a necessidade dos edifícios regenerados sejam intervencionados não enquanto um objeto singular isolado, mas enquanto constituintes de um esquema urbano geral, no qual o ambiente



65. Planta estratégica dos espaços a intervir
Mosteiro do Carmo - Tentugal

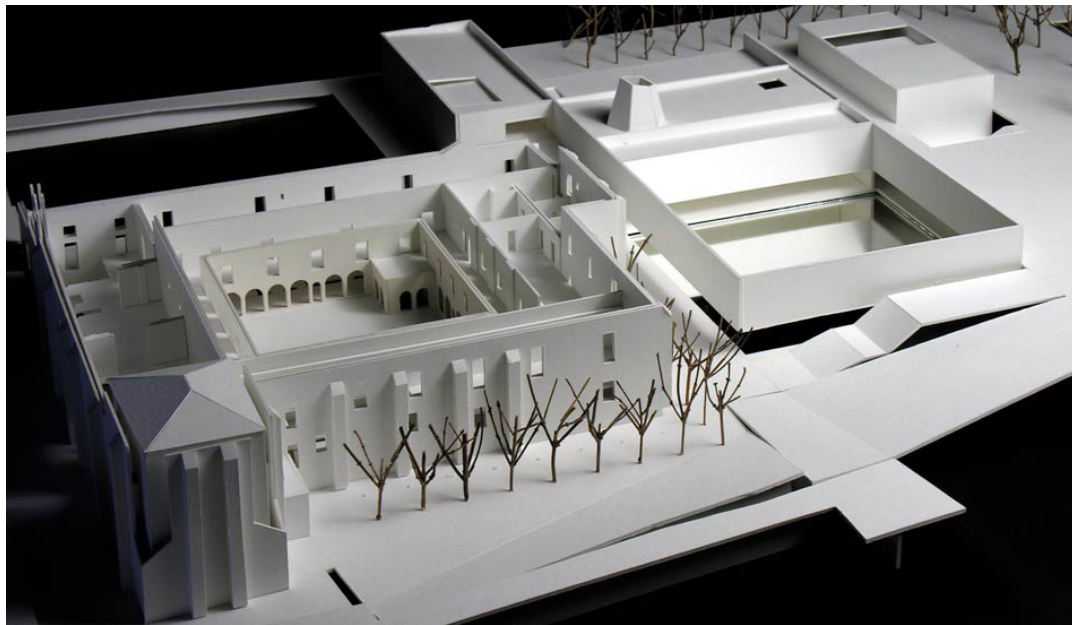
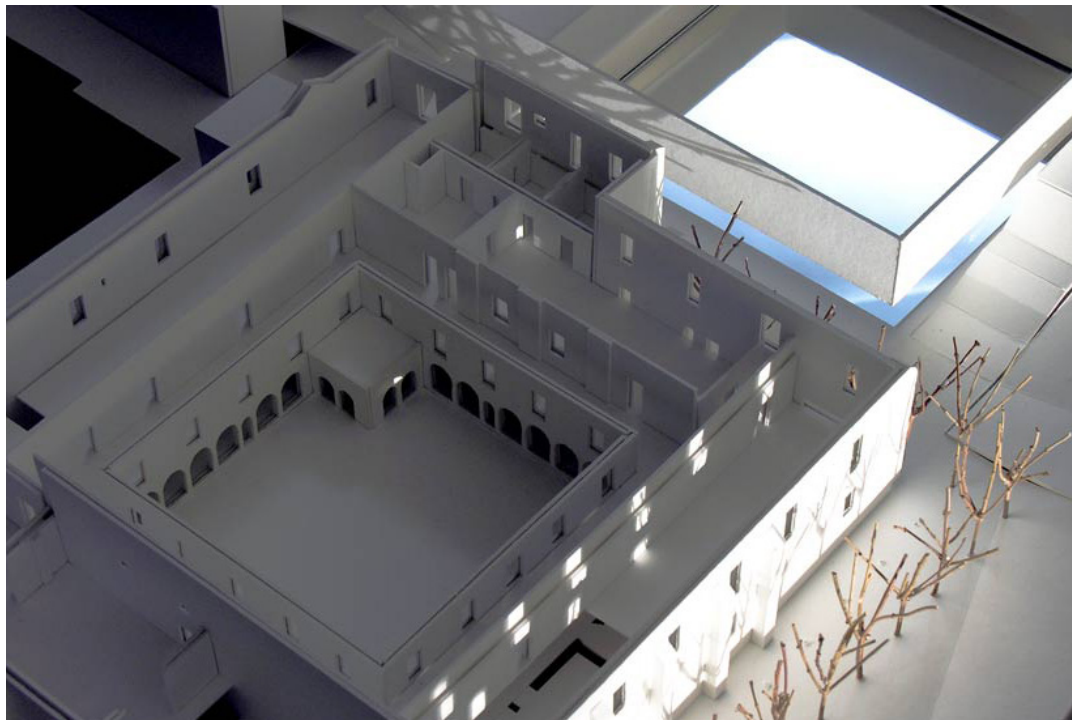
urbano transcende a ideia do edifício isolado. A existência de uma coerência na continuidade do espaço urbano permitirá uma relação benéfica entre os edifícios e a imagem do conjunto, pelo que o tratamento dos espaços vazios seria também ele determinante.

O caso de estudo de Tentúgal revelar-se-ia especialmente estimulante uma vez que constitui uma Vila histórica, com origens anteriores à própria nacionalidade, e que apesar de atravessar um período de decadência e esquecimento apresenta ainda sinais claros de possível desenvolvimento. Ainda que nas últimas décadas a mesma seja diretamente associada apenas à sua doçaria, destacando-se o Pastel de Tentúgal, é manifesto o património construído, entre arquitetura religiosa e arquitetura civil, bem como a riqueza da sua história, cultura e tradições.

A sua vertente rural e a ligação a atividades primárias como a agricultura conferem-lhe ainda novas potencialidades associadas a um novo modelo de turismo. O desenvolvimento rural, a reabilitação e o turismo apresentam-se hoje como um triângulo em que cada um destes conceitos se complementam e que quando corretamente desenvolvidos demonstram a capacidade de beneficiar territórios com as características do caso de estudo.

A reabilitação do Convento do Carmo demonstra-se evidente uma vez que congrega nele estas diferentes vertentes de história e identidade da Vila, a ligação ao património e a sua requalificação e as possibilidades de rentabilização através das novas formas de turismo rural e cultural.

Dentro desta temática torna-se determinante estudar alguns exemplos com características próximas do caso de estudo, destacando-se intervenções arquitetónicas em monumentos que tiveram por objetivo criar processos de autorregeneração e desenvolvimento.



66. Maqueta do Projecto Museu Convento de Jesus
Arq. Carrilho da Graça

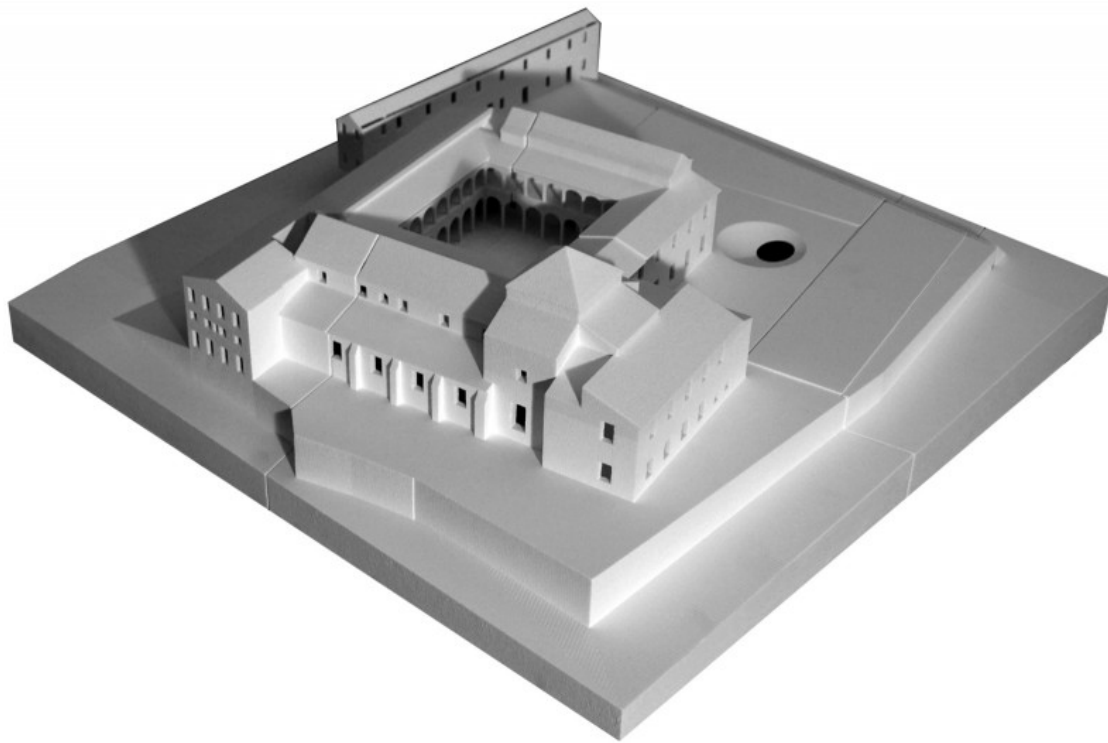
Desta forma, o desejo de reutilização do património enquanto forma de transformação do seu papel no espaço, passando a desempenhar uma posição de destaque, bem como a possibilidade de restituição desses mesmos equipamentos ao serviço da população constituiu o princípio base de todo o processo de procura de referências para o projeto de intervenção no Convento de Tentúgal.

Assim, dentro da tipologia conventual encontramos alguns exemplos de intervenções que tiveram por base estes mesmos objetivos, tornando-se relevante estudar as suas características, os programas adotados e a metodologia utilizada. Levando em consideração as novas potencialidades das vertentes ligadas ao património, reabilitação e turismo, ligados a uma forte componente cultural, aspetos determinantes na seleção destas referências programáticas.

Dos exemplos de reabilitação em programas de carácter museológico encontramos o Convento de Lóios, o Convento de Jesus de Setúbal e o Convento de la Trinidad (Espanha).

O Convento de Lóios, em Santa Maria da Feira, seria transformado em 1992 no Museu Convento de Lóios, constituindo um pólo central dedicado à História do concelho e da região. O objetivo principal foi a conservação, valorização e divulgação da herança histórica e cultural da região, apresentando exposições em áreas como a Arqueologia, História e Etnografia²⁰¹.

O Convento de Jesus em Setúbal, convertido em Museu de Setúbal (projeto do arquiteto Carrilho da Graça), tornar-se-ia num espaço dedicado à exposição e à divulgação do património histórico, artístico e cultural da cidade onde se insere, procurando desenvolver o gosto pela salvaguarda e animação do património através da organização de exposições temáticas, serviços educativos e atendimento científico a estudantes e investigadores²⁰².



67. Maqueta do Projecto Parque de los Cuentos - Arq. Aires Mateus + Estudio Acta
68. Fotografia aérea do Convento de San Payo - Vila Nova da Cerveira

O antigo Convento de la Trinidad dará lugar ao futuro Museu Parque de los Cuentos sob projeto do arquiteto Aires Mateus e o Estudio Acta, em Málaga, Espanha. Este pretende estabelecer-se enquanto uma referência sobre a tradição oral e a literatura infantil, procurando ainda realçar a presença do edifício conventual na cidade. Para além do espaço museológico seria libertada uma grande parte do terreno para converte-lo num grande Parque ao ar livre, criando novos usos e atividades²⁰³.

Existem ainda exemplos tipologicamente semelhantes, mas que possuem uma maior variedade de atividades concentradas no mesmo espaço, explorando várias vertentes e, assim, através da criação de uma forte complementaridade entre elas conseguem construir núcleos programáticos mais flexíveis e dinâmicos. São exemplos o Convento de San Payo, o Convento das Bernardas, o Convento da Orada e o Convento do Santíssimo Sacramento.

O Convento de San Payo em Vila Nova da Cerveira seria transformado em espaço museológico, pelo projeto do arquiteto Vieira de Lima, com o objetivo de preservar e patentear a singularidade da sua arquitetura conventual franciscana observante. Tendo sido habitado pelo notável escultor José Rodrigues tomaria um caráter de museu-atelier, possuindo um variado acervo de peças deste mesmo autor. Desta forma, o Convento de San Payo tornar-se-ia num espaço dedicado a atividades de visita e oficinas ligadas às obras deste escultor, mas comportando ainda uma vertente de sensibilização à Arte e Natureza através dos seus espaços de jardins e mata²⁰⁴.

O Convento das Bernardas, que terá passado por um longo processo de degradação após a extinção das Ordens Religiosas em 1934, seria alvo de obras de recuperação entre 1999 e 2001. No antigo Convento foram criados um conjunto de alojamentos para 34 famílias, um restaurante e o Museu da Marioneta, revelando assim um caráter dinâmico e multifuncional. A



69. Foto Convento das Bernardas - Projeto do arq. Eduardo Souto Moura
70. Esquisso do Convento da Orada - Reguengos de Monsaraz

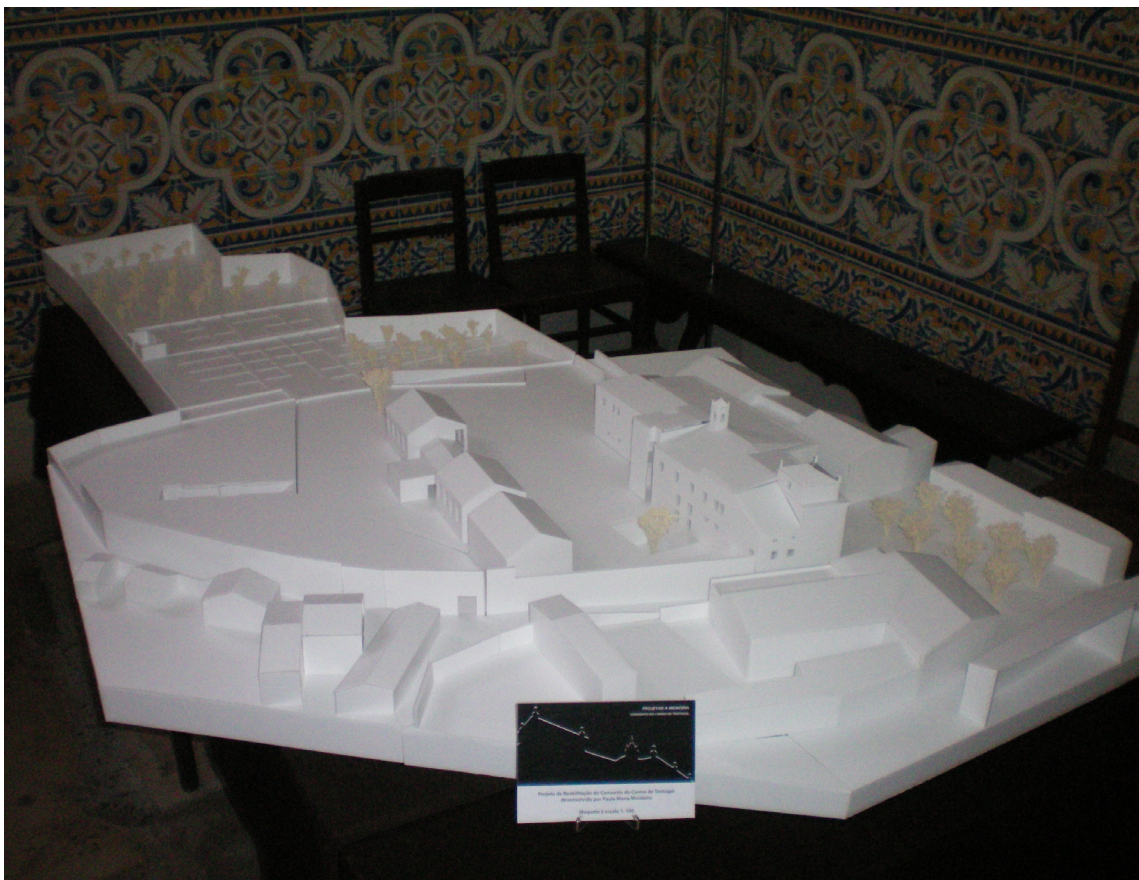
assinatura do arquiteto Eduardo Souto Moura e o recente "Prémio de Reabilitação 2012", segundo o Diretor Geral do Entrepasto Imobiliário, Duarte Guerreiro, constitui a prova de que "Agora que tanto se fala de reabilitação fica demonstrado que com rigor, qualidade, criatividade e paixão se pode transformar uma ruína num produto de excelência"²⁰⁵.

O Convento da Orada em Reguengos de Monsaraz constitui um exemplo de arquitetura conventual que abandonada à ruína, seria alvo de atenção e assim criada a "Fundação Convento da Orada", permitindo a sua reabilitação entre 1988 e 1993. Este processo teria por base a instituição de uma verdadeira escola de recuperação do património, envolvendo centenas de estudantes de Arquitetura. Desta forma, tendo como missão inicial o restauro, conservação e reabilitação do Convento da Orada, este edifício comportaria um núcleo escolar com oficinas de formação de técnicas tradicionais e de espólio Arqueológico, laboratórios de investigação científica e bibliotecas. Seria ainda constituído por um alojamento de 24 quartos, bar, 12 auditórios, galerias de exposição e museu arqueológico²⁰⁶.

A intervenção no antigo Convento do Santíssimo Sacramento em Lisboa permitiu criar um programa variado, albergando um arquivo histórico, biblioteca e Instituto Diplomático. Seriam ainda incluídas salas de leitura, gabinetes de trabalho e espaços dedicados a ações de formação, reunião, conferências e atos solenes²⁰⁷.

Os exemplos analisados comprovam a pertinência da transformação de edifícios de tipologia Conventual em centros de culturais, de preservação e divulgação do património existente, promovendo uma ampla diversidade de programas.

Através da criação de uma vertente essencialmente cultural, mas caracterizada por uma complementaridade de programas pretende-se criar um movimento de preservação e divulgação do património existente,



71. *Exposição da Maquete final da proposta
XI Feira de Doçaria de Tentúgal*

envolvendo a comunidade e levando um maior número de pessoas a conhecer aquele território e os seus valores. É ainda determinante considerar a capacidade dos novos programas adotados fomentarem a relação entre a comunidade e a sua história, e de impulsionarem o desenvolvimento de condições de atratividade com um carácter turístico-económico.

notas

²⁰¹ Cf. <https://www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira/turismo/>, consultado em 09.04.2013

²⁰² Cf. <http://www.mun-setubal.pt/guiaeventos/Espacos/Museus/default.asp>, consultado em 09.04.2013

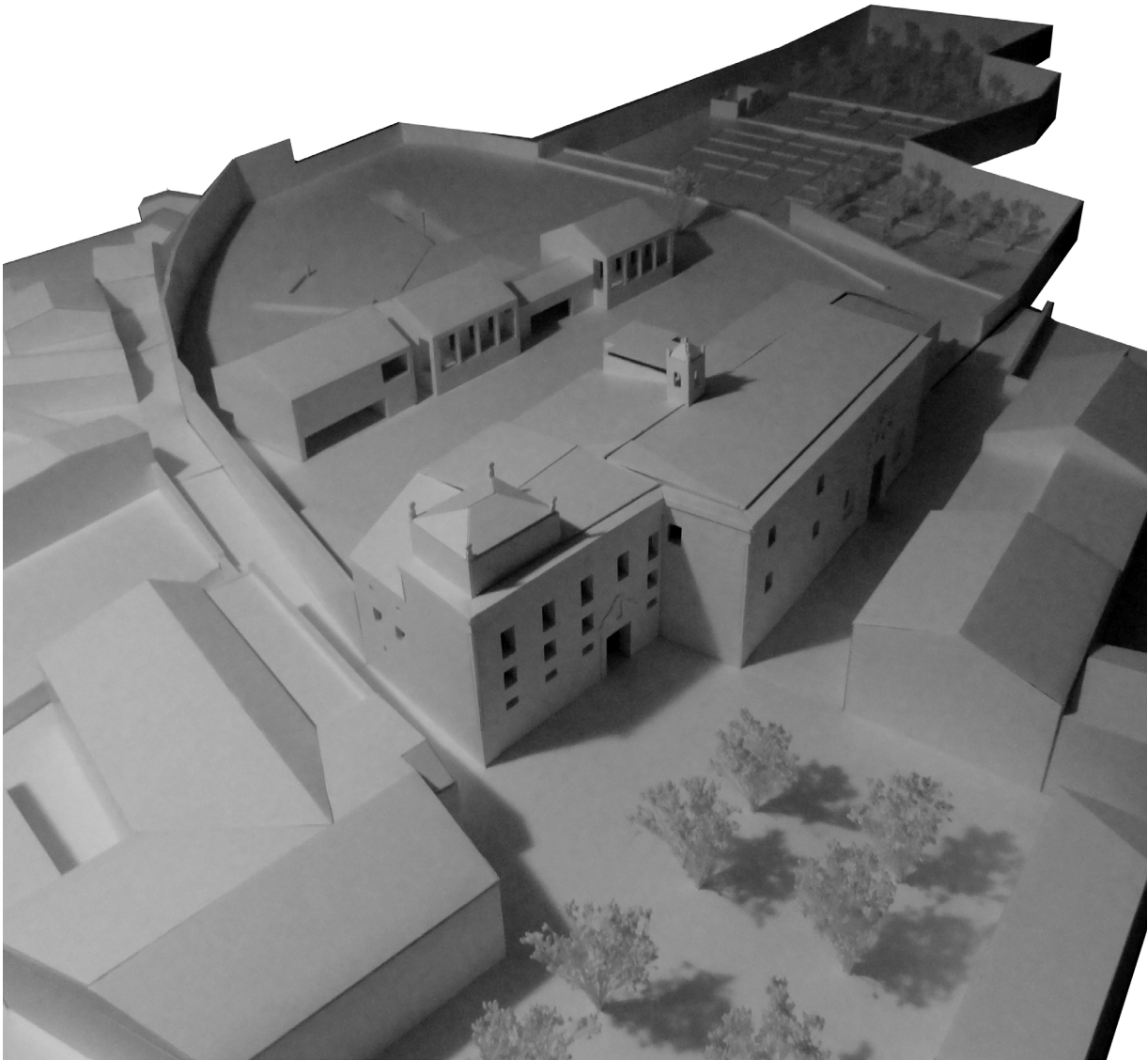
²⁰³ Cf. <http://www.plataformaarquitectura.cl/2013/01/13/museo-parque-de-los-cuentos-en-el-antiguo-convento-de-la-trinidad-aires-mateus-estudio-acta/>, consultado a 11.03.2013

²⁰⁴ Cf. http://www.cm-vncerveira.pt/portal/page/vilanovadecerveira/portal_municipal/Cultura/, consultado em 22.04.2013

²⁰⁵ Cf. http://conventodasbernardas.com/index_destaques.php , consultado em 10.04.2013

²⁰⁶ Cf. http://fundacaoconventodaorada.pt/orgaos_sociais.html, consultado em 29.04.2013

²⁰⁷ Cf. GOMES, João Seabra, Revista Patrimónios Estudos 11, pp. 80-85



*72. Maquete final - vista geral
Convento do Carmo*

Metodologia adotada

A proposta de intervenção no Convento do Carmo de Tentúgal teve início na análise e avaliação das propriedades do edifício, caracterizando-se por uma pesquisa o mais aprofundada possível da documentação escrita e gráfica disponível.

O estudo da origem e fundação do Convento até à sua implantação, bem como as diferentes fases de construção, permitiriam um melhor conhecimento do objeto de intervenção e encontrar o método adequado de consolidação dos seus elementos caracterizadores. Foi ainda importante na estruturação de um conjunto programático capaz de dar resposta às carências e anseios da comunidade local e de criar um movimento dinamizador associando história, património e desenvolvimento.

Ao iniciar este processo foi reconhecida a ausência do livro referente à construção do Convento, e assim, do antigo edifício e da sua arquitetura apenas restam descrições escritas (que se revelam insuficientes para a compreensão clara do espaço) e uma planta produzida aquando a inventariação dos bens do Convento em 1899. Por sua vez esta planta apenas ilustra o piso térreo e uma pequena parte de um piso superior. Uma vez que atualmente existem três pisos e, pelas marcas existentes no interior



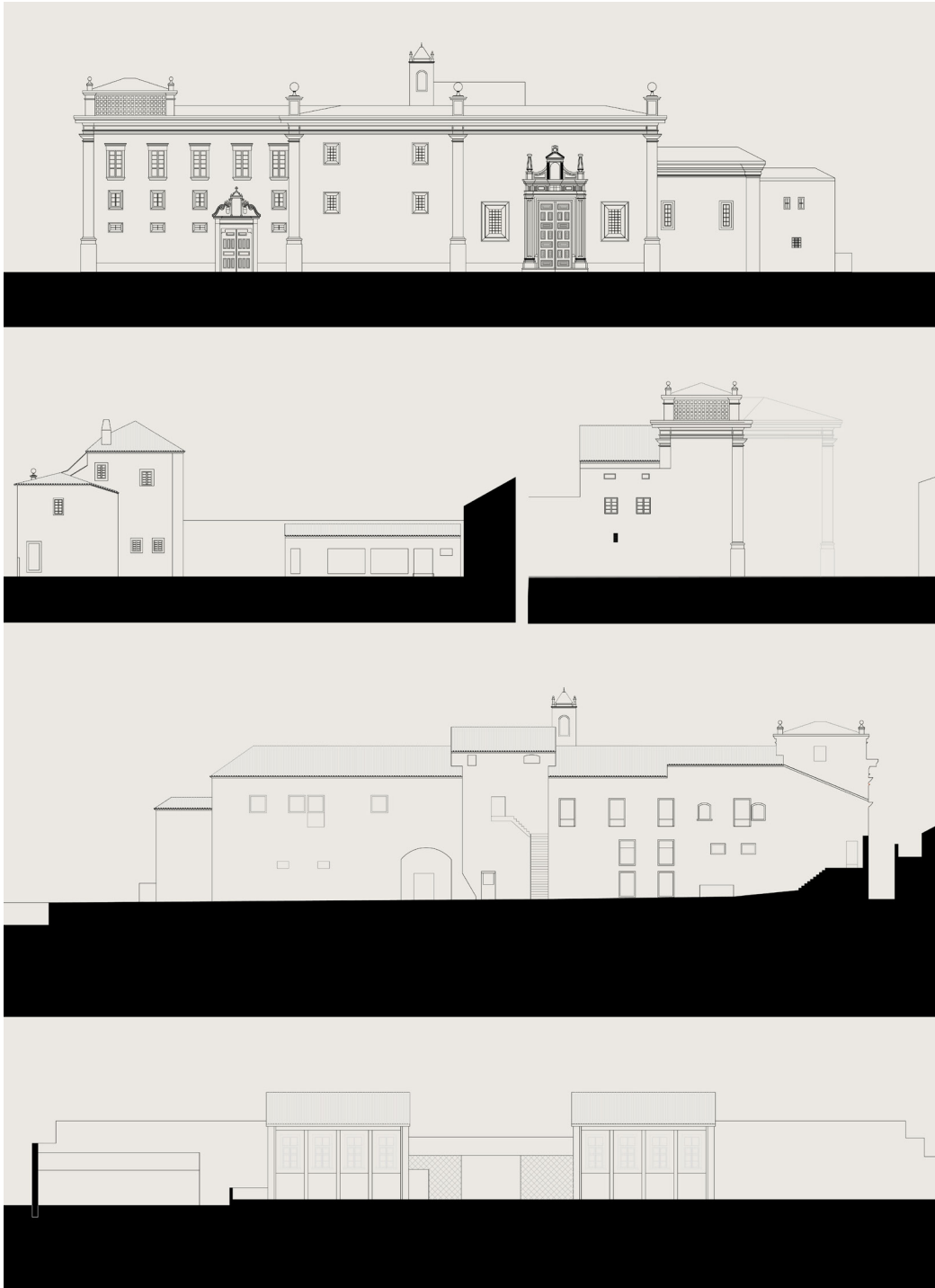
73. Maquete final - vista do Alçado Norte
74. Fachada Norte do Convento do Carmo

se infere a existência de mais um, a planta revela-se então verdadeiramente limitada de informação. No mesmo documento estão ainda desenhados os alçados sul e poente bastante incompletos e duas plantas referentes ao edifício da hospedaria.

Perante esta escassez de informação gráfica dos elementos arquitetónicos que permitissem conhecer o edifício revelou-se essencial proceder ao levantamento do edifício do Convento, procurando por um lado perceber os seus espaços, as suas características e as etapas e métodos construtivos, por outro lado produzir ferramentas fundamentais à posterior criação de uma proposta de intervenção. Neste processo foi tomada em consideração a planta do levantamento de 1899 enquanto base de trabalho, tendo-se inventariado os espaços ainda existentes, registando-se as suas dimensões, alguns detalhes reveladores de características particulares e analisando-se as suas eventuais potencialidades.

Através de fotografias e desenhos, e várias visitas e levantamentos ao edifício, foi possível concluir que o Convento após as demolições terão sido poupados os corpos a sul, mantendo assim a fachada original. Contudo a atual fachada norte resulta num desenho pouco ordenado já que teria vários edifícios adjacentes antes das demolições, sendo um resultado das alterações aleatórias que foram ocorrendo. Para além disso, algumas intervenções entretanto efetuadas poderão, já por si, ter alterado o original, como é exemplo o aterro executado a norte que terá levado ao entaipamento de algumas das aberturas.

O processo de compreensão do existente relevar-se-ia assim determinante não só pela inventariação do material a utilizar na proposta de intervenção, mas também na criação (dentro do possível) de uma imagem do Convento a partir das descrições históricas existentes. Através do cruzamento de informações entre os documentos escritos, a planta de 1899 e os



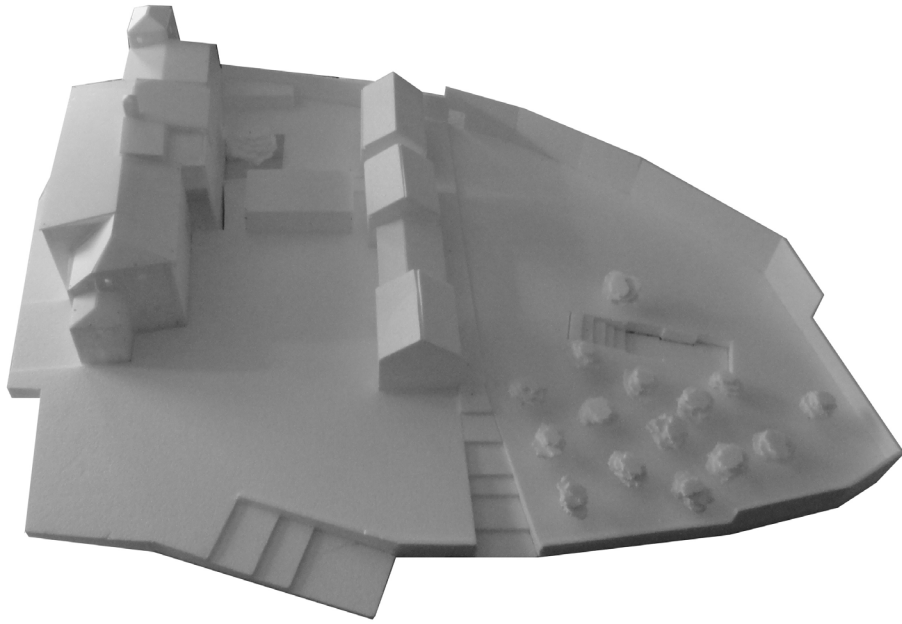
75. *Desenhos dos alçados atuais
Mosteiro do Carmo de Tentúgal*

levantamentos executados seria possível determinar a localização e funções de alguns espaços que anteriormente não se conheciam, as diferentes etapas construtivas e as alterações que foram introduzidas em cada uma delas, bem como a produção dos desenhos necessários ao conhecimento do edifício atual (plantas, cortes e alçados), inexistentes até agora, aspecto verdadeiramente preocupante tendo em consideração o valor material e simbólico do edifício em questão.

Este processo, para além de constituir uma resposta à necessidade de elementos gráficos para a realização de uma proposta de projeto, teria uma pertinência acrescida pela informação gráfica produzida, constituindo documentos inéditos de conhecimento e análise do edifício conventual de Tentúgal.

Após leitura de informação variada sobre intervenção em património e reabilitação, e analisando as características particulares do objeto de estudo optou-se por estabelecer uma estratégia de intervenção que constituísse a base da intervenção. Assim seriam estabelecidas diferentes etapas: a intervenção no edifício do Convento, com a reabilitação dos espaços e a sua adequação aos novos programas atribuídos; a construção de novos volumes dentro do perímetro do núcleo conventual para albergar áreas programáticas que não fosse possível incluir no antigo edifício; e a requalificação dos espaços exteriores envolventes com a demolição de elementos dissonantes, repavimentação e criação de espaços para novas atividades ao ar livre.

As profundas transformações praticadas durante os últimos dois séculos seriam relevantes, tornando este caso de estudo não só um exemplo da tipologia Conventual Carmelita, mas um conjunto edificado complexo que engloba espaços com propriedades diversas, com épocas de construção que comportam um período compreendido entre o século XVI e o século XXI, com todas condicionantes inerentes a essas mesmas características.



76. Maquete de estudo - 14 de Novembro de 2012

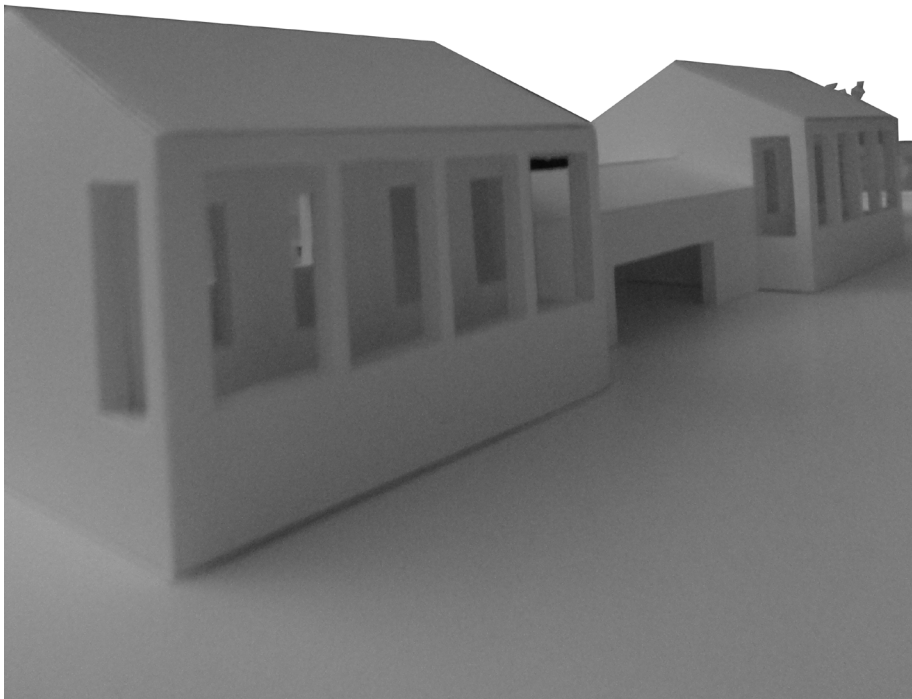
77. Construções dissonantes dentro do perímetro conventual

Considerando o contexto específico do caso de estudo pode-se considerar que a proposta de intervenção apresentada estabelece uma estreita relação com os pressupostos destacados pela Carta de Veneza uma vez que, ainda que o Convento do Carmo de Tentúgal revele atualmente ainda alguma importância enquanto exemplar de arquitetura religiosa a preservar, ele assume hoje uma importância ainda maior pelo significado histórico, cultural e simbólico que lhe é atribuído.

Deste modo é de interesse maior o edifício conventual pelo que se manteria ao máximo as características definidoras daquele espaço. Tomar-se-ia assim enquanto referência o método praticado por Fernando Távora, que conjugando as diferentes teorias de Viollet-le-duc, Ruskin e Boito procura a intervenção no património como forma de requalificação e criação de condições para uma nova vida.

Partindo destes pressupostos seria essencial perceber quais os elementos essenciais à preservação da imagem e características definidoras do edifício, que não poderiam ser adulteradas, e quais os elementos dissonantes ou perturbadores, muitas vezes com origem em intervenções desregradadas e descuidadas, que deveriam ser corrigidas para uma melhor clarificação e valorização do objeto de estudo. Neste processo demonstrar-se-ia importante, por exemplo, desobstruir as aberturas existentes e eliminar alterações recentes que se apresentassem dissonantes na relação com o conjunto, como era o caso de construções sem qualidade arquitetónica e construtiva, ou mesmo desqualificadoras do espaço e edificado envolvente.

Dentro do edifício conventual procurar-se-ia ainda reinventar alguns elementos desaparecidos (como é exemplo o piso intermédio entre os níveis do coro baixo e do coro alto) e procurando conferir-lhe um ambiente consonante com as propriedades singulares do Convento.

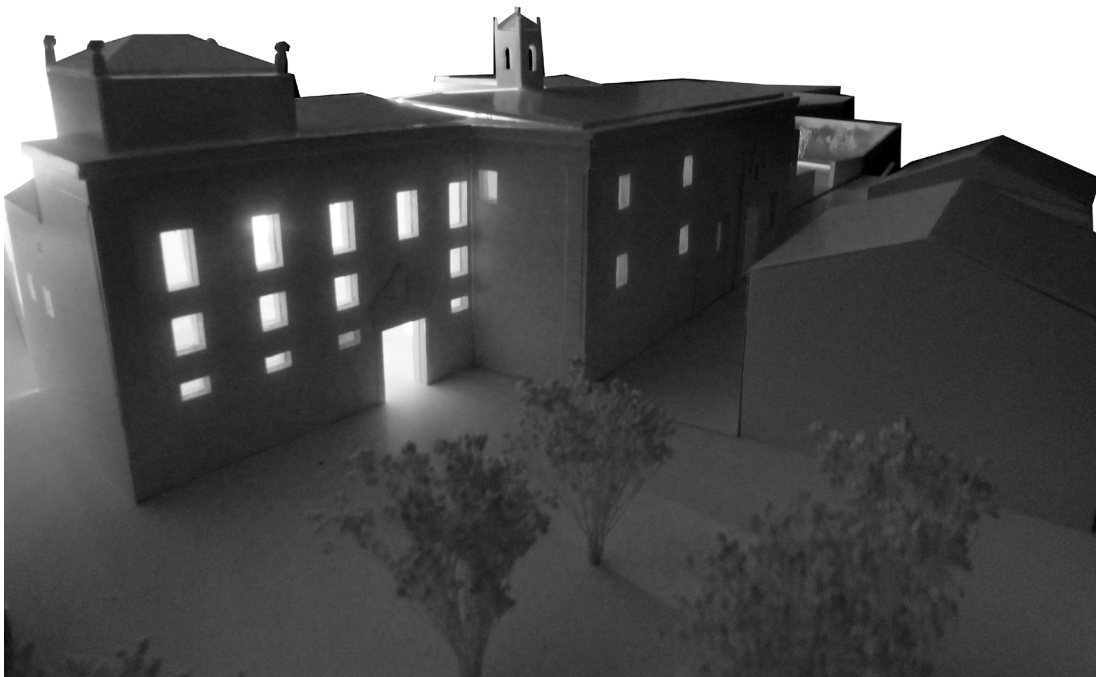


78. Maquete final - vista dos edificios escolares
79. Fotografia das escolas - Alçado Norte

Relativamente às novas construções a desenvolver tomar-se-ia um posição semelhante e, assim, assumir-se-ia uma clara diferenciação entre o antigo e o novo, indo ao encontro dos pressupostos defendidos por Cesari Brandi e adotando o desenvolvimento de uma caracterização de evolução contínua do edifício. Através de um processo de sedimentação seriam consideradas novas camadas de informação, sem que isso significasse a perda das suas características identificadoras.

Os edifícios das escolas, quer pela sua presente funcionalidade, quer pelo interesse das construções, simbólicas de uma época da arquitetura escolar, seriam mantidos. Apenas se recriaria o volume central, de ligação aos dois corpos simétricos, desenvolvendo-se um espaço de recreio coberto e um volume de instalações sanitárias. As restantes construções secundárias de apoio seriam demolidas, como é exemplo o recente edifício de refeitório, que para além de se revelar pouco interessante arquitetonicamente, a sua localização divide o espaço existente entre o edifício do convento e das escolas em dois espaços residuais, sem qualidade.

Por fim, concluiu-se que o planeamento e desenho dos espaços exteriores seria determinante na criação de uma imagem de conjunto coerente e equilibrada, estabelecendo-se enquanto área de intervenção todo o antigo espaço conventual, com edifício, cerca e cerquinha, e ainda o Largo do Rossio e a rua em frente à Igreja do Convento. Os espaços da Cerca e Cerquinha teriam ainda um potencial acrescido pelas possibilidades de criação de programas adicionais associados a novas experiências de atividades ao ar livre, de ligação à natureza e à vertente rural daquele território.



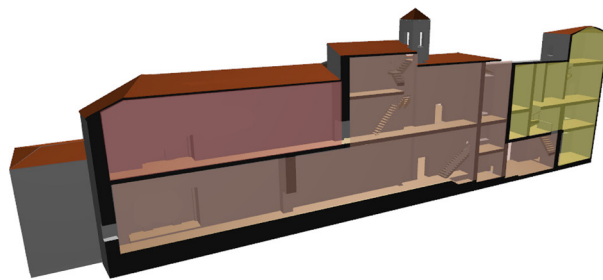
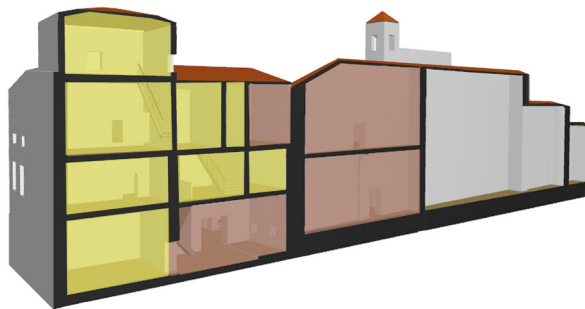
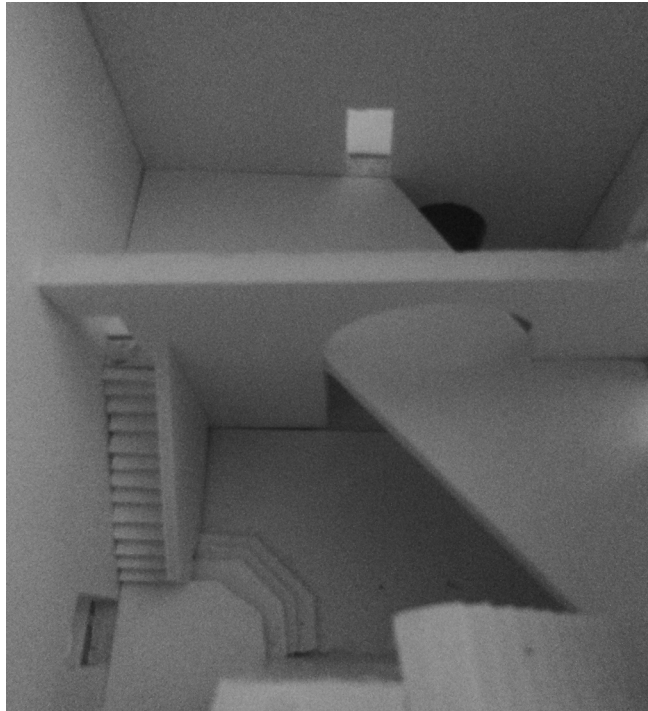
80. Maquete final - vista do Rossio

81. Presépio de Machado de Castro - Espólio do Mosteiro do Carmo - Tentúgal

O Projeto e os Novos Programas

Atendendo às necessidades reveladas e a potenciais valores que o edifício do Convento poderia vir a beneficiar, considerando as referências selecionadas, foram estabelecidos os seguintes programas base: museu, auditório, alojamento, cafetaria e espaços exteriores.

A vertente museológica permitiria dotar o edifício de condições adequadas à preservação dos vários objetos de relevante valor histórico e cultural existentes no Convento, o que poderia facilitar o seu estudo e recuperação, mas ainda potenciar a divulgação da história e cultura do próprio Convento, da Vila e do território circundante. Apesar de não ser possível ter acesso ao inventário detalhado, uma vez que se encontra em posse da diocese de Coimbra, detentora do Convento do Carmo, através de visita ao local foi possível determinar que o espólio remanescente baseia-se essencialmente em objetos de carácter religioso, ainda que caracterizados por uma grande diversidade. Assim, podemos encontrar desde mobiliário religioso, como são exemplo diversos altares, oratórios, sacrários, nichos e tronos, até objetos como castiçais, muitos deles peças singulares na caracterização da História e cultura locais. São ainda relevantes os exemplares de porções de retábulos e esculturas, destacando-se um presépio com autoria de Machado de Castro. É possível encontrar vários quadros em tela, madeira, entre outros suportes.



82. Maquete final - vista do interior: piso intermédio
83. Esquemas da estratégia de intervenção

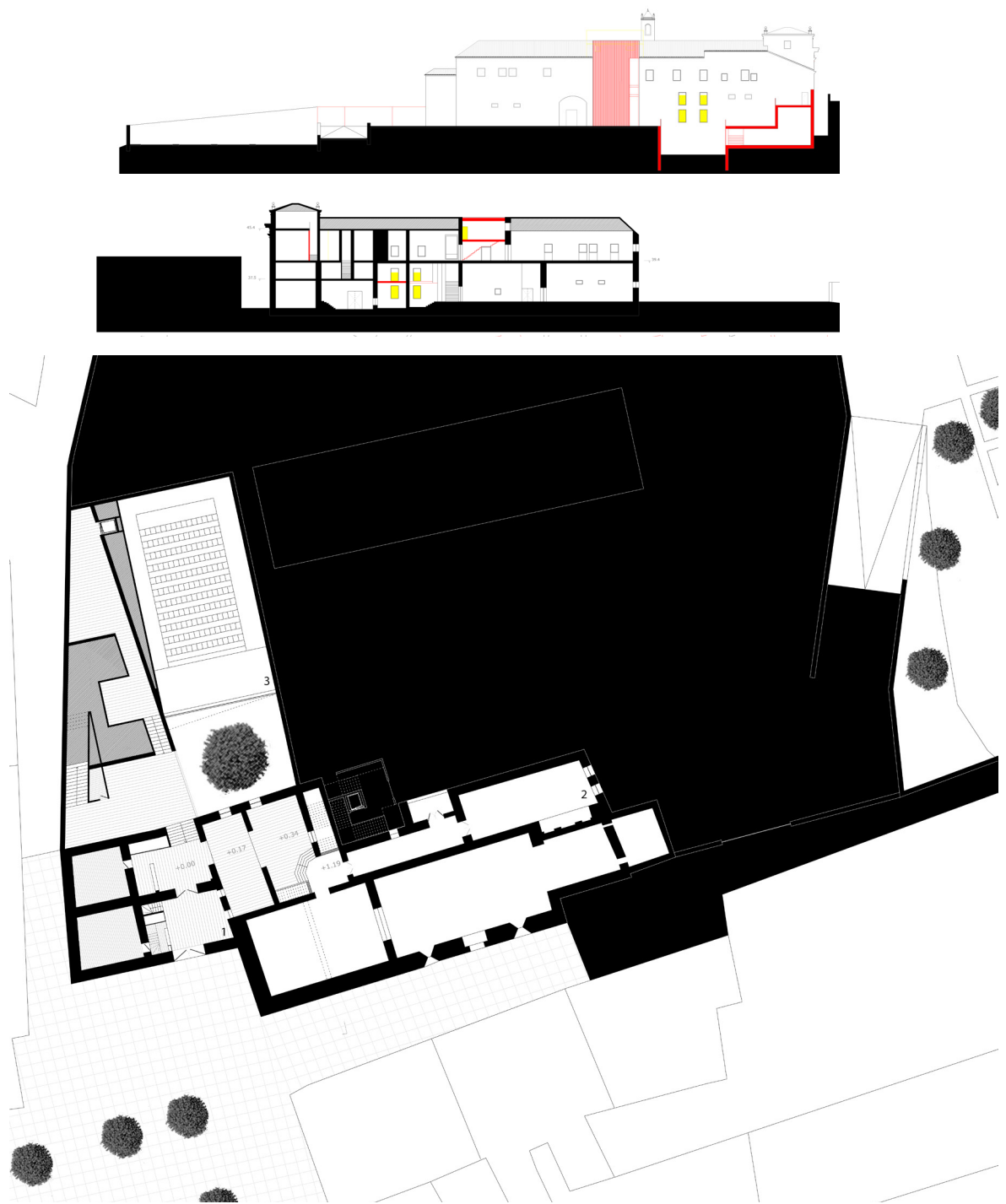
Por fim, a diversidade e riqueza de vestes e paramentos constituem a categoria principal e, em grande parte, caracterizadora da singularidade do espólio pela raridade das peças ali existentes.

O espaço museológico ocuparia privilegiadamente as áreas menos intervencionadas do edifício conventual, tornando possível um enquadramento o mais próximo possível entre o espaço e os artigos expostos que, colocados no ambiente original, ajudariam na criação de um contexto mais sólido e valioso²⁰⁸.

A área utilizada seria todo o núcleo a norte da Igreja, não se incluindo a mesma na proposta de intervenção uma vez que mantém ainda nos dias de hoje funções religiosas, não se mostrando relevante a alteração das suas funções. Os espaços que ocupariam esta função seriam os descritos no inventário como: o coro-alto, o coro-baixo, a loja térrea, a casa da roda e o parlatório.

Seria ainda utilizado o espaço até aqui pertencente à parte da antiga residência paroquial, localizada na zona poente do Convento, que mantém as grades de comunicação e assim poderia constituir uma mais-valia para o núcleo museológico, enquanto benefício pelo ganho espacial mas principalmente em relação à sua contextualização histórica.

A perceção da anterior existência de um piso intermédio entre o nível do coro-baixo e do coro-alto, concluída através do nível das aberturas ainda visíveis, traduzir-se-ia na decisão de recriar esse piso, permitindo a ligação ao antigo espaço do parlatório e possibilitando a criação de um espaço mais acolhedor e dinâmico pelos diferentes níveis de perspetiva e utilização do espaço. Por outro lado a inclusão deste piso permitiria recriar o ambiente fechado, com espaços de pé-direito baixo, caracterizadores do carácter de recolhimento deste tipo de edifícios.



84. Cortes com as alterações propostas - vermelhos/amarelos
85. Planta piso térreo do museu e auditório - Proposta

Nos restantes espaços destinados ao museu procurar-se-ia manter as suas características intrínsecas, apenas se introduzindo pequenas alterações para adequação dos espaços à utilização museológica e pela criação de maiores condições de conforto. Desta forma seriam reparados ou, em caso de impossibilidade de o fazer, substituídos elementos degradados e retirados todos os elementos descaracterizadores dos espaços, como por exemplo paredes divisórias, entre outros elementos não originais. Nas maiores intervenções de reparação ou substituição destaca-se trabalhos nos pavimentos, tetos falsos, caixilharias e revestimentos das paredes.

Seriam criados espaços de chegada e receção do museu na zona de entrada do convento e a grande sala contígua à igreja no piso do coro-alto seria adaptada (numa primeira fase) a um espaço polivalente, com a possibilidade de utilização enquanto sala de conferências ou de espaço de exposições temporárias. Após a construção do auditório (numa segunda fase) esta sala polivalente poderia simplesmente constituir um espaço museológico privilegiado.

A introdução deste programa complementar ao museológico - auditório - neste espaço inserido no antigo edifício do Convento torna-se pertinente pela possibilidade de acesso direto pelo exterior proporcionado pela entrada a norte, tornando-se relevante a intervenção na mesma. Assim seria criado um novo volume de ligações verticais (escadas e elevador) que permitiria substituir as escadas existentes, desadequadas em termos de autenticidade, estéticos e de segurança. Este volume incluiria ainda o espaço de acesso à torre dos sinos, localizado no nível acima da sala polivalente, sendo o mesmo ampliado, de forma a albergar um espaço administrativo a um nível distinto.

O complexo a poente, utilizado no último século enquanto residência paroquial, seria adaptado a um programa de pequeno alojamento. Este tipo de programa, pensado enquanto modelo de pequena escala, pretenderia



86. Quarto do núcleo de alojamento - Proposta

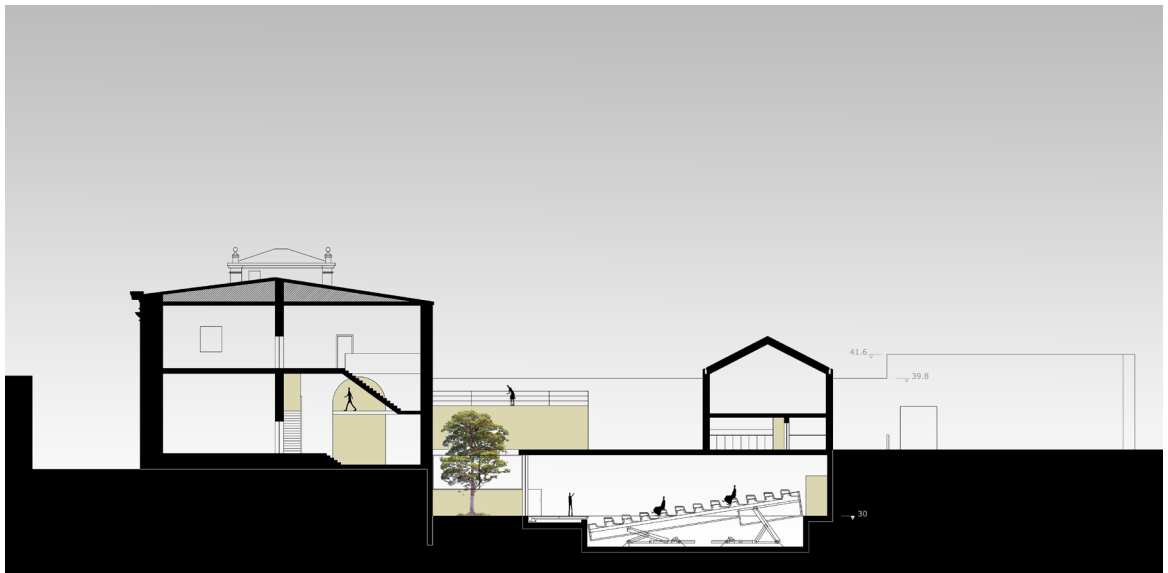
87. Torre de leitura do núcleo de alojamento- Proposta

para além de dotar a Vila de condições para a receção de visitantes por períodos mais longos permitiria criar uma maior aproximação dos visitantes com o património cultural e histórico deste território, e em especial com o Convento do Carmo²⁰⁹.

Este tipo de intervenção neste setor do Convento surgiria pela verificação de uma já profunda alteração dos espaços e pela impossibilidade de conhecimento das características originais daquela parte do edifício devido à inexistência de informação documentada. Seriam considerados os espaços existentes como cozinha, sala de estar e instalações sanitárias enquanto espaços a recuperar e, no piso superior a estes, a adaptação dos quartos a um modelo de alojamento de carácter informal, com o aumento do número dos mesmos. A ligação à torre mirante seria remodelada de forma a permitir criar nesse espaço privilegiado uma pequena área de leitura, tornando-se usufruível pelos utilizadores do alojamento.

Assim, a intervenção no edifício conventual procuraria criar novas condições para refuncionalização do espaço, permitindo a sua renovação, mas tendendo sempre à preservação e valorização das suas características originais, enquanto memória da própria identidade daquele património e procura de uma linha evolutiva de continuidade da imagem do edifício ao longo do tempo²¹⁰.

A necessidade de um espaço de auditório para concertos, palestras, entre outros eventos organizados pela Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal revelar-se-ia num programa a incluir nesta intervenção no Convento. Porém, a escala deste tipo de espaço cedo se revelou demasiado grande para ser inserido nos pequenos espaços do Convento. Optou-se assim por desenvolver este novo programa no espaço vazio resultante das demolições do lado norte do edifício conventual. Seria então seleccionada uma área destinada às novas construções que assumia o alinhamento dos



88. Maquete final - vista do auditório

89. Corte pelo museu e auditório - Proposta

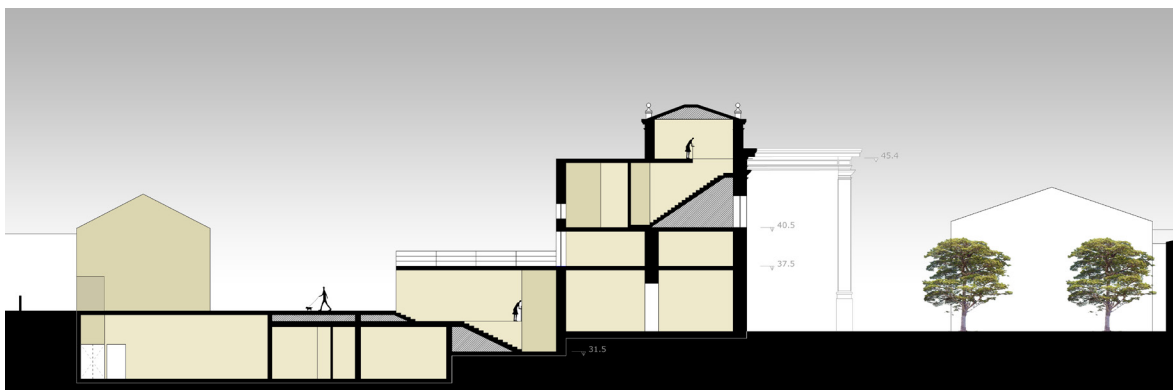
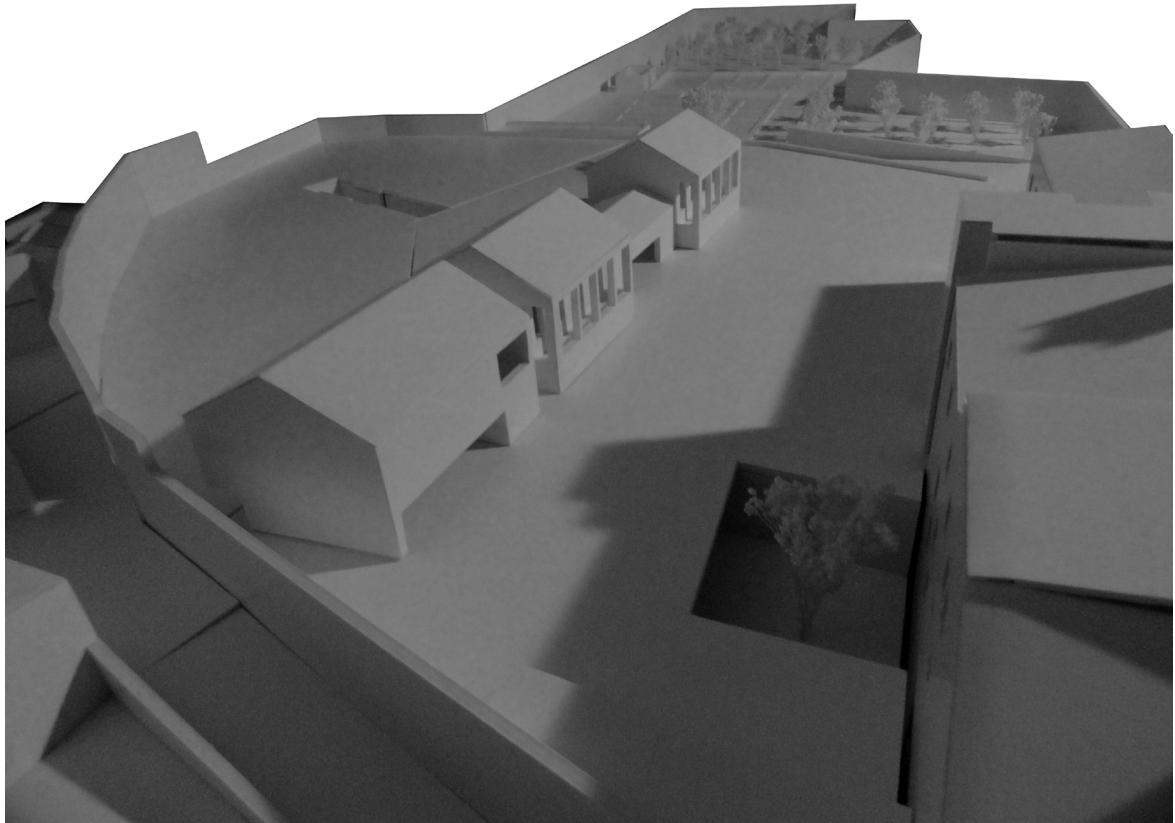
atuais edifícios escolares que se encontram no limite das antigas construções.

Porém, tornava-se determinante nesta fase avaliar qual seria a melhor forma de incluir um programa desta escala naquele espaço, qual o possível impacto que poderia criar com o existente e a imagem final daí resultante. Para além do corpo do Convento seria ainda importante considerar os volumes da Escola construída nessa zona.

Através da percepção de que o Convento está nos dias de hoje semienterrado do lado norte, apresentando alguns dos vãos bloqueados, uma vez que a cota dos terrenos se encontra acima da cota dos mesmos, decidiu-se incluir o auditório num piso subterrâneo, de forma a retirar o terreno excedente. Assim, o auditório seria invisível a partir do exterior, mantendo-se a singularidade do edifício Conventual, e por outro lado permitindo ao edifício antigo readquirir parte da sua imagem enterrada, com os consequentes benefícios de maior luminosidade e ventilação dos seus espaços.

Estas alterações seriam possíveis através da criação do acesso ao corpo do auditório através do portal virado a norte, localizado na zona da portaria e da abertura de um pequeno pátio, na zona dos vãos do Convento anteriormente bloqueados. Este pátio constituiria o pano de fundo do palco do auditório, permitindo uma ligação visual direta entre este espaço e o Convento. Assim, ainda que constituindo um espaço novo e exterior manter-se-á na memória dos seus utilizadores o contexto onde o mesmo se insere.

Seria de todo relevante criar uma ligação direta ao exterior, criando-se um acesso vertical junto ao muro poente da cerca, o que possibilita criar na cobertura das escadas um patamar ao nível do primeiro piso do alojamento, e que constitui um espaço de prolongamento para o exterior.



90. Maquete final - vista da cafeteria, escola, cerca e cerquinha

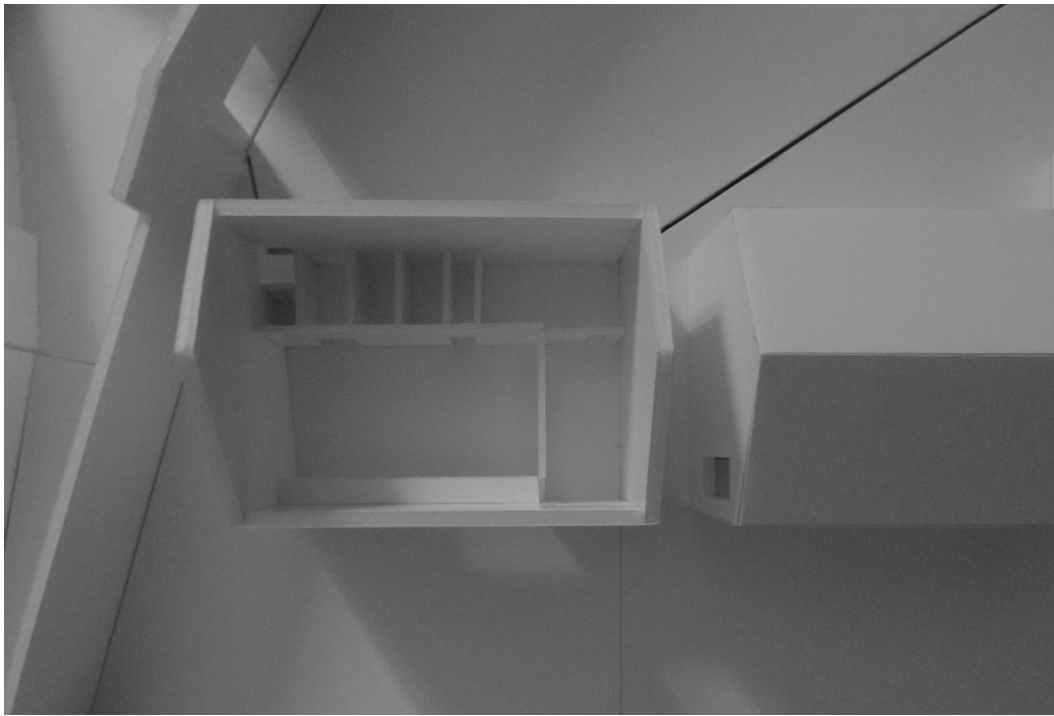
91. Corte pelo núcleo de alojamento e entrada do auditório - Proposta

O interior do auditório seguiria o alinhamento da parede poente dos coros alto e baixo, parede essa que constitui uma das paredes mestras do edifício do Convento. Esse mesmo alinhamento seria ainda evidente na forma adotada pelo pátio criado junto ao auditório e na fachada poente da cafeteria (mencionada mais à frente). O auditório teria capacidade de 180 lugares, porém, atendendo ao contexto de pequena escala que caracteriza este território seria adotado um sistema utilizado no projeto *Maison de la Architecture*²¹¹, em França, dos arquitetos Chartier – Corbasson . Este caracteriza-se por uma plataforma móvel que permite dotar o espaço de várias formas de utilização. Deste modo seria possível tirar partido de uma plateia inclinada, uma plataforma elevada ou simplesmente fechar o sistema, obtendo-se uma sala nivelada contínua²¹².

Por outro lado faltava ainda um outro tipo de programa: uma cafeteria ou sala de chá, associado em muitos casos às tipologias propostas anteriormente e também pertinente tendo em conta a riqueza da doçaria da Vila. Tendo ainda em consideração a demolição do edifício de refeitório da escola, este novo volume assumiria a função complementar ao edifício escolar adjacente enquanto espaço de refeições.

Demonstrar-se-ia então interessante explorar um volume que estabelecesse uma relação de concordância com os volumes da escola existente através da utilização do mesmo alinhamento e da cobertura de duas águas com a mesma cêrcea.

A cafeteria apresenta-se como um volume de carácter telúrico, em betão, e aberturas que são entendidas enquanto subtrações de um bloco maciço. A sua criação teria como referência as volumetrias de projetos do arquiteto Luigi Snozzi²¹³, como por exemplo a Casa Gobbi em Tegna, a Casa Bernasconi em Lugano ou a Casa Kalman em Brione. A obra escultórica de Eduardo Chillida²¹⁴ seria também considerada enquanto modelo pela



92. Maquete final - vista do interior da cafeteria
93. Espaço interior da cafeteria- Proposta

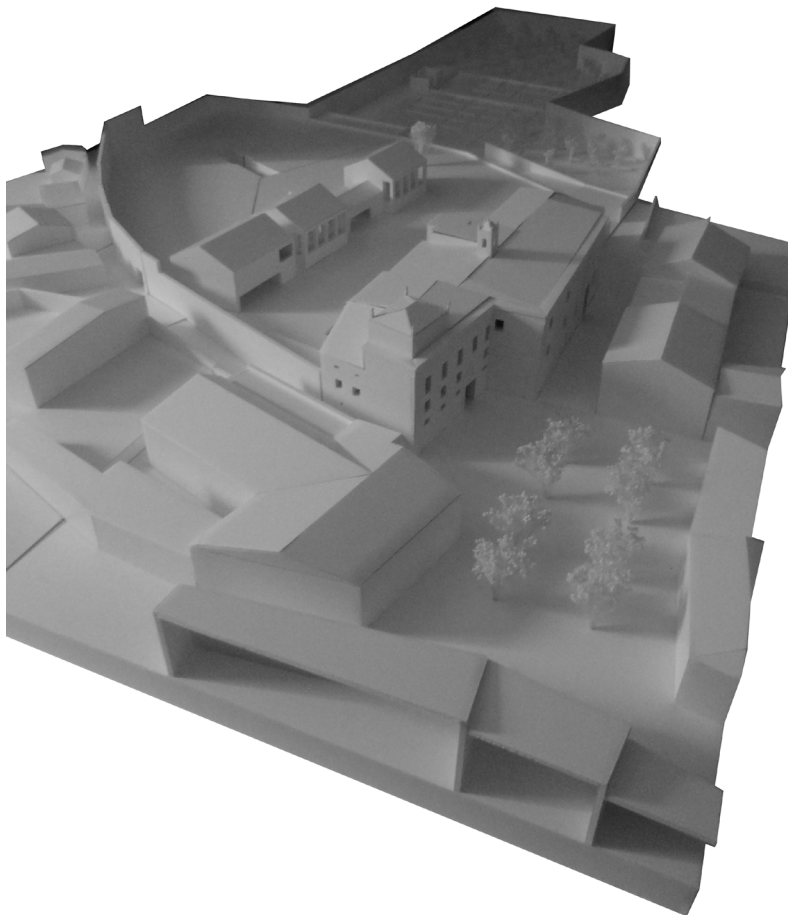
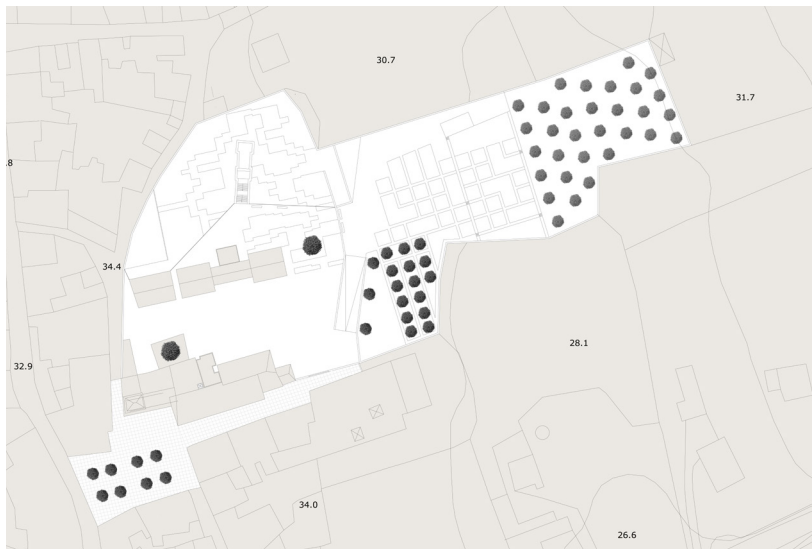
capacidade de transmitir harmonia e simplicidade poética através de volumetrias pesadas e rígidas. Relativamente ao processo construtivo, para a criação da imagem dura de betão seriam considerado o projeto do Centro de Arte Contemporânea dos Açores²¹⁵ do arquiteto João Mendes Ribeiro.

O seu interior apresenta um espaço minimalista de dois pisos, comportando ainda no seu volume um acesso vertical (elevador) ao piso do auditório. O piso térreo contém os espaços de serviço da cafetaria e uma área de mesas extensível para o espaço exterior através da abertura dos envidraçados, projetados de forma a poderem ser deslocados e permitindo a abertura de todo o vão.

O piso superior, ligado ao anterior pela existência de um espaço de pé direito duplo caracterizar-se-ia por um espaço de carácter mais intimista, com uma imagem quase de sótão para a qual é tirado partido do teto de duas águas e o desenho de um mobiliário de carácter simples, quase constituindo um prolongamento do revestimento de madeira utilizado no seu interior.

É ainda estabelecida uma franca relação entre a mesma e o edifício do Convento, uma vez que esta desenvolve as suas aberturas voltadas para este (Sul), representando assim o Convento uma tela de fundo, tal como acontece no auditório²¹⁶.

Ainda que se procure dotar esta nova construção de referências às construções existentes como forma de concordância entre elas e inter-relação entre as mesmas, a cafetaria assume-se enquanto objeto novo, distinto das pré-existências e afastando-se do processo de ocultação visível por exemplo no projeto de Santa Maria do Bouro de Souto Moura²¹⁷. Os métodos de construção seriam claramente contemporâneos e a imagem final seria a de um novo objeto inserido num contexto histórico, pretendendo-se criar um tipo de arquitetura em harmonia com o tempo no qual é construída. Considera-se ainda estimulante a introdução de novos períodos construtivos



94. Planta geral com espaços exteriores -Proposta

95. Maquete final - vista geral

ao conjunto edificado uma vez que lhe confere um maior grau de verdade e de complexidade que evidencia o valor histórico, patrimonial e artístico deste tipo de construções.

No entanto já desde o processo de análise se havia concluído de que a proposta de intervenção no Convento do Carmo de Tentúgal não se poderia limitar ao edificado, uma vez que a sua implantação era indissociável dos espaços da Cerca e Cerquinha que em tempos haviam proporcionado os únicos espaços ao ar livre usufruíveis da vida conventual. Deste modo seria necessária uma visão global de toda a área exterior intramuros, enquanto forma de criar uma proposta que se revelasse integrante do valor rememorativo deste equipamento e das suas potencialidades futuras.

Assim, estes espaços, ainda totalmente delimitados pelos antigos muros adquirem uma importância enquanto áreas destinadas a atividades complementares dos programas propostos. Por outro lado, a possibilidade de promover a atração de pessoas através de novas formas de turismo ligadas ao património e natureza seria ainda uma forte motivação ao desenvolvimento daqueles espaços. A criação de um programa rico em novas experiências, a autenticidade do contexto histórico e cultural e a criação de uma estratégia de turismo individualizado e único poderia então tirar partido de todos os recursos disponíveis e dar resposta ao novo modelo de turismo contemporâneo²¹⁸. A associação do património edificado aos espaços exteriores, poderia constituir uma união rememorativa destes dois temas primordiais na história do Convento (edifício conventual e cerca), mas também da própria Vila, com o património edificado e a sua vertente rural.

Na intervenção nos espaços exteriores seria adotada uma metodologia marcada pela simplicidade e minimalismo formal e material. Considerando que o espaço e o lugar é sentido de forma diferente por cada pessoa optou-se por criar um sistema invisível de limitação do espaço de forma a transmitir



*96. Cisterna - Antigo Largo do Faria
Mosteiro do Carmo - Tentúgal*

uma sensação de libertação ainda que mantendo um certo controlo na definição e utilização espacial. Seria ainda uma forma de transformar o ambiente envolvente do Convento sem lhe retirar notoriedade, mas pelo contrário, constituindo um plano de fundo do objeto principal, o edifício conventual, e permitindo a interpretação singular do espaço por cada utilizador.

Este processo seria concretizado com recurso à criação de diferentes texturas, através de um processo de alternância dos materiais utilizados nos pavimentos, e pelo desenho de plataformas a cotas diferenciadas que permitiriam criar diferentes zonas num espaço livre e unitário.

Neste contexto, no antigo espaço denominado Largo do Faria, a norte dos edifícios escolares, torna-se importante destacar a existência da antiga cisterna, composta por um arco de pedra e cujo acesso se faz através de uma escadaria, onde se fazia o abastecimento de água. Assim, tornar-se-ia relevante recuperar esta estrutura, a qual constituiria o elemento primordial daquela área, uma vez que ocupando uma posição central, seria valorizada pela memória da sua antiga função mas ainda pela sua qualidade enquanto objeto escultórico.

O espaço onde a Cisterna se insere constitui um prolongamento da praça desenvolvida entre o Convento e os volumes da escola - cafetaria, utilizando o mesmo tipo de pavimento e desenvolvendo uma malha que se cruza com espaços relevados, formando uma composição entre a textura do espaço verde e a formalidade do pavimento, criando-se alguns espaços de repouso e usufruto daquele espaço. Seria ainda preservada a árvore de grande porte (tília) no lado nascente do volume das escolas, pela sua importância na caracterização daquele espaço.

O desenho de um conjunto de percursos em redor da Cisterna permitem criar um sentimento de maior relevância daquele elemento central ao mesmo



97. Eberswalde Park - Topotek 1

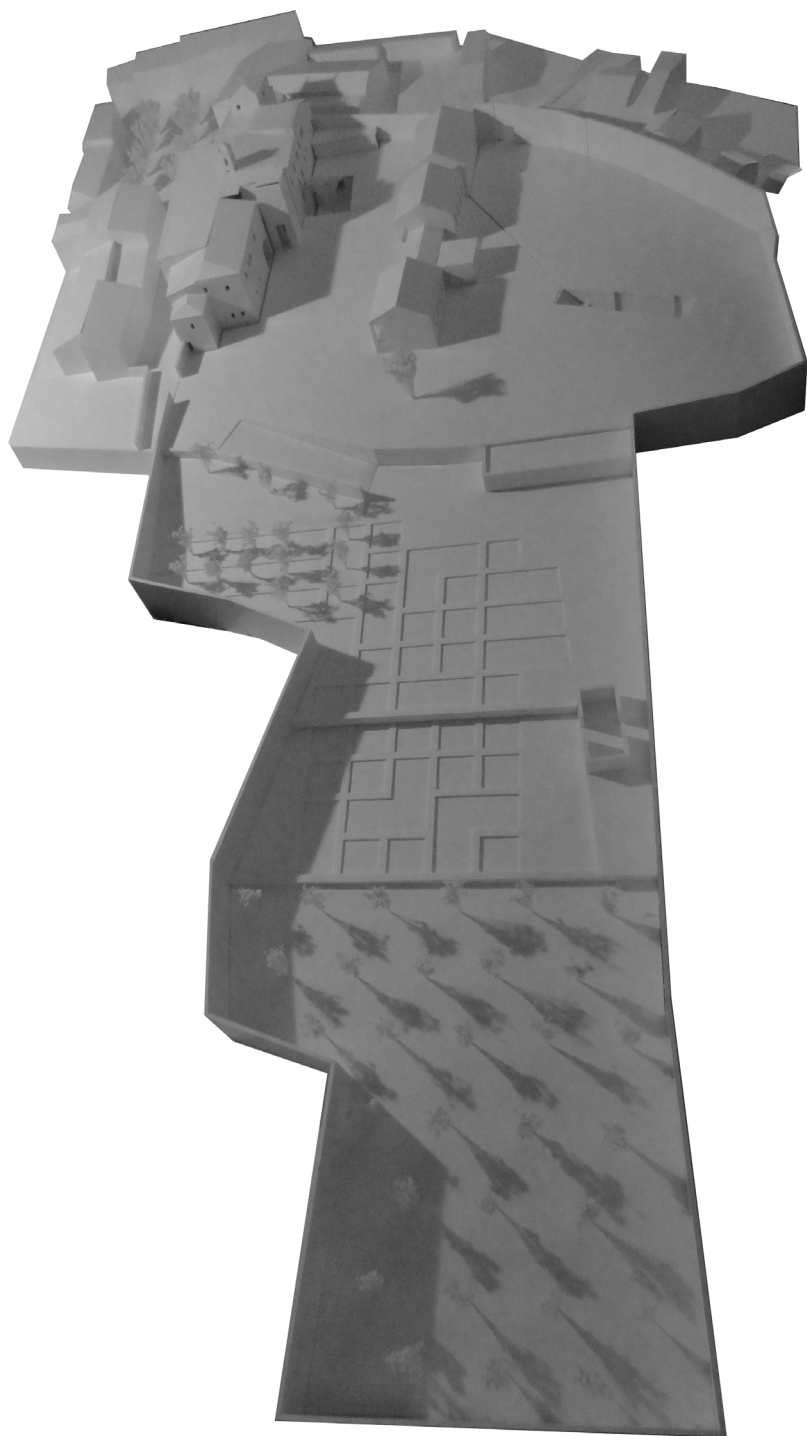
98. Deichmann Square Park - Chyutin Architects

tempo que o movimento deambulatório contribui para o estímulo e reconhecimento do lugar. Da mesma forma, tornar-se-ia interessante desenvolver este percurso enquanto círculo fechado, onde o início e o fim se cruzam, e se ao iniciarmos o circuito o elemento primordial é a Cisterna, na segunda metade o percurso volta-se e o elemento mais relevante torna-se o Convento.

A referência a projetos como o Ortus Artis Padula²¹⁹ e o Eberswalde postindustrial park²²⁰ ambos projetos do atelier Topotek 1, na Alemanha e o Post Industrial Meditation Park²²¹ do atelier Rintala Eggertsson Architects, seriam exemplos marcantes no desenvolvimento do desenho e exploração de temáticas ligadas à ideia de "promenade" e emoção. As alternância de texturas seria ainda explorada em projetos com o Deichmann Square Park²²², em Israel, do atelier Chyutin Architects.

Se a área envolvente da Cisterna teria um carácter mais urbano, na área da Cerca e Cerquinha seria atribuído um carácter mais "rural" ou "natural". A criação de programas ligados à natureza seria uma forma de ligação à atividade agrícola deste território, mas também uma forma de contextualização das memórias daquele espaço. Tomando em consideração projetos com tipologias semelhantes verificamos a adoção de programas deste género, como são exemplo o Convento de Santa Clara a Velha²²³, projeto do Atelier 15 ou o Mosteiro de Santa Maria do Bouro²²⁴, projeto de Eduardo Souto Moura.

Uma vez que há referência de que existiriam na área da antiga cerquinha "... um pequeno quintal e cazas, o qual tem quinze oliveiras..."²²⁵ quando o inventário de 1899, decidiu-se reconstruir esta imagem, considerando-se interessante recriar este conjunto de árvores, constituindo uma forma de requalificar aquele espaço e estabelecer uma ligação ao seu passado.



*99. Maquete final - vista geral
Mosteiro do Carmo - Tentúgal*

Por outro lado, na cerca encontra-se o que resta de uma antiga estrutura com poço e engenho metálico para retirar água, tendo-se partido para o desenvolvimento de uma proposta de requalificação.

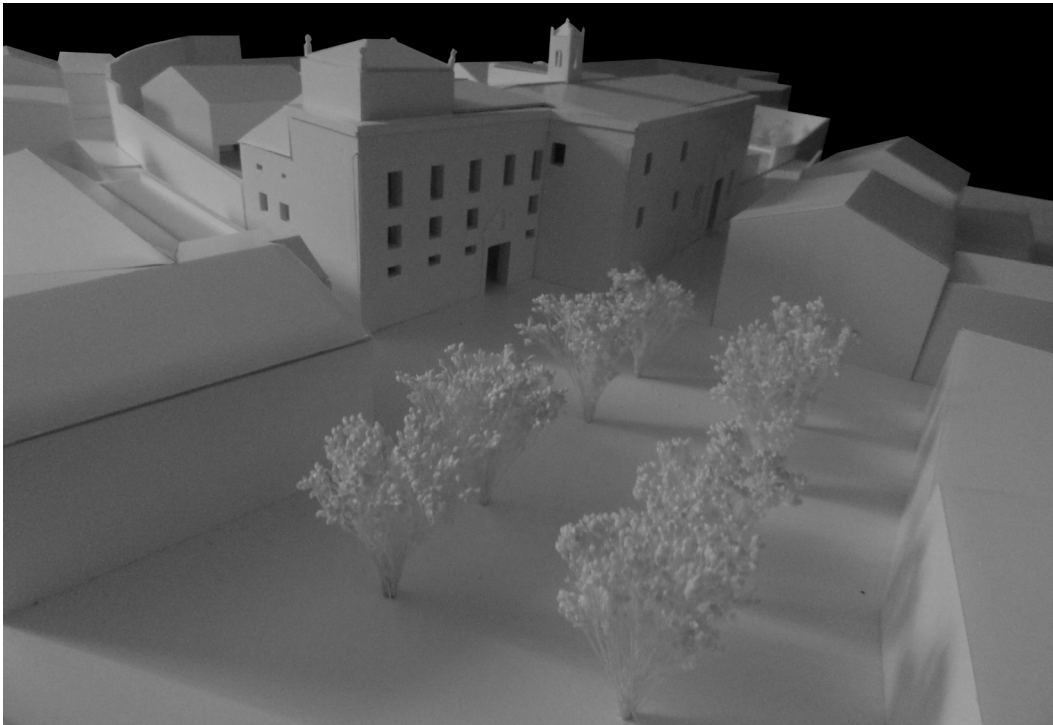
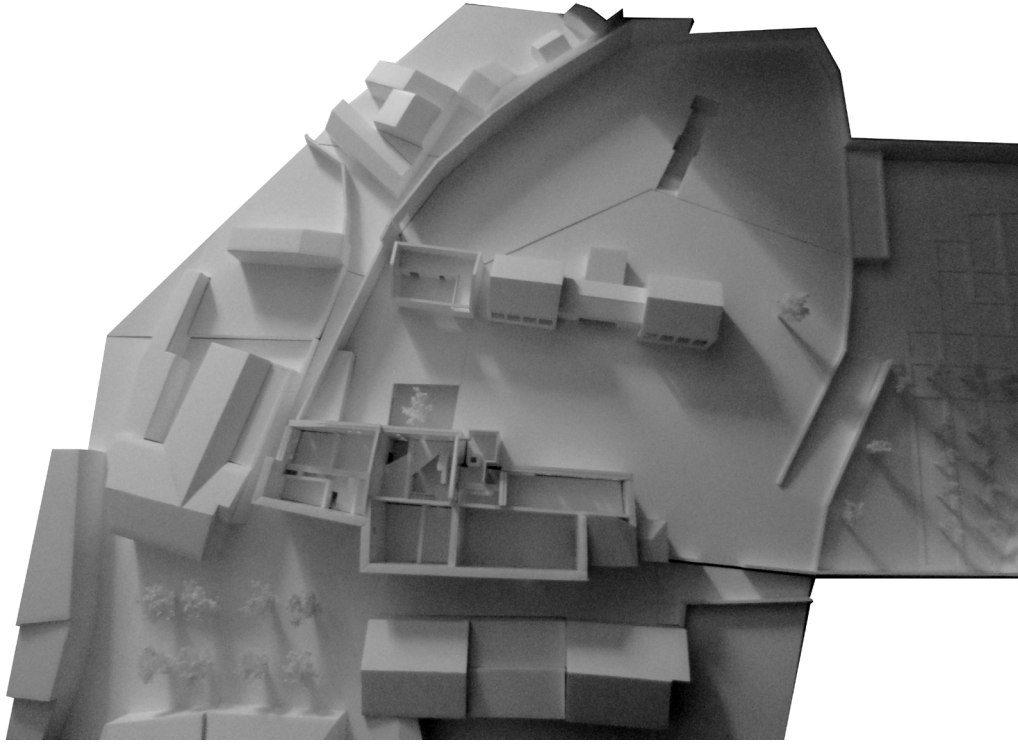
Assim, seria mantido o recente olival plantado na zona nascente e desenvolver-se-ia no restante espaço uma malha de pequenas zonas de horta, que tirando partido do antigo poço ali existente conferiria àquele espaço um carácter lúdico, com a plantação por exemplo de plantas aromáticas e medicinais. Esta prática, em tempos ligada à atividade na botica do convento²²⁶, tornar-se-ia uma proposta aliciante pelas potencialidades de envolvimento da comunidade e visitantes.

Poderiam ser considerados como potenciais utilizadores vários segmentos etários como as crianças (escola), os idosos (centro de dia da Misericórdia de Tentúgal), e também os visitantes que vindos à procura da história, cultura e valores de Tentúgal encontram no Convento um conjunto mais variado e completo de experiências.

Junto ao muro poente da cerca que permitiria criar um espaço de arrumos e de pequenos workshops temáticos em concordância com este tipo de atividades.

Por fim, para a criação de uma proposta que se pretende ser o mais completa possível, reunindo as diferentes vertentes associadas ao Convento do Carmo e de tudo aquilo que representa, tornar-se-ia fundamental a requalificação do Largo do Rossio. Este espaço ancestral, tendo cumprido uma forte importância no tecido urbano, bem como na vida económica e social da Vila, representa nos dias de hoje a porta de entrada do Convento, definindo a primeira imagem do edifício em estudo.

Desta forma toda a zona em frente à fachada principal do Convento seria alvo de intervenção, procedendo-se ao nivelamento do espaço, com a



100. Maquete final - vista interiores
101. Maquete final - vista do Rossio

demolição da plataforma central existente, e devolvendo-lhe assim a sua cota original²²⁷. Pretender-se-ia desta forma solucionar a atual divisão do espaço, que cria zonas estranguladas, sem qualidade urbana ou conforto de utilização.

Nesta operação seriam preservadas as árvores existentes (plátanos) permitindo manter a imagem que caracteriza aquele espaço, ao mesmo tempo que estas constituiriam um filtro entre a zona de passagem da Rua 25 de Abril/ Rua Dom Sisnando e o espaço do Rossio. Esta área arborizada definiria uma zona especial de proteção capaz de transmitir a qualidade e genuinidade dos conjuntos arquitetónicos da envolvente próxima.

O espaço em frente ao Convento ficaria assim livre de obstáculos físicos, possibilitando uma perspetiva mais clara do conjunto edificado constituído pelo Convento e pelo Hospital da Misericórdia, bem como uma imagem equilibrada entre o edificado urbano e a componente paisagística da envolvente.

notas

¹⁰⁸ "Cremos que uma das regras de ouro de uma certa museologia contemporânea é a de não criar espaços artificiais para as peças que tem os seus lugares naturais, não as retirando do seu uso ou da compreensão clara do que já teve" *in* Revista ECDJ Ressurreição Santa Clara a Velha, p. 14

¹⁰⁹ A adoção deste tipo de programa em projetos de intervenção em edifícios de tipologia semelhante demonstram por um lado a capacidade dos mesmos se adaptarem bem a este novo uso, mas também de vantagem evidente pela aproximação das pessoas ao património.

¹¹⁰ Esta intenção aparece de acordo com a tese defendida por Fernando Távora que afirma: "*...pretendeu-se aqui um diálogo, não de surdos que se ignoram, mas de ouvintes que desejam entender-se, afirmando mais as semelhanças e a continuidade do que cultivando a ruptura.*" *in* Fernando Távora, Lisboa: Blau, p.116

¹¹¹ Projeto de 2010, dos arquitetos franceses Chartier e Corbasson, o atual edifício exhibe vestígios de uma sucessão de estratos definidores do seu passado. O programa incorpora um salão (ocupando o espaço da capela), sendo este atravessado por um mezanino pré-existente utilizado hoje para reuniões. Engloba ainda espaços de exposição de receção. Os escritórios do conselho da associação estão no piso superior.

¹¹² Procurava-se esbater a fronteira entre o espectador e o artista colocando-os no mesmo espaço, questionando a fronteira convencional de palco/plateia e aumentando consideravelmente as possibilidades de utilização daquele espaço.

¹¹³ Luigi Snozzi (1932 -) é um arquiteto suíço-italiano. Estudou na ETH Zurich, trabalhou essencialmente em Locarno, Zurique e Lausanne, tendo nesta última lecionado na Ecole Polytechnique Fédérale. A sua arquitetura é marcada por linhas austeras em betão armado, mostrando nos seus projetos um profundo interesse na análise histórica e morfológica do lugar.

¹¹⁴ Eduardo Chillida (1924-2002) foi um dos mais notáveis escultores e gravuristas modernistas espanhóis. As suas obras apresentam formas maciças e abstratas, utilizando maioritariamente materiais como a madeira, o ferro e a pedra, nos quais a luz constitui um forte elemento de composição.

¹¹⁵ O Centro de Arte Contemporânea dos Açores, projeto de 2007, viria a ocupar o que em tempos foi uma Fábrica de Álcool, procurando o diálogo entre a construção existente e as novas construções. Segundo os autores do projeto "O carácter abstracto e neutro do volume destinado às 'reservas', com águas pronunciadas que vão procurar os alinhamentos dos edifícios contíguos da rua – arquétipo da 'casa/fábrica' – passa a ser um ponto de referência urbana, estabelecendo novas relações visuais com a envolvente". É composto por um programa variado que se desenvolve em espaços expositivos, sala multiusos, biblioteca, Espaço Polivalente e bar/cafetaria.

¹¹⁶ A cafetaria (tal como o auditório) volta-se para o Convento, convidando à inter-relação entre os dois espaços, entre o passado e o contemporâneo.

¹¹⁷ *"Nos jardins, o arquitecto contou com a colaboração de M^a João Dias da Costa (arquitecta paisagista) com o objectivo de criar um belo enquadramento para o edifício, tirando partido dos dois hectares compreendidos pela antiga cerca do mosteiro. Sem o imperativo de reintroduzir a agricultura na área, o espaço ficou assim reordenado em três zonas distintas: a zona da piscina, a dos prados e a do laranjal. Esta última zona, com um efeito fundamentalmente visual, aromático e económico, recorda a tradição da laranja do Bouro"* in VAZ, Raquel. (2009) - Património: intervir ou interferir?, p.111

¹¹⁸ "Durante as décadas de setenta e oitenta a maioria da oferta turística era baseada em experiências superficiais e pouco inovadoras, apoiada essencialmente em turismo de "sol e praia". Atualmente assistimos ao desenvolvimento de um perfil de turista que privilegia a qualidade do destino e anseia por experiências que cada vez mais se descolam da posição uniforme, superficial e massificada de outrora" *in* capítulo II desta dissertação

¹¹⁹ Projeto desenvolvido num pátio do antigo Mosteiro dos Cartuxos numa combinação entre a austeridade da vida monástica e da horticultura, com o objetivo de intensificar o sentimento de introspeção. Este projeto teve lugar no âmbito do evento anual de arte "Ortus Artis", organizado pelo estúdio eu.

¹²⁰ Este parque projetado em 2002, em Finow (Alemanha), transforma um antigo espaço industrial num espaço que explora uma rede dinâmica de pequenos jardins temáticos (150 m²) de forma a desenvolver uma experiência intensa entre os visitantes e os vários elementos existentes. Um exemplo de um desses espaços é o "jardim dos sentidos" que mostra o efeito que as plantas aromáticas têm sobre o bem-estar físico e espiritual das pessoas.

¹²¹ Projeto de 2003 e situado no vale da aldeia Nakasato (Japão), este parque constitui um espaço dedicado ao encontro e à reflexão. Na proposta é dada especial importância aos pavimentos enquanto elementos de composição sensitiva.

¹²² A praça constitui um portão de entrada para o lado oeste do campus da Universidade Ben-Gurion, cercada por edifícios existentes e o futuro Galeria Negev. A praça oferece um espaço ao ar livre para as atividades culturais e sociais para estudantes e para a população da cidade. A praça aparece como um tapete de faixas de pavimentação de betão, vegetação e iluminação com bancos e árvores espalhados aleatoriamente.

¹²³ Entre os diversos programas que compõem o projeto de reabilitação do antigo Mosteiro de Santa Clara a Velha seria desenvolvido um projeto de "Horta Monástica". Tendo por base as descobertas relacionadas com a alimentação e botica dentro da cerca monástica este programa constituiria uma ligação entre a prática antiga e a agricultura biológica.

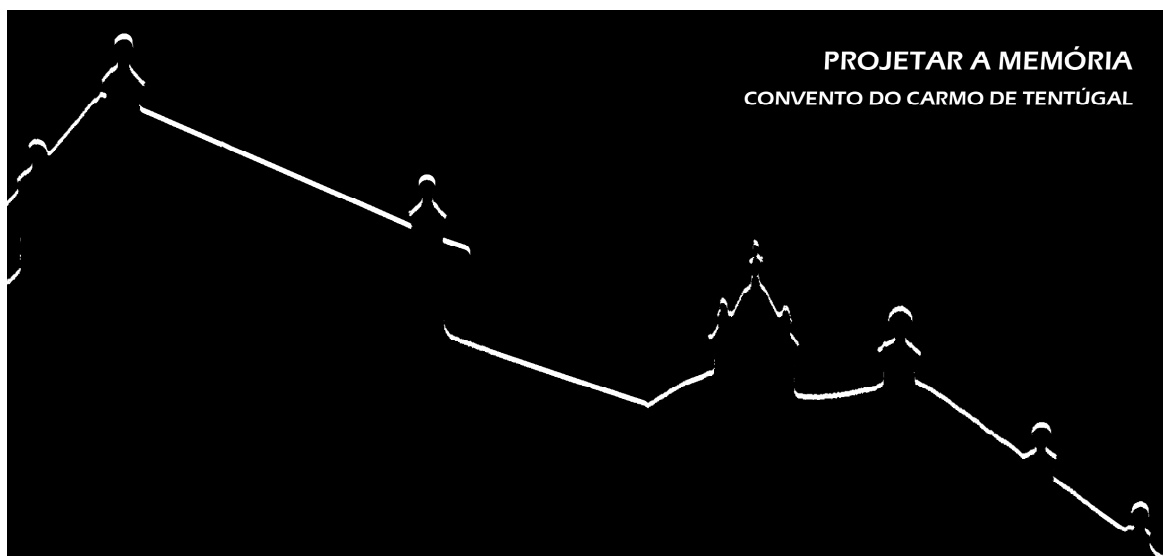
¹²⁴ Referido no capítulo II desta dissertação

¹²⁵ Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal, manuscrito n° 1148. séc. XIX. Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

¹²⁶ Entre as boticas de maior importância e prestígio contavam-se as dos cônegos regulares de Santo Agostinho, nomeadamente a do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, a já referida de São Vicente de Fora e a do convento de Mafra. Mas muitas outras ordens possuíam importantes boticas, tais como dominicanos, jesuítas, carmelitas, beneditinos e oratorianos. Refira-se ainda que algumas casas religiosas femininas, como as carmelitas do convento do Carmo de Tentúgal, usufruíam igualmente de botica. Cf. DIAS, J.P.S. e PITA, R. (1994), A

Botica de São Vicente e a Farmácia nos mosteiros e conventos da Lisboa Setecentista, pp. 19-20

¹²⁷ A atual plataforma existente no Largo do Rossio trata-se de uma construção recente, e através da fotografia presente num postal do início do século XX percebe-se que a plantação dos plátanos será bastante anterior a este elemento, sendo à época este espaço de nível.



Convite

A aluna finalista do Mestrado em Arquitetura Paula Maria Monteiro, a Grã - Mestre do Capítulo da Confraria da Doçaria Conventual de Tentúgal Olga Cavaleiro e o Revmo. Sr. Padre Elcio, convidam V^a Ex^a a estar presente no evento "Projetar a memória - Convento do Carmo de Tentúgal", a ter lugar no dia 27 de Abril de 2013, pelas 20h30, na Igreja de N^a Sr^a do Carmo de Tentúgal.

Apresentação de projeto de reabilitação do Convento do Carmo;

Audiência Pública;

Momento Musical com o grupo coral "Canticus Camarae";

Da proposta teórica à sua aplicabilidade real

A reabilitação e o desenvolvimento rural são temas que se revelam fundamentais na construção da base teórica do tipo de intervenção proposta, verificando-se que estas são áreas intrinsecamente ligadas à vertente humana e à importância entre o território, o património e a sua comunidade. Deste modo, conclui-se que territórios como a Vila de Tentúgal possuem características com grandes potencialidades para atração de pessoas exteriores, com a promoção de atividades de lazer e turismo, por outro lado como já foi referido, este tipo de intervenções se revelam tanto ou mais importantes na sua capacidade de beneficiar e envolver a comunidade local.

Dentro deste paradigma, a presente proposta de projeto no Convento do Carmo, encontraria nesta questão um ponto importante a ser explorado. Se a própria escolha do objeto de intervenção e a definição do programa estava já diretamente ligado à realidade e às necessidades existentes, a dado momento, demonstrou-se determinante procurar inverter o processo procurando divulgar o projeto à comunidade e perceber se o mesmo se adequava às aspirações promotoras da proposta.

Assim, quando se atingiu a fase de conclusão do projeto seria organizada uma discussão pública, envolvendo a comunidade de forma a perspetivar a



103. Apresentação da proposta de intervenção

sua reação e a possível recetividade ou mesmo aceitação da proposta, pretendendo-se aproximar o estudo prévio produzido no desenvolvimento da presente dissertação de mestrado de uma perspetiva mais realista de uma possível aplicabilidade concreta.

Para a realização da mesma seriam envolvidas as entidades com responsabilidade direta àquele património, contando-se com a presença e envolvimento na organização da Grã-Mestre da Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal, entre outros elementos da mesma. Constituindo uma das principais dinamizadoras de atividades e ações de divulgação da Vila e dos seu património, ocupava por isso uma função determinante neste processo. Seriam ainda determinantes a presença do Dr. Leal Pedrosa, representante da Diocese de Coimbra, detentora do edifício, o Presidente da Câmara de Montemor-o-Velho, Dr. Luís Leal, o Vereador do ordenamento do território, Dr. Abel Girão e a vereadora da educação e da cultura Dra. Alexandra Ferreira . Seria ainda requisitada a presença do Prof. Arq. João Mendes Ribeiro, orientador da dissertação e representando assim a Universidade de Coimbra e a vertente académica da proposta.

Seriam produzidos convites e cartazes destinados à convocação da população em geral para que este evento pudesse ser dirigido tanto àqueles que ocupam cargos com responsabilidades diretas de intervenção, mas também que a mesma pudesse constituir uma forma de alerta ao património existente, às suas potencialidades e proveitos dos quais todos poderiam beneficiar, tendo ali espaço para darem a sua opinião e perspetiva relativamente ao tema exposto.

A apresentação da proposta seria constituída por uma breve contextualização histórica do edifício e da sua evolução até aos dias de hoje, seguindo-se a apresentação das opções programáticas, dos espaços a intervencionar e a apresentação da proposta arquitetónica.

Diário de Coimbra

Fundador Adriano Lucas (1883-1950) | Director "in memoriam" Adriano Lucas (1925-2011) | Director Adriano Callé Lucas



FALTAM 5 DIAS

Ricardo quer que público seja amanhã o 12.º jogador
Académica | P26



Ricardo Carriço deu exemplos do que é ser solidário
Coimbra | P5



MUITA E BOA MÚSICA PARA OUVIR NA QUEIMA

Orçamento é mais baixo mas a organização da festa dos estudantes de Coimbra promete levar à Praça da Canção qualidade e muita animação. Cartaz foi ontem revelado [Página 4](#)

Judiciária deteve primeiro suspeito de fogo florestal
Nelas | P21

Barbosa de Melo insiste nas críticas à fusão das águas
Conferência | P32

Noite Branca animou a Baixa de Coimbra



Ruas da Baixa estiveram animadas mas a "ponte" terá prejudicado a iniciativa [Página 3](#)

Antiquários do Ouro
COMPRAS - VENDAS - TROCA - PERMUTAS
Luzes piscantes e de cor-de-rosa
Vale como fratchado
Vale verde e no azul e verde
Montagem profissional e personalizada. 800 900 214

Rua da Louça, n.º 77 Coimbra
T. 238 835 018 | 916 993 927

Gaiteiros e bicicletas marcam encontro
Cantanhede | P19

Tentúgal discute hoje o futuro do Convento do Carmo
Montemor | P13

Macaco "Oteló" continua fugido mas perto do Zoo
Há uma semana | P23

Segundo as reações recolhidas foi possível concluir que em geral os programas adotados relevam-se pertinentes e atrativos, bem como as metodologias e imagem geral das opções tomadas mereceriam a aceitação e recetividade geral. Consideraram-se fatores determinantes a capacidade de relação entre a proposta e a singularidade deste património, harmonizando-se com a sua história e identidade. Assim, a atenção cuidada às características, cultura e valores daquele território refletidas em muitas das áreas propostas seriam consideradas uma mais-valia e um benefício para a sua contextualização e aproximação à realidade local.

Seria ainda valorizada a capacidade de inclusão de variadas vertentes programáticas na construção de um núcleo coeso e diversificado, promovendo a flexibilidade do projeto, beneficiando uma possível realização pela possibilidade de fasear a construção dos diferentes setores de intervenção sem que isso determinasse a eficiência ou mesmo êxito do conjunto.

Conclusão

Tentúgal constitui um território único, de propriedades excepcionais e valores ancestrais. A sua relação com o território envolvente e muito particularmente com o Rio Mondego permitiu-lhe constituir um local especial de povoamento, tendo constituído um ponto de fixação populacional privilegiado e atraído diversas personalidades que lhe proporcionaram grandes benefícios.

Se até ao século XVIII se verifica um período claro de desenvolvimento, a partir daí as vantagens de ligação ao Rio e a associação política tornar-se-iam nefastas e, juntamente com outros fatores a Vila imergiria num estado progressivo de decadência e esquecimento. Porém verifica-se nos últimos tempos um desejo crescente de recuperação e regeneração dos valores patrimoniais e culturais caracterizadores daquele território enquanto busca da sua identidade própria mas também como método de revitalização da Vila.

Este movimento torna-se tanto ou mais relevante considerando que a reabilitação assume atualmente um papel de destaque no campo arquitetónico. A Arquitetura torna-se assim uma área de conhecimento essencial na regeneração destes territórios e com capacidades e ferramentas vantajosas na recuperação e transformação dos mesmos. A consciência da importância do património histórico e arquitetónico viria requerer a atenção

desta disciplina tornando-se num campo de debate de várias teorias e perspectivas que ao longo do tempo evidenciaram a complexidade da qual se revestem as intervenções em objetos com especial importância na caracterização dos territórios e das suas comunidades. Podendo alternar entre visões mais conservadoras ou transformadoras, não é possível definir uma verdade absoluta quanto à forma mais correta de execução, comportando um carácter relativo que se relaciona com o contexto em questão e a perspectiva do autor da proposta.

Os projetos referidos de Fernando Távora e Eduardo Souto Moura demonstram isso mesmo, partindo de tipologias semelhantes e operando de formas opostas chegam a resultados que comportam tanto opções controversas quanto valores inquestionáveis. Conclui-se então que este tipo de intervenção reveste-se de complexidade que de certa forma concorda com a complexidade dos elementos que lhe dão origem, quer sejam dados mais concretos como os materiais, métodos construtivos ou a própria evolução histórica do objeto de estudo, quer comportando elementos tão indefiníveis quanto a cultura e valores identificadores do território, a simbologia do edifício ou mesmo a própria essência do ser humano e da sua atitude na vivência em sociedade.

Apesar dos vários níveis comportados pela **reabilitação**, a Arquitetura tem demonstrado a capacidade de desenvolver propostas capazes de regenerar patrimónios e devolvê-los à sociedade, verificando-se cada vez mais a sua valorização e rentabilização. Neste contexto a associação entre reabilitação e desenvolvimento rural constitui nos dias de hoje uma dinâmica crescente. A par da valorização da vertente rural/natural enquanto destino de turismo individual e especializado, a reabilitação surge enquanto ferramenta essencial na recuperação de patrimónios degradados ou simplesmente esquecidos, transformando-os e permitindo criar uma nova realidade.

A aplicação de métodos sustentáveis e a criação de sinergias entre territórios demonstram hoje grandes potencialidades de desenvolvimento. São exemplo disso vários Programas de Revitalização operados nos últimos anos que através de práticas que associam património, reabilitação, desenvolvimento e turismo, enquanto conceitos-chave, têm potenciado a regeneração e revitalização de territórios e dos seus valores. Dentro deste paradigma tornam-se então notórias as potencialidades da Vila de Tentúgal, este é um território peculiar pelos valores históricos, arquitetónicos e culturais que tem a oferecer.

Deste modo, o aproveitamento das suas propriedades e a divulgação das mesmas, para além do já reconhecido Pastel de Tentúgal, poderia mesmo gerar um movimento de desenvolvimento de todo o território envolvente. A Arquitetura apresenta um papel de relevância acrescida neste processo, uma vez que a identificação do objeto charneira a ser alvo de intervenção poderia dar origem à sua transformação num elemento regenerador daquele espaço.

O Convento do Carmo sendo o símbolo primordial da Vila e dos seus valores, quer pela sua relação enquanto espaço criador da sua doçaria quer pelas suas potencialidades enquanto equipamento causador de novas oportunidades, é encarado neste estudo como um novo pólo cultural detentor de um conjunto de programas necessários e de interesse geral e fulcral na dinamização de Tentúgal em relação ao exterior.

Os programas adotados: museológico, alojamento, auditório e cafetaria, bem como as atividades ligadas à natureza e ao reconhecimento da ambiência própria do seu contexto teriam em conta por um lado as experiências de projetos em tipologias semelhantes mas também as necessidades reais apresentadas pelos principais agentes de promoção da Vila, como é o caso da Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal. Esta vertente de ligação do

projeto à realidade foi colocada à prova com a exposição da proposta em público, tendo as opções tomadas obtido apreciação positiva geral.

Conclui-se assim que territórios como a Vila de Tentúgal possuem características que a Arquitetura pode e deve desenvolver como forma de inversão dos processos de degradação instalados. Se existem alguns riscos de descaracterização em processos de reabilitação e desenvolvimento, é ainda mais evidente que a simples não ação se traduz em consequências nefastas pois como afirma George Kubler "sem mudança não há história e sem regularidade não há tempo".

O projeto arquitetónico, ainda que não seja uma resposta definitiva, constitui um processo de investigação e experimentação contínua que se instrui no tempo, adaptando-se às necessidades de cada época. O contributo da Arquitetura poderá concretizar uma nova realidade sustentável, enriquecedora da história, revitalização de territórios e do seu património e, ainda, recuperação da sua identidade.

BIBLIOGRAFIA

Monografias

Álvaro Siza, Tokyo, A+U Publishing, 1993, isbn 4900211273

AA.VV., *Eduardo Souto de Moura: Santa Maria do Bouro - construir uma Pousada com as pedras de um Mosteiro*, Lisboa, White & Blue, Lda., 2001, isbn 972-8650-06-X

ALÇADA, Margarida e GRILO, Maria Inácia Teles (coord.), *Caminhos do património*, Lisboa, Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais - Livros Horizonte, 1999, isbn 9729763828

AZEVEDO, Carlos de ., *Solares Portugueses. Introdução ao estudo da Casa Nobre*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, isbn 9789722401661

BORGES, Nelson Correia, *João de Ruão: Escultor da Renascença Coimbrã*, Coimbra, Instituto de História de Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra , 1980

BORGES, Nelson Correia, *Coimbra e Região*, Lisboa, Presença, 1987, isbn legado

BRANDI, Cesare, *Teoria do Restauro*, Lisboa, Orion, 2006, isbn 972862008X

CANNATÀ, Michele e FERNANDES, Fátima, *Construir no tempo building upon time - Souto de Moura, Rafael Moneo e Giorgio Grassi*, Estar Editora, 1999, isbn 972-8095-67-8

CASTRO, Teresa (trad.), **Françoise Choay**, *A alegoria do património*, Lisboa, Edições 70, 2006, isbn 9789724412740

CONCEIÇÃO, Augusto dos Santos, *Terras de Montemor-o-Velho*, Coimbra, edição do autor, 1944

COSTA, Alexandre Alves, *A arte de construir a transformação*, Lisboa, Estudos-Património, isbn 2 (2002) 124-128

COSTA, Américo, Dicionário Corográfico de Portugal Continental e Insular, Vol. 7, Porto, Livraria Civilização, 1948

COUCEIRO, João, (coord.), *Urbanidade e património*, Lisboa, IGAPHE : URBE, 1998, D.L. 126644/98 PT

DIAS, Manuel Graça, *João Mendes Ribeiro : arquitectura e cenografia = architecture and set design*, Coimbra, XM, cop., 2003, isbn 9729904200

FORTES, Mário, *O aproveitamento Geral da bacia do Rio Mondego, pelo Sistema Confederativo Sindical Hidrográfico. Memoria sobre os danos do Mondego no campo de Coimbra e seu remédio, por Estêvão Cabral*, Coimbra, Portugália, 1929

FRÓIS, Virgínia (coord.), *Conversas à volta dos Conventos*, Évora, Casa do Sul Editora, 2002, isbn 972866107X

GARCIA, Prudêncio Quintino (coligidos), *Documentos para as biografias dos Artistas de Coimbra*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 1923

GÓIS, António Correia, *A vila de Tentúgal: "Memórias históricas"*, Coimbra, Ediliber Lda., 2001, D.L. 173878/01 PT

GÓIS, António Correia, *As Memórias do Mosteiro de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal 1551-1898*, Coimbra, Ediliber, Lda., 2003, D.L. 196873/03 PT

GÓIS, António Correia, *O concelho de Montemor-o-Velho*, Coimbra, Câmara Municipal de Montemor-o-Velho, 1995, D.L. 91936/95 PT

GOMES, Paulo Varela, *14,5 Ensaios de História da Arquitectura*, Coimbra, Almedina, 2007, isbn 9789724030623

GONÇALVES, A. Nogueira, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Coimbra*, Lisboa, Academia Nacional de Belas Artes, 1952, Vol. IV

GUERREIRO Duarte, BOBONE Vasco d'Orey (coord.), *Pousada Sta. Maria do Bouro : Pousadas de Portugal*, Lisboa, ENATUR, 1997, isbn 9729647240

IPPAR (coord.), *Património : balanço e perspectivas, 2000-2006*, Lisboa, IPPAR, 2006, isbn 9728087772

JACINTO, Rui, (coord.), *Patrimónios, territórios e turismo cultural: recursos, estratégias e práticas*, Centro de Estudos Ibéricos, âncora Editora, 2012, isbn 978-972-780-343-9

KRAUSE, Jan R., *Fibre cement : technology and design*, Berlim, Birkhauser, 2007, isbn 3764375914

LIMA, José Vieira de. (trad.) **George Kubler**, *A forma do tempo: observações sobre a história dos objectos*, Lisboa, Vega, 1998, isbn 9726992362

LOPES, Flávio Monteiro, CORREIA, Miguel Brito, *Património Arquitectónico e Arqueológico: cartas, recomendações e convenções internacionais*, Lisboa, Livros Horizonte, 2004, isbn 9722413074

LYNCH, Kevin, *De Qué Tiempo Es Este Lugar?*, Barcelona, **Gustavo Gili**, 1975, isbn 84-252-2044-0

MAROT, Sébastien, *Suburbanismo y el arte de la memoria*, Barcelona, Land&Scape Series6 -Gustavo Gili, 2006, isbn 9788425219948

MARQUES, Alfredo Pinheiro, *Vida e obra do Infante D. Pedro*, Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar, 1996, isbn 9726624576

MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro e as Origens dos Descobrimentos Portugueses*, Figueira da Foz, Centro de Estudos do Mar, 1994, isbn 9728289006

MONTEIRO, José Charters (trad.) **Aldo Rossi**, *A arquitectura da cidade*, Lisboa, Cosmos, 2001, isbn 9727621260

MORENO, Humberto Baquero, *A acção dos Almocreves no desenvolvimento das comunicações inter-regionais portuguesas nos fins da Idade Média*, Porto, Brasília Editora, 1979

NETO, Maria João Baptista, *Memória propaganda e poder, o restauro dos monumentos nacionais (1929-1960)*, Porto, FAUP publicações, 2001, isbn 972-9483-45-0

Peter Zumthor, Tokyo, A+U Publishing, 1998, isbn 4900211508

PROENÇA, Raúl e Dionísio Sant'Anna (coord.), *Guia de Portugal*, Coimbra, editora, vol. 3 - Beira, 1993, isbn 972-31-0578-0

QUINTELA, António de Carvalho, *A utilização e o domínio da água na bacia hidrográfica do Rio Mondego: Problemas e soluções ao longo do tempo*, Lisboa, Centro de Estudos de Hidrossistemas, 2006, isbn 989200180X

REIS, Manuela; LIMA, Aida Valadas de , “Desenvolvimento, Território e Ambiente” in **VIEGAS, José Manuel Leite; COSTA, António Firmino** (org.), *Portugal que Modernidade?*, Oeiras, Celta Editora, 1998, isbn 972-8027-90-7

RIEGL, Alois, *El culto Moderno a los monumentos*, Madrid, Gráficas Rógar, 1999, isbn 84-7774-001-1

SIZA, Álvaro (prelud.), *Eduardo Souto de Moura : temi di progetti = themes for projects*, Milano, Skira, 1999, isbn 8881183765

SNOZZI, Luigi, *Luigi Snozzi: Monte Carasso, la reivenzione del sito*, Berlim, Birkhauser Verlag, 1995, isbn 3764355964

SNOZZI, Luigi, *Luigi Snozzi : progetti e architetture*, Milano, Electa, 1988, isbn 8843512900

TÁVORA, Fernando, *Da organização do espaço*, 3ªedição, Porto, FAUP publicações, 1996, isbn 972-9483-22-1

TRIGUEIROS, Luiz (ed.) , *Fernando Távora*, Lisboa, Editorial Blau, 1993, isbn 972-8311-29-X

VIOLLET-LE-DUC, Eugéne, *Dictionnaire raisonné de l'architecture française du XI su XVI Siécle*, Paris, A. Morel, vol.10, 1866

VELOSO, Irene e outros, *2º encontro dos programas - Urban e Reabilitação Urbana* - Direcção-Geral do Desenvolvimento regional, 1998, isbn 972-9352-43-7

WALDMAN, Berta e VILLA, Joan (trad.), **Vittorio Gregotti**, *Território da Arquitectura*, S. Paulo, Perspectiva, 1994, isbn 9788527302517

WERMERS, Manuel Maria, *A Ordem Carmelita e o Carmo em Portugal*, Lisboa, União Gráfica, Fátima: Casa Beato Nuno, 1963

Textos não publicados

Aguiar, José Guimarães, *(Re)habitação e Conservação do Património Urbano* in Actas da conferência Re-habitar Centros Antigos, Guimarães, 1998

CAPELO, Ludovina Cartaxo, *Inventário do Convento de Nª Sr.ª do Carmo de Tentúgal*, Arquivo da Universidade de Coimbra, 2007

CAVACO, Carminda, "Turismo rural e turismo de habitação em Portugal", in *Desenvolvimento Rural: Desafio e Utopia*, Lisboa, CEG, EPRU nº 50, 1999, pp. 293-312

CORREIA, Luís Miguel, *Sobre a Intervenção no Património em Portugal: uma questão de identidade*, Coimbra

DIAS, Pedro, *A empreitada do Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal*, Actas do VI Simpósio Luso-Espanhol da História da Arte, Tomar, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Tomar, 1996, pp. 15-62

DIAS, Pedro, *A oficina de Thomé Velho, construtor e escultor do maneirismo coimbrão*, Actas do VI Simpósio Luso-Espanhol da História da Arte, Tomar, Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Tomar, 1996, pp. 20-33

DIAS, Pedro, *O infante D. Pedro e os escultores e pintores*, Coimbra, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Separata de "Biblos", 69, 1993

DIAS, J.P. Sousa; PITA, João Rui — "A Botica de S. Vicente e a Farmácia nos mosteiros e conventos da Lisboa setecentista" *in* A Botica de São Vicente de Fora (catálogo de exposição), Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, 1994, pp. 19-25

FLORES, Joaquim de Moura, "«Património». Do Monumento ao Território Urbano" *in* *Urbanidade e Património*, Lisboa, IGAPHE/URBE, pp.11-17, 1998

GALEGO, Júlia, DAVEAU, Suzanne, *O numeramento de 1527-1532 – Tratamento cartográfico*, *in* Memórias do Centro de Estudos Geográficos, n.º 9, Lisboa, Universidade de Lisboa – Instituto Nacional de Investigação Científica, Centro de Estudos Geográficos, 1986

GONÇALVES, A. Nogueira, *Tomé Velho : artista coimbrão na passagem dos sécs. XVI-XVII* *in* Revista Ocidente n.º 83, Lisboa, p.219, 1972

GONÇALVES, Carla Alexandra, "Thomé Velho, Escultor e Arquitecto do maneirismo Coimbrão" *in* Separata da Revista "Munda", n.º23, Coimbra, 1992

GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – *Plano de Salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Tentúgal*, 1998

MARQUES, Alberto, "Turismo Cultural. Desenvolvimento turístico e oportunidades de negócio" *in* Separata do Correio do Turismo, n.º 6, 1999

Manuscrito n.º 1148, *Apontamentos para a história do Convento de Tentúgal*, séc. XIX, Acessível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

PRATA, Margarida, *As cozinhas do Convento de Nossa Senhora da Natividade de Tentúgal*, 2011

PLURAL, *Plano Director Municipal de Montemor-o-Velho – Análise e Diagnóstico*, 2006

SANTOS, Joaquim R. dos., ALVENAZ, Pedro N., *Reabilitação de conventos e mosteiros para pousadas : breve ensaio*, Trabalho realizado para a disciplina de História da Arquitectura da Licenciatura de Arquitectura da FCTUC, 1999

Periódicos

2GDossier-Portugal 2000-2005, Barcelona, Editorial Gustavo Gili, pp.38-41,2005, issn 1136-9647

Arquitectura Ibérica - nº12 Reabilitação, Casal de Cambra, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, S.A., pp.84-95/112-127/ 170-179, Janeiro-Fevereiro 2006, isbn 972-8801-93-9, issn 1645-9415

Arquitectura Ibérica - nº19 Reabilitação, Casal de Cambra, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, S.A., pp.86-99, Março 2007, isbn 978-989-8010-66-7, issn 1645-9415

Arquitectura Ibérica - nº30 Reabilitação, Casal de Cambra, Caleidoscópio-Edição e Artes Gráficas, S.A., pp.86-95, Fevereiro 2009, isbn 978-989-658-003-2, issn 1645-9415

Darco Magazine: Aires Mateus monografia, Matosinhos, Mesclagama editora, lda., pp.82-95/ 164-173, Março- Abril 2009, issn 1646-950X

DIRECÇÃO GERAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL, *Desenvolvimento Rural: Novas realidades e Perspectivas*, Lisboa, Colecção Estudos e Análises,1997, issn 0873-9145

ECDJ. em cima do joelho.12,Ressurreição Santa Clara a Velha, Coimbra, Serviço editorial do Departamento de Arquitectura da FCTUC, pp.6-58, Outubro 2009, issn 0874-6168

FERRÃO, João, *Relações entre Mundo Rural e Mundo Urbano: Evolução histórica, Situação actual e Pistas para o futuro in Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 33, Celta Editora, 2000, issn 0873-6529

LEADER MAGAZINE, Revista Trimestral do Programa Europeu LEADER II, nº17.

Património Estudos nº11, Portugal, IGESPAR - Departamento de Inventário, Estudos e Divulgação, pp.55-67/ 80-85/ 123-132, Julho 2011,issn 2182-2212

Revista portuguesa de estudos regionais nº11, Coimbra, Associação Portuguesa para o Desenvolvimento Regional, pp.43-64, 1º quadrimestre 2006, issn, 1645-586X

Tectónica estructuras nº 18 rehabilitación (I), Madrid, ATC Ediciones, S.L., pp.48-61, Março 2005, issn 1136-0062

Documentos de Arquivo

Códice 1114 disponível na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

Arquivo da Universidade de Coimbra [AUC], “Inventários de 1858 e de 1898” e “Planta do Convento de Tentúgal e seus anexos de 1899” - *Convento de Nossa Senhora do Carmo de Tentúgal*

Provas Académicas

ALVES, João Emílio, *Património rural e desenvolvimento: Do discurso institucional às dinâmicas locais. O programa Revitalização de Aldeias e Vilas Históricas da Região Alentejo*, Lisboa: [s.n.] ,2002, Tese de mestrado em cidade, território e requalificação apresentada ao Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa

BALTAZAR, Rui Vítor Rico, *Máquinas urbanas : a adaptação funcional dos grandes equipamentos em obsolescência*, Coimbra: [s.n.], 2011, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

CARDOSO, Cristóvão Gabriel Castanho de Oliveira, *Baixo Mondego : identificação de um território*, Coimbra: [s.n.], 2001, Prova Final de Licenciatura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

CARDOSO, João José, *Santas e Casas: as misericórdias do Baixo Mondego e as suas Igrejas nos séculos XVI e XVII*, Coimbra: [s.n.], 1995, Tese de Mestrado em História da Arte do Renascimento e do Maneirismo apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

CARVALHO, António José de Matos Soares de, *Arquitectura setecentista no Baixo Mondego Litoral*, Coimbra: [s.n.], 2011, Dissertação de Mestrado em História da Arte, Património e Turismo Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

COELHO, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*, Coimbra: [s.n.], 1983, Tese de doutoramento em História apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

DIAS, Pedro, *A arquitectura de Coimbra na transição do gótico para a renascença 1490-1540*, Coimbra: [s.n.], 1982, Tese de doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

LOPES, Sandra Andreia Dias Madeira, *Baixo Mondego : memórias de um património colectivo : estudos prévios para um museu de região*, Coimbra: [s.n.], 2002, Dissertação de Mestrado em Museologia e Património Cultural apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

LOUREIRO, Carlos Penim, *A forma da paisagem em arquitectura – contributo para uma metodologia da interpretação do carácter dos lugares e sua transformação no acto de edificar*, Lisboa: [s.n.], 1996, Dissertação de Mestrado em Reabilitação da Arquitectura e Núcleos Urbanos apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade Técnica de Lisboa

LUCAS, Ana Cristina Rodrigues, *O largo da feira : caracterização tipológica na Gândara, Bairrada e Baixo Mondego: estudo do caso de Tentúgal*, Coimbra: [s.n.], 1998, Prova final de licenciatura em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

MARTINS, Alfredo Fernandes, *O esforço do homem na bacia do Mondego : ensaio geográfico*, Coimbra: [s.n.], 1940, Tese de licenciatura em Ciências Geográficas apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

VAZ, Raquel Maria Filipe Álvares Guedes, *Património: intervir ou interferir?: Stª Marinha da Costa e Stª Maria do Bouro*, Coimbra: [s.n.], 2009, Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitectura apresentada ao Departamento de Arquitectura da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra

VENDA, Cátia Filipa Fidalgo de Sousa, *Reabilitação e reconversão de usos: o caso das pousadas como património*, Lisboa: [s.n.], 2008, Dissertação de Mestrado em Arquitectura apresentada ao Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa

Referências eletrónicas

Associação dos Pasteleiros de Tentúgal [Em linha]. [consultado a 22/01/2012]. Disponível em: <http://aptentugal.com.sapo.pt/>

Cesare Brandi [Em linha]. [consultado a 05/02/2013]. Disponível em: http://www.cesarebrandi.org/brandi_chi.htm

Convento das Bernardas [Em linha]. [consultado a 10/04/2013]. Disponível em: http://conventodasbernardas.com/index_destaque.php

Convento dos Lóios [Em linha]. [consultado a 08/04/2013]. Disponível em: <https://www.cm-feira.pt/portal/site/cm-feira/turismo/>

Convento da Orada [Em linha]. [consultado a 29/04/2013]. Disponível em: http://fundacaoconventodaorada.pt/orgaos_sociais.html

Convento da Orada(2) [Em linha]. [consultado a 29/04/2013]. Disponível em: <http://www.neteuro.net/p/photel/index.php?id=3158>

Convento de S. Paio [Em linha]. [consultado a 22/04/2013]. Disponível em: http://www.cm-vncerveira.pt/portal/page/vilanovadecerveira/portal_municipal/Cultura/

Deichmann Square Park [Em linha]. [consultado a 27/01/2013]. Disponível em: <http://www.chyutin.com/>

DIAS, J.P.S. e PITA, R., A Botica de São Vicente e a Farmácia nos mosteiros e conventos da Lisboa Setecentista *in* A Botica de São Vicente de Fora, Lisboa, Associação Nacional das Farmácias, 1994 [Em linha]. [consultado a 12/07/2012]. Disponível em:

<http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:Rycl0kVym-QJ:asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/download/488/490+&cd=3&hl=en&ct=clnk&gl=pt>

Garden Exhibition Eberswalde [Em linha]. [consultado a 09/03/2013]. Disponível em: <http://www.topotek1.de/#/en/projects/chronological/24>

GOMES, Rosa Cláudia Vieira - *Breve Turismo Cultural e Interpretação: Uma Estratégia para Dinamização dos Patrimônios* [Em linha]. [consultado a 20/11/2012]. Disponível em: www.agoracultura.com

LUSO, Eduarda, Paulo B. Lourenço, Manuela Almeida - *Breve história da teoria da conservação e do restauro*, 2004 [Em linha]. [consultado a 03/01/2013]. Disponível em:

<http://www.civil.uminho.pt/cec/revista/Num20/Pag%2031-44.pdf>

MARADO, Catarina Almeida, *A propósito da “envolvente” do património construído: o caso do antigo convento capucho de Loulé* [Em linha]. [consultado a 21/05/2012]. Disponível em:

<http://w3.ualg.pt/~tpanago/public/CatarinaMarado.pdf>

MARTINS, Ana Maria Tavares Ferreira, *Espaço monástico: da Cidade de Deus à Cidade do Homem* [Em linha]. [consultado a 17/01/2012]. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/4408.pdf>

MORENO, Humberto Baquero, *O Infante D. Pedro e o Ducado de Coimbra* [Em linha]. [consultado a 14/07/2012]. Disponível em:

<http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/6508.pdf>

Museu da Marioneta [Em linha]. [consultado a 10/04/2013]. Disponível em:

<http://www.museudamarioneta.pt/gca/?id=117>

Museu de Setúbal [Em linha]. [consultado a 08/04/2013]. Disponível em:

<http://www.mun-setubal.pt/guiaeventos/Espacos/Museus/default.asp>

OLIVEIRA, Ricardo Pessa de, *Para o Estudo da Saúde Conventual no início do século XIX: as boticas* [Em linha]. [consultado a 04/05/2012]. Disponível em:

<http://asclepio.revistas.csic.es/index.php/asclepio/article/viewArticle/488>

Ortus Artis Padula [Em linha]. [consultado a 09/03/2013]. Disponível em:

<http://www.topotek1.de/#/en/projects/chronological/23>

Parque de los cuentos [Em linha]. [consultado a 23/02/2013]. Disponível em:

<http://www.plataformaarquitectura.cl/2013/01/13/museo-parque-de-los-cuentos-en-el-antiguo-convento-de-la-trinidad-aires-mateus-estudio-acta/>

Post industrial meditation park [Em linha]. [consultado a 15/03/2013].

Disponível em: <http://www.ri-eg.com/2003/post-industrial-meditation-park/>

Relatório de Janeiro de 2012 para a candidatura a classificação de Indicação Geográfica Protegida [Em linha]. [consultado a 04/05/2012]. Disponível em:

http://www.gpp.pt/valor/CE_pastel_tentugal_Jan12.pdf

Romantismo[Em linha]. [consultado a 06/05/2013]. Disponível em:

<http://www.historiadeportugal.info/romantismo/>

SALEMA, Isabel, *Museu Grão Vasco reabre com ouro, champanhe e rave: o museu é um primo da pousada do Bouro* [Em linha]. [consultado a 03/07/2013]. Disponível em:

www:<URL:<http://www.almadan.publ.pt/NotPort037.htm>.

SILVA, Luís, *Artigo na revista Etnográfica vol.16 no.3*, Lisboa, 2012 [Em linha]. [consultado a 03/01/2013]. Disponível em:

http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?pid=S0873-65612012000300003&script=sci_arttext

Fontes das Imagens

1. Theatrum Orbis terrarum, opus nunc denuo ad ipso recognitum e fragmento da gravura da área-estudo in RIBEIRO, Ana Patrícia Claro, *A Norte do Sul: Formas de transformação do território da margem esquerda do Mondego*, p.14
2. Mapa desenhado pela autora da dissertação tendo por base o Mapa de Senna Martinez in CARDOSO, Cristóvão Gabriel Castanho de Oliveira, *Baixo Mondego : identificação de um território*, p.29
3. Mapa da Vila de Tentúgal nos primeiros tempos do povoado - Estudo desenvolvido pela autora da dissertação através de descrições documentais
4. Mapa da Vila de Tentúgal durante os séculos XII a XV - Estudo desenvolvido pela autora da dissertação através de descrições documentais
5. Foto antiga da Vila de Tentúgal vista da Torre do Relógio disponível em: <http://aoescorrerdapena.blogspot.pt/2008/05/brevssimo-roteiro-pelo-centro-de.html>
6. Igreja de Nª Sª da Natividade de Tentúgal disponível em: <http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4888079195/in/photostream/lightbox/>
7. Torre do Relógio - disponível em: <http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4956827164/in/photostream/lightbox/http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4956827164/in/photostream/>
8. Palácio e Capela do Infante D. Pedro (1992) - Tentúgal in MARQUES, Alfredo Pinheiro, *A Maldição da Memória do Infante Dom Pedro e as Origens dos Descobrimentos Portugueses*, p. 4
9. Mapa desenhado pela autora da dissertação tendo por base o Mapa da fig. 13 em COELHO, Maria Helena da Cruz, *O Baixo Mondego nos finais da Idade Média*
10. Hospital de São Pedro e São Domingos in: <http://www.panoramio.com/photo/52574221>
11. Igreja da Misericórdia - Foto da autora da dissertação
12. Mosteiro do Carmo disponível em: https://www.facebook.com/pastelariaafonso?sk=app_2309869772&filter=1
13. Largo do Pelourinho (Tentúgal) início do século XX disponível em: <http://jornalmontemor.wordpress.com/>

14. Janela Manuela da Quinta do Lapuz disponível:
<http://tentugal.com.sapo.pt/pagina/Janela3.gif>
15. Solar da Família Gavicho - Foto da autora da dissertação
16. Solar da Família Cunha e Melo - Foto da autora da dissertação
17. Solar dos Coelhos Farias Amorins da Silva disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4956613083/in/photostream/lightbox/>
18. Mapa da Vila de Tentúgal - século XVIII - Estudo desenvolvido pela autora da dissertação através de descrições documentais
19. Mapa desenhado pela autora da dissertação tendo por base o Mapa de 1703 que representa o leito do rio antes das obras de Estevão Cabral in PROENÇA, Raúl e Dionísio Sant'Anna (coord.), Guia de Portugal, vol.3
20. Mapa desenhado pela autora da dissertação tendo por base a Carta Militar de Romão Eloy de Almeida (1808)
21. Mapa desenhado pela autora da dissertação tendo por base o Mapa de 1880 de Adolpho Loureiro
22. Postal ilustrado o forte assoreamento do Rio Mondego disponível em:
<http://filatelica.aac.uc.pt/postais.php>
23. Travessia do Rio Mondego em Montemor-o-Velho disponível em:
<http://albuminasetc.blogspot.pt/2009/12/colecao-foto-beleza-moreira-campos-rua.html>
24. Análise do núcleo urbano de Tentúgal desenvolvido pelo GEP da Câmara de Montemor-o-Velho disponível in GTL - Gabinete Técnico Local de Montemor-o-Velho – *Plano de Salvaguarda e valorização do Centro Histórico de Tentúgal*, 1998
25. Eugène Viollet-le-Duc disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/Eug%C3%A8ne_Viollet-le-Duc
26. John Ruskin disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/13.152/4595>
27. Camillo Boito disponível em: http://it.wikipedia.org/wiki/Camillo_Boito
28. Gustavo Giovannoni disponível em: <http://www.babelio.com/auteur/Gustavo-Giovannoni/140120/photos>
29. Cesare Brandi disponível em: http://it.wikipedia.org/wiki/Cesare_Brandi

30. Pousada Santa Marinha da Costa disponível em:
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=5679
31. Pousada Santa Maria do Bouro disponível em:
<http://www.notodohoteles.com/hotels/Braga/pousada-de-santa-maria-do-bouro>
32. Pousada Santa Maria do Bouro disponível em: [http://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g1190966-d241755-Reviews-Pousada de Amares Santa Maria do Bouro-Amares Braga District Northern Portugal.html](http://www.tripadvisor.com.br/Hotel_Review-g1190966-d241755-Reviews-Pousada_de_Amares_Santa_Maria_do_Bouro-Amares_Braga_District_Northern_Portugal.html)
33. Convite Pastel de Tentúgal (7 Maravilhas da Gastronomia Portuguesa) disponível em:
http://www.cm-montemorvelho.pt/aconteceu_2011/20110701_1.asp
34. Fotografia da Procissão dos candeeiros disponível em:
http://www.cm-montemorvelho.pt/aconteceu_2013/20130321_1.asp
35. Artigo de jornal disponível em: <http://tentugal.blogspot.pt/>
36. Cartaz de um dos eventos organizados pela Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal disponível em: http://www.agricabaz.org/2008_10_01_archive.html
37. Artigo de Jornal disponível em: <http://pasteldevouzela.blogspot.pt/2008/05/compete-nos-felicite-los.html>
38. Jornal DIÁRIO DE NOTÍCIAS na edição de 10 de Julho de 1980 disponível em:
Jornal <http://tentugal.blogspot.com/>
39. Artigo sobre a presença do Pastel de Tentúgal além fronteiras disponível em:
<http://www.dinheirovivo.pt/Faz/Artigo/CIECO081001.html>
40. Procissão dos candeeiros disponível em:
<http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/correio-do-leitor/procissao-dos-candeeiros-em-tentugal>
41. Cartaz de evento organizado pela Confraria de Doçaria Conventual de Tentúgal disponível em: http://cdctentugal.blogspot.pt/2009_12_01_archive.html
42. Portal de entrada do convento - Foto da autora da dissertação
43. Maquete de estudo da proposta a 14 Nov. - Foto da autora da dissertação
44. Maquete final - Foto da autora da dissertação
45. Ponte junto aos Campos do Baixo-Mondego disponível em :
<http://www.flickrriver.com/photos/vitor107/sets/72157604215577066/>

46. Foto Vila de Tentúgal disponível em:
<http://www.panoramio.com/photo/52568915>
47. Capela de Nª Sª das Dores disponível em:
http://www.freguesiadetentugal.net/site/index.php?option=com_rsgallery2&page=inline&id=96&Itemid=49
48. Foto de Tentúgal (2) disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4956240579/in/photostream/>
49. Convento do Carmo disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/52574190>
50. Maquete final - Foto da autora da dissertação
51. Postal antigo do Convento do Carmo - http://www.cm-montemorvelho.pt/aconteceu_2008/110072008.htm
52. Largo do Rossio disponível em: <http://www.panoramio.com/photo/52569688>
53. Frontispício da Igreja da Misericórdia disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/vitor107/2926037025/>
54. Torre dos sinos - Foto da autora da dissertação
55. Portal Igreja do Convento do Carmo disponível em:
<http://www.panoramio.com/photo/32425410>
56. Portaria do Convento do Carmo disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/sets/72157624752478293/>
57. Escola Primária disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/with/4957051450/>
58. Vista Norte do Convento do Carmo disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/page2/>
59. Plantas de análise das etapas construtivas- desenvolvida através de análise dos documentos disponíveis
60. Coro-alto e Portaria - Fotos da autora da dissertação
61. Planta Original do Levantamento de 1899 - Arquivo da Universidade de Coimbra
62. Plantas com descrição dos espaços - desenho da autora da dissertação
63. Plantas dos vários pisos - Levantamento atual desenvolvido pela autora da dissertação

64. Axonometria do edificado atual - desenho da autora da dissertação
65. Planta estratégica dos espaços a intervir - desenho da autora da dissertação
66. Maqueta Museu Convento de Jesus de Setúbal disponível em:
http://jlcg.pt/additional_work/setubal
67. Maqueta Parque de los Cuentos disponível em:
<http://www.plataformaarquitectura.cl/2013/01/13/museo-parque-de-los-cuentos-en-el-antigo-convento-de-la-trinidad-aires-mateus-estudio-acta/>
68. Fotografia aérea do Convento de San Payo disponível em:
<http://amigos-de-portugal.blogspot.pt/2011/09/o-convento-de-san-payo-foi-fundado-nos.html>
69. Convento das Bernardas disponível em : <http://www.ownersdirect.co.uk/portugal/P12155.htm>
70. Esquisso do Convento da Orada disponível em:
http://www.flickr.com/photos/bonecos_de_bolso/3061535341/
71. Exposição da Maquete final da proposta - Foto da autora da dissertação
72. Maquete final - Foto da autora da dissertação
73. Maquete final - Foto da autora da dissertação
74. Fachada Norte do Convento - Foto da autora da dissertação
75. Desenhos dos alçados atuais - Levantamento pela autora da dissertação
76. Maquete de estudo - Foto da autora da dissertação
77. Construções dissonantes dentro do perímetro conventual - Foto da autora da dissertação
78. Maquete final das escolas - Foto da autora da dissertação
79. Edifícios escolares - Foto da autora da dissertação
80. Maquete final - Foto da autora da dissertação
81. Presépio de Machado de Castro existente no Convento - Foto da autora da dissertação
82. Piso intermédio - maquete - Foto da autora da dissertação
83. Esquemas da estratégia de intervenção - desenho da autora da dissertação

84. Cortes vermelhos/amarelos - desenho da autora da dissertação
85. Planta piso térreo do museu e auditório - desenho da autora da dissertação
86. Quarto do núcleo de alojamento - imagem realizada pela autora da dissertação
87. Torre de leitura do núcleo de alojamento - imagem realizada pela autora da dissertação
88. Maquete final - Foto da autora da dissertação
89. Corte pelo museu e auditório - desenho da autora da dissertação
90. Maquete final - Foto da autora da dissertação
91. Corte pelo núcleo de alojamento e entrada do auditório- desenho da autora da dissertação
92. Maquete final - Foto da autora da dissertação
93. Espaço interior da cafeteria - imagem realizada pela autora da dissertação
94. Planta geral com espaços exteriores - desenho da autora da dissertação
95. Maquete final - Foto da autora da dissertação
96. Cisterna, antigo Largo do Faria disponível em:
<http://www.flickr.com/photos/51722444@N04/4956483461/>
97. Eberswalde Park disponível em: <http://www.publicspace.org/en/works/c157-landesgartenschau-eberswalde-2002>
98. Deichmann Square Park - Chyutin Architects disponível em:
<http://www.contemporist.com/2011/01/17/the-deichmann-square-by-chyutin-architects/>
99. Maquete final - Foto da autora da dissertação
100. Maquete final - Foto da autora da dissertação
101. Maquete final - Foto da autora da dissertação
102. Convite da apresentação da proposta de intervenção - desenho da autora da dissertação
103. Apresentação da proposta de intervenção - Foto cedida pelo fotógrafo da Câmara Municipal de Montemor-o-Velho
104. Notícia no Diário de Coimbra de 27 de Abril de 2013